

VARAL DO BRASIL

Literário sem frescuras!

ISSN: 1664-5243

Genebra, janeiro/fevereiro de 2016 - Edição nº 39 - Ano 7



**O VARAL DO BRASIL
DESEJA A
TODOS
OS AMIGOS
UM FELIZ
2016!**

VARAL DO BRASIL

Literário, sem frescuras!

ISSN: 1664-5243

Edição nº 39

Genebra, inverno 2016



EXPEDIENTE

Revista Literária VARAL DO BRASIL
Literário, sem frescuras!
Ano VII - Nº 39 - Genebra - CH
ISSN 1664-5243
ISSN e marca VARAL DO BRASIL registrados
em Berna, Suíça.
Publicação bimestral.

Copyright

© Cada autor detém o direito sobre o seu texto
aqui publicado.

© Os direitos da revista pertencem a Jacqueline
Aisenman.

O Varal do Brasil é promovido, organizado e
realizado por Jacqueline Aisenman

Site do VARAL:

www.varaldobrasil.com

Blog do VARAL:

www.varaldobrasil.blogspot.com

Textos: Vários Autores

Ilustrações: Vários Autores

Foto capa: © Shutterstock

Foto contracapa: © Shutterstock

Foto página 3: © Akvafoto 2012 Fotolia

Algumas imagens encontramos na internet
sem o nome do autor. Se for uma foto ou um
desenho seu, envie um e-mail aqui para a gente
e teremos o maior prazer em divulgar o seu
talento.

Revisão parcial de cada autor

Revisão geral VARAL DO BRASIL

Composição e diagramação:

Jacqueline Aisenman

A distribuição ecológica em formato PDF é feita
através de e-mail, blogs, sites e redes sociais
de forma gratuita. Todas as edições estão
disponíveis gratuitamente para download no
site do VARAL através da plataforma SCRIBD.

Se você deseja participar do VARAL DO BRASIL
Nº 40 envie seus textos até 5 de fevereiro de
2016 para: varaldobrasil@gmail.com

Tema MULHER

Toda participação é gratuita.

ATIVIDADES DO VARAL

- ESTÃO ABERTAS AS INSCRIÇÕES
PARA A EDIÇÃO DE MARÇO COM
O TEMA
MULHER. ENVIO DE TEXTOS ATÉ
05 DE FEVEREIRO.
- ESTÃO ABERTAS AS INSCRIÇÕES
PARA A EDIÇÃO ESPECIAL DE
PÁSCOA. ENVIO DE TEXTOS
ATÉ 25 DE FEVEREIRO (FALE
DA PÁSCOA, DE AMOR, DE
ESPERANÇA, DE PAZ, DE
RENASCIMENTO!)

FIQUE ATENTO, NO VARAL AS
COISAS ACONTECEM!
PARTICIPE! INSCREVA-SE!

varaldobrasil@gmail.com



A REVISTA VARAL DO BRASIL
CIRCULA NO BRASIL DO AMAZONAS AO
RIO GRANDE DO SUL...

TAMBÉM LEVA SEUS AUTORES
ATRAVÉS DOS CINCO CONTINENTES.
QUER DIVULGAÇÃO MELHOR DOS
SEUS ESCRITOS?

VENHA FAZER PARTE DO
VARAL DO BRASIL!

E-mail:

varaldobrasil@gmail.com

Site:

www.varaldobrasil.com

BLOG DO VARAL:

www.varaldobrasil.blogspot.com

VARAL ESTENDIDO!

Olá amigos de tantos lugares que tenho o prazer imenso de ter como companhia! É uma grande satisfação iniciar mais um ano junto de vocês. Alguns fazem parte desta amizade desde o primeiro número de nossa revista, lá em 2009. Outros foram chegando aos poucos e hoje somos um grande grupo de amigos que tem a literatura como traço de união. Esta união é, com certeza, uma das maiores alegrias que tenho.

Início este ano com todos os agradecimentos possíveis: aos leitores, que amavelmente nos recebem, nos leem, comentam e, em muitos casos, depois também escrevem conosco na revista. A cada um dos escritores presentes porque, não importa de onde venham, não importa as dificuldades que enfrentam no seu cotidiano, tomam de suas vidas um tempinho, escrevem e nos enviam seus textos para publicação. Muito obrigada a todos vocês!

Agradeço também minha família, pela compreensão, pela ajuda, pelo carinho com que me auxiliam e me apoiam.

Enfim, agradeço ao Universo, esta imensidão cósmica que nos abriga e nos preenche com a energia do amor para que possamos viver da melhor forma possível.

Deixamos para trás 2015 e tudo o que ele representou para nós, seja o bom, seja também o que não foi tão bom. A experiência de mais um ano de vida soma-se em nossas mentes e corações, deixando-nos sabedoria para melhor viver e compreender a vida.

Sabemos todos que para muita gente foi um ano bastante difícil. Entre a terrível falta de paz em tantos lugares do planeta e as catástrofes

naturais (e outras que sabemos bem que não foram nem um pouco naturais!), muitas pessoas morreram, outras passaram o ano se erguendo de perdas e dissabores. Por isto mesmo, quero aqui deixar minha mensagem de Paz e de Amor, meu desejo de harmonia entre os povos e respeito do homem em relação aos seus semelhantes e à natureza. Porque só assim, com paz, amor e respeito, poderemos ter uma convivência digna uns com os outros.

Com o Varal do Brasil realizamos em 2015 muitos projetos: editamos nossa quinta antologia que foi lançada aqui na Suíça. Participamos do 29º Salão Internacional do Livro e da Imprensa de Genebra. Entre a Suíça e o Brasil fizemos a doação de mais de mil e quinhentos livros para escolas brasileiras e associações suíças, brasileiras na suíça e também para a Prisão Estadual do Cantão de Genebra, a qual já há alguns anos vem recebendo constantes doações de nossa parte. Estas doações têm proporcionado um eco muito positivo, pois pessoas que não teriam fácil acesso à literatura passaram a ler com maior frequência e convivem agora com livros dos mais diversos estilos, abrindo horizontes!

Participamos também da Feira do Livro e Festa Lusófona, realizada pela Associação Luso-Suíça Laços e que contou com participantes de várias nacionalidades representativas da Língua Portuguesa. Fomos convidados para representar o Brasil levando títulos de autores brasileiros e fazendo leitura de textos brasileiros.

Para 2016 sigo com nossos projetos e, já que em 2015 aqui no Varal fomos bastante ativos, não é agora que chega um ano fresquinho e inerte para viver que deixaremos nossas lutas literárias de lado! Assim, vamos nos preparando para viver o maior evento literário suíço pela

quinta vez: o trigésimo Salão Internacional do Livro e da Imprensa de Genebra. Nesta edição tão especial, que será muito comemorada, desejamos ter a grande alegria de contar com sua presença, ou, se não puder vir pessoalmente, com a presença de suas obras. Para isto, entre em contato conosco que ficaremos felizes em enviar, sem compromisso, as informações necessárias para o seu conhecimento e participação.

Atualmente somos uma das mais lidas, senão a mais lida revista literária feita para a Língua Portuguesa. Uma revista feita por uma escritora, com muitos escritores, para leitores que quase sempre se tornam também escritores! Sem receber nenhuma forma de subsídio ou patrocínio, seja de empresas privadas ou órgãos públicos, entramos no sétimo ano de divulgação da Língua Portuguesa em vários países. Somos totalmente independentes e, graças a esta independência, publicamos livremente em nossos espaços, os textos de nossos colaboradores, sem nenhum tipo de cobrança. Também divulgamos os textos, livros e eventos dos amigos do Varal de forma totalmente gratuita em nossos variados espaços para que o acesso à literatura seja a cada dia mais amplo.

Amigos, continuemos juntos em 2016, continuemos nosso caminho literário com alegria, força, talento, criatividade e, acima de tudo lealdade e respeito uns em relação aos outros! A todos meu desejo de paz, de amor, saúde e muitas alegrias em 2016!

Feliz Ano Novo!

Jacqueline Aisenman
Editora-Chefe
Varal do Brasil



OS TUBARÕES DA LITERATURA

JACQUELINE AISENMAN

Literatura é em geral uma área onde encontramos pessoas sensíveis, ricas em emoções e talentos distintos.

Mas, infelizmente, nos últimos tempos, tem sido também uma área onde o número de “tubarões” vem crescendo muito. Aliás, nunca vi tanto “tubarão” como ultimamente... Gente capaz de grandes falsidades e de muita deslealdade (perdoem-me os tubarões pela analogia, eles que nem são assim!). Gente sem decoro e que desonra a profissão de escritor e/ou de produtor literário.

Neste nosso meio onde a sensibilidade impera, onde a experiência nem é pré-requisito para existir, há pessoas com tamanha insensibilidade e com tanta ganância que chegam, estes últimos, a esquecer que devemos respeito uns aos outros e também ao leitor que é quem recebe nossas emoções.

É um concurso de quem dá mais, quem aparece mais, quem promete mais. Tudo aparência. E de aparência e promessas vãs não pode viver verdadeiramente o mundo literário sem perder a sua essência!

Talento todos temos. De um jeito ou de outro, para alguma coisa mais que para outras. Porque, felizmente e como todos sabem, gosto é uma questão muito pessoal e, amém!, há espaço para todos!

Mas não é uma questão de talento. É de ambição desmedida, de avidez, de pura cupidez que levam a ações baixas, mentiras desleais e uma toxicidade extremamente elevada.

Perde a arte, perde a cultura, perde a literatura! Uma pena. Pois um campo onde o único adubo que deveria haver é aquele do amor e da amizade, é fertilizado por muitos com veneno dos mais fortes. Me dá pena escrever isto, mas a realidade ultrapassa meus sentimentos.

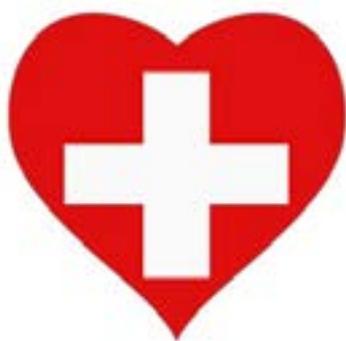
Triste!

PENDURADOS NESTA EDIÇÃO

- ADENILZA ALMEIDA LIRA
- ADINA WORCMAN
- AGLAÉ TORRES
- AGUINALDO LOYO BECHELLI
- ALDO MORAES
- ALDO NORA
- ALESSANDRO BORGES
- ANA ESTHER B. PITHAN
- ANA FLORES
- ANA ROSENROT
- ANCHIETA ANTUNES
- ANGÉLICA VILLELA SANTOS
- ANGELO FALEIRO
- ANTÔNIO MARCOS BANDEIRA
- BENILDA CALDEIRA ROCHA
- CAMILA GOMES
- CARLA DE SÁ MORAIS
- CARLOS HENRIQUE
- CARMEN LÚCIA HUSSEIN
- CERES MARYLISE REBOUÇAS
- CÉSAR SOARES FARIAS
- CIRAIANE AGUIAR
- CRISTINA CACOSI
- DANIEL DE CULLA
- DANILO OIAN
- DELMAR MAIA GONÇALVES
- DILERCY ADLER
- DINORÁ COUTO CANÇADO
- DIULINDA GARCIA
- ELOÍSA ANTUNES MACIEL
- ELOÍSA MENEZES PEREIRA
- EMANUEL MEDEIROS VIEIRA
- EMÉRITA ANDRADE
- FÁTIMA SILVA
- FELIPE CATTAPAN
- FERNANDO SORRENTINO
- FRANCISCO DE PAULA
- GENI PIRES DE CAMARGO PRADO
- GERMANO MACHADO
- GILBERTO NOGUEIRA DE OLIVEIRA
- GILDA FREITAS
- GILSON LIMA
- GLADSTON SALLES
- HEBE C. BOA-VIAGEM A. COSTA
- HUGO FEDERICO ALAZRAQUI
- IOLANDA MARTHA BELTRAME
- ISABEL C. S. VARGAS
- IVAN BRAGA
- IVANE LAURETI PEROTTI
- IZABELLA PAVESI
- JACQUELINE AISENMAN
- JAIME CORREIA
- JANETE ROCHA
- JANIA SOUZA
- JÔ MENDONÇA ALCOFORADO
- JOSÉ CARLOS SIBILA
- JOSÉ HILTON ROSA
- JOSÉ LUIZ DA LUZ
- JOSÉ ROBERTO ABIB
- JÚLIA CRUZ
- KAIQUE BARROS MORAES
- LUCIA BARCELLOS
- LYA GRAM
- MARCO DI SILVANNI
- MARIA APARECIDA FELICORI (VÓ FIA)
- MARIA LUÍZA VARGAS RAMOS
- MARIA (NILZA) DE CAMPOS LEPRE
- MARILU F. QUEIRÓZ
- MARINA GENTILE
- MÁRIO REZENDE
- MARLY RONDAN
- MAURÍCIO ANTONIO VELOSO DUARTE
- MAURÍCIO LIMA
- NANA ABUD
- ODENIR FERRO
- OLIVEIRA CARUSO

PENDURADOS NESTA EDIÇÃO

- OSIRIS (DUARTE) RORIZ
- PAOLA RHODEN
- PAULO GONTRAN
- PAULO PIRES
- PEDRO DU BOIS
- PEDRO HAUSSMANN
- RAFAEL REYS
- RAPHAEL MIGUEL
- RENATA CARONE SBORGIA
- RENATA DAL-BÓ
- ROGÉRIO ARAÚJO (ROFA)
- ROGÉRIO ALVARENGA
- ROZELENE FURTADO DE LIMA
- SANDRA ROSENFELD
- SELMA ANTUNES
- SILVIO PARISE
- TERESINKA PEREIRA
- URDA ALICE KLUEGER
- VALQUIRIA IMPERIANO
- VERA SALBEGO
- VITÓRIO PEREIRA DA SILVA
- VIVALDO TERRES
- WALNÉLIA CORRÊA PEDERNEIRAS
- YARA DARIN
- ZAURA LEYNE



VARAL DO BRASIL

Literário, sem frescuras!
Há mais de seis anos
unindo o Brasil e a Suíça
através da Literatura!



HUGO

POR ADENILZA ALMEIDA LIRA

Outro dia conheci Hugo. Menino pobre, sem muito estudo. Não era Cabret nem vivia na estação. Sua casa era a rua e sonhos já não tinha. Dizia que tentar mudá-lo só Helena, a professora, mas nem ela jeito lhe deu. Preferiu a escola da vida...

Hugo não sabia da mãe. Há anos o abandonara. Moça pobre, sem cultura, engravidou e dele não pôde cuidar...

Por muitas mãos passou e ninguém se preocupou em o bem lhe ensinar. Aprendera como Cabret para viver a roubar...

Dias passei sem Hugo de novo ver. Não sabia onde poderia estar, nem a quem sobre ele perguntar. Fui para casa, então, descansar.

Como sempre a televisão liguei, e pasma fiquei quando naquele programa policial eu vi: “Hugo da Silva, menino sem história, morto por policiais, torna-se hoje nossa triste história e talvez para alguém mais...”





Imagem by TawnyNina

MOMENTO DE REFLEXÃO

POR ADINA WORCMAN

Cá estou eu no meu cantinho
Encolhida em pensamentos
Num momento de reflexão.

Penso em mim, penso na vida
Espero uma luz, algo tangível
Que me faça acordar
E tomar uma decisão.

A vida é breve, os anos passam
Ainda sou moça
Mas isto também passa
Preciso tomar uma grande decisão.

Do fundo da minha alma
Um grito ecoa
É chegada a hora
Eu quero ser Mãe.

A man with white hair, wearing a dark cap, glasses, a dark vest over a light blue long-sleeved shirt, and dark pants, is sitting on a wooden bench. He is looking towards a tall, ornate street lamp on the left. The scene is set at sunset or sunrise, with a dramatic sky of orange, yellow, and grey clouds. The street lamp has a glowing yellow light. The man is sitting on a wooden bench with a red backrest. The background shows a stone wall and a cloudy sky.

TRILOGIA DO AMANHÃ

POR AGLAÉ TORRES

I

Na cabana dos impossíveis
rasgam-se as cortinas
do amanhã.
Sob as lâmpadas do futuro
com dedos de imaginação
tecem-se poemas
- cantos surdos –
na emudecida manhã.

II

Na agonia de amanhãs
sem espera
a ilusão de presentes
sem chegada
trazendo o absurdo
de ideias loucas
em um mundo perdido
do ideal.

III

Na voz de silêncios
nas respostas do vento
pensamentos
- em escuro –
explodem ideias
morrendo na espera
de existir.

LÁGRIMA CONTENTE

POR AGUINALDO LOYO BECHELLI

Tinha cara de Valdomiro e se chamava Valdomiro. Eu o tratava por Mirinho, nosso canário amarelo-olivácea. Ainda menino, papai incumbiu-me de tratar dele. Alpiste, água, limpar a gaiola. Mirinho logo pegou intimidade. Vinha no meu dedo. Aninhei-me com ele. Mas encuquei: como pode um preso cantar? Afinal, a alma do pássaro é o vôo. Cantar preso seria prece? Como pode ser canoro na escravidão? Que inocência é essa? O covarde que aprisiona não merece. E resolvi esquecer a gaiola aberta. De “pena”.

Meu pai não ralhou. Apenas aconselhou a deixar a porta aberta. Mirinho já não era jovem, não saberia buscar comida. Com efeito, planava perambulando pelas árvores do quintal e para-peito das janelas. Quem sabe, do nada, tudo: uma companheirinha. Voltava para se alimentar e conferir os poleiros. Ah, éh! Dormia na gaiola. Virou ninho. Agora, pássaro livre, com teto. E não perdeu a coragem de ruflar as asas, voar, desfrutar da leveza ao sentir a brisa, embora em tardia aleluia.



Dei uma vassourada no rabo do Manolo, o gato, lasquei bronca de estivador. Bastou. Numa mais correu atrás do Mirinho, que em comemoração caprichou num trinado de soprano ligeiro. Deboche!

Ao flunar pelos telhados, Mirinho observou não ser o único confinado. É ver: o vizinho tinha a liberdade do leão, podia fazer o que queria, desde que não saísse de dentro da jaula. O cachorro passeava na coleira. O motorista dirigia com as portas travadas, vidros pretos, cerrados. A maioria angustiada, presa ao tempo para não chegar atrasada. E o apito da fábrica, apenas em intervalos, liberta um montão de angustiados. Eu mesmo, nesta reminiscência, sinto no peito um pássaro enclausurado que quer voar.

Numa tardinha, ouvi pios que não eram gorjeios. Na gaiola não estava. Achei-o postado no gramado com o biquinho caído. Seu olhar nunca foi arguto apesar de luzidio, mas o quadro ali visto mostrava olhos embaciados. Disperso, parecia desistir. Levei-o pra gaiola, cobri com um pano. Estava esfriando.

Enterrei-o embaixo da goiabeira.

De manhãzinha eu sempre dava uma espiada na gaiola. De porta aberta. Quem sabe, uma sombra voante!

Imagem by Noel-Herrerab



Imagem by Phase4Photography - Fotolia

A CHEGADA DO AMOR

POR ALDO MORAES

De que jardim saíste
De alguma nuvem
Um outro céu
Nova lua nova despencaste?

Que flor, que nome nasceste
Em que morada, que ano
Que rio, que terra te abrigaste?

Brincando nos sonhos, te encontrei.

Sonhando em brinquedos, te avistei.

Desenho um rosto.

Pela eternidade, te beijei.

LAGUNA – FRONTEIRA DO MUNDO

POR ALDO NORA

Oh! Senhor! Que boas novas nos dás?
Essa elegante e ligeira escuna
Que corta o azul sereno do mar,
Vem de longe, chega a Laguna
Com a boa nova da paz.
Lá na distante Europa, num lugar
Chamado de Tordesilhas, dois reis
Com seus ministros e diplomatas
Mais os chanceleres e doutores das leis
Rabiscado e determinado em atas
Diz-se que o mundo fica dividido em dois.

-- Para que não haja mais guerra
E para que mais sangue não corra
Nesta, ainda, incalculável terra
E para que em enganos não se incorra
O mundo agora é pertença de dois.

E entre os dois potentados
Tendo como juiz um papa
Imaginária linha é traçada
Tudo em segredo de estado
Entre dois reis e à socapa.

Singra o mar azul a elegante escuna
Vem de longe e vem ligeira
Dar a notícia a Laguna:
Entre os dois mundos -- fronteira



Imagem by Wilma Fernandes Faust



E, então, na primeira caravela
Aportou Domingos de Brito à terra
Nela pisou... olhou em derredor
E percebeu que era boa e bela,
De mar azul, vestida de verde a serra.
E aqui ficou como capitão-mor.

E logo muitos vieram dos Açores,
Continente, Porto Santo e Madeira,
Elegendo o trabalho c'o a enxada,
Deixando para trás as suas dores
E com todo o amor e à sua maneira
Deram seu labor à nova pátria amada.

E foi fronteira do mundo
E a um só rei pertencia.
Já não há lugar pra lutas,
Para sórdidas disputas,
Para um sonhar vagabundo.
A terra agora crescia
E era também de todos.
Do trabalho ela vivia
E não de burlas e engodos.

Agora a terra é de Anita
Que a enche de orgulho e glória.
Mulher de fibra inaudita
Que doura os céus de Laguna
E enaltece a sua história.
Terra entre todas bendita,
Terra linda – e sua cuna.

MINHA CIDADE

POR ALESSANDRO BORGES

A minha cidade tem a doçura da inspiração,
Seus horizontes são como clarins da liberdade,
De tudo aqui eu morro de saudade,
Nela ancorei meu coração.

Seu esplendor é como lume do mar,
Linda, aconchegante e gentil.
Entre rosas e jasmim dia e noite se põe a cantar,
Cheia de encantos mil.

Debaixo de seu céu azul exuberante,
Olhares se cruzam admirando tamanha feitura,
Extasiados então de amor expirante,
Inertes desmaiam à sua gloriosa formosura.

Eu sei que não há no mundo uma só igual a ti,
Oh flor majestosa de rara beleza,
Tens o encanto que faz sucumbir,
O verde das matas em grande riqueza.

Te amo em versos de ouro, bordados em prata,
E esse amor nunca haverá de emudecer,
Será cintilante por todo verde da mata,
Rompendo o seio mais escondido de cada viver.

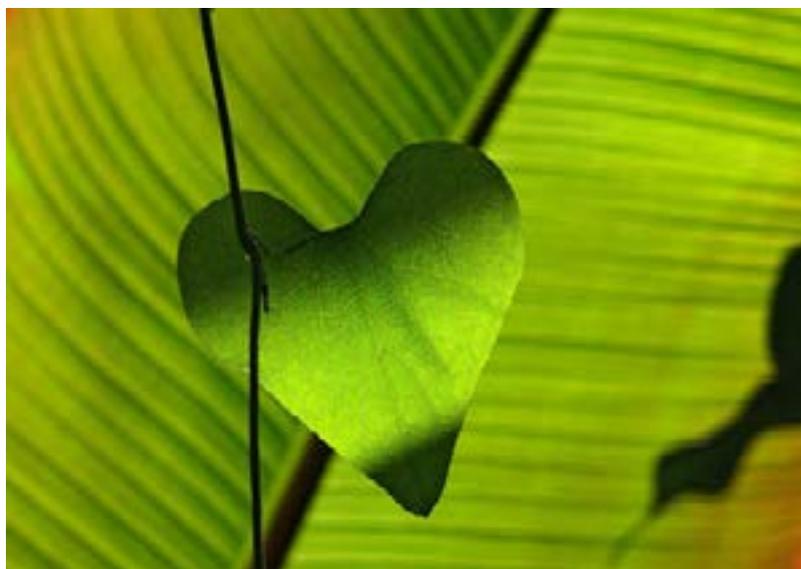


Imagem by cafepampas

O CELACANTO

ANA ESTHER [BALBÃO PITHAN]

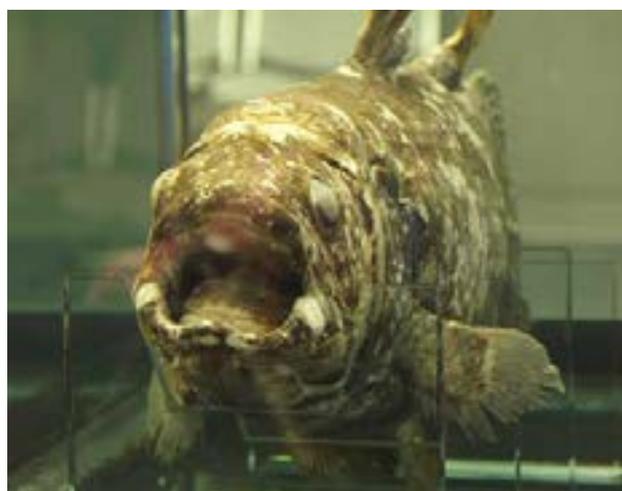
Quando eu era pequena e morava em Caxias do Sul (RS) a programação da TV começava somente à tarde. Eu tinha 4 ou 5 anos e aguardava com grande expectativa os episódios da série japonesa National Kid, hoje um verdadeiro cult. O herói vestia máscara e capa e voava pela cidade. Claro que me apaixonei e queria até casar com ele!

Paixonite infantil de lado, um dos inimigos do herói era o temível Celacanto, um peixe enorme que no seriado japonês assumia o papel de um vilão monstruoso. Passei a imaginar o Celacanto como um personagem de contos de fada como outro qualquer e ele passou a reinar no meu mundo da ficção provavelmente ao lado da bruxa malvada da Branca de Neve.

O tempo foi passando, a série desapareceu da TV, eu fui crescendo, já não sonhava mais em casar com o National Kid, mas volta e meia lembrava-me do Celacanto. Com a ajuda da minha mãe descobri que se tratava de um peixe considerado já extinto há muitos anos. Aí mesmo que o Celacanto ficou grudado na minha mente imaginativa e criativa... não mais ao lado da bruxa malvada, mas sim junto a companheiros como o Pterodáctilo e o pássaro Dodô.

Mais anos se passaram e o Celacanto, embalando minhas memórias da infância, permanecia um personagem sempre vivo. Até que fui estudar na Austrália e no dia que visitei o Australian Museum em Sydney com quem me deparo? Com um belo exemplar de Celacanto conservado, creio que em formol, e exposto ao público. Paralisei, fiquei como que hipnotizada, com os olhos fixados no arqui-inimigo do National Kid!

Minha alegria é inenarrável com tantas implicações envolvidas. Um bônus extra que eu jamais imaginaria receber. Minha relação com o Celacanto agora assumia outra proporção: da ficção ele passou à realidade, pois eu o vi “pessoalmente”. Mas a história ainda não terminou! Há uns dois anos, vi uma reportagem na TV contando a façanha de uns mergulhadores que descobriram Celacantos remanescentes nos mares da África do Sul... Ou seja, tenho grandes possibilidades de um dia poder encontrar um Celacanto de verdade não na TV e nem no museu, mas “ao vivo”!



O QUE É O VARAL UM PROJETO PARA A LITERATURA, SEM FRESCURA!

(A literatura vai mais longe quando é feita para todos – Jacqueline Aisenman)

Divulgar o idioma Português além de suas próprias fronteiras.

O Varal, é um projeto que já começa a se mostrar pelo título: Literário, sem frescuras. Nele escritores são escritores, sejam eles conhecidos ou anônimos. Sejam eles os que o mundo já expôs ou aqueles que nem a família conhece.

Escritores publicados podem nos levar em viagens através de seus escritos conhecidos e consagrados. E aqueles tímidos, que se intitulam escritores "de gaveta" e que dentro delas guardam tantas maravilhas, podem finalmente se manifestar e compartilhar conosco da arte que lhes habita fazendo com que, com eles, sonhemos...

O espaço é de todos!

O Varal do Brasil, desde 2013 é também a Association Culturelle Varal do Brasil, que tem como objetivo divulgar a língua e a cultura do Brasil e de outros países de língua portuguesa.

Não há distinção, não há categorias: no Varal todos são importantes e abriremos espaço para aqueles que desejarem mostrar seus talentos. São dois os requisitos apenas: escrever em Português (por enquanto!) e com o coração (sempre). Já estamos aceitando textos em Espanhol, mas infelizmente não poderemos fazer a revisão dos mesmos para publicação.

Você pode participar de onde você estiver, não importa onde resida. A participação é gratuita. O objetivo é a divulgação da nossa língua e dos nossos escritores.

A distribuição é feita por e-mail para qualquer lugar do Planeta! A revista, em formato PDF, além de ser distribuída ecologicamente por e-mail, é também colocada em sites, blogs e redes sociais.

O Varal do Brasil funciona de forma independente, sem receber subsídios ou patrocínios de organismos públicos ou de empresas privadas. Nenhuma taxa é cobrada dos participantes.

Escreva, participe! Peça sua revista pelo e-mail varaldobrasil@gmail.com ou leia todas as edições no site do Varal. O formulário para participação está disponível através de nosso e-mail.





PORTAS DE PARATY

POR ANA FLORES

Em sua única passagem por Paraty, encantou-se com as cores das portas e dos alizares do casario. Para ela, um espetáculo almodovariano a explodir nos olhos e na alma. Fotografou todas as que encontrou, principalmente fechadas, como se assim as cores se fixassem mais tempo na retina, sua e da câmera. Imprimiu as fotos, cobriu com elas uma das paredes de seu quarto e olhava-as todos os dias durante muitas horas. Tantas foram as portas fechadas à sua frente e em sua retina, que nunca mais conseguiu sair do quarto. Ali ficou para sempre, em seu vestido rosa-choque, faixa amarelo-gema e sandálias azul-turquesa.

Imagem by www.miamiablog.com

AMOR PROIBIDO

POR ANCHIETA ANTUNES

O ciúme ronda a paixão
as labaredas da insensatez
maculam a pureza d'alma,
a foice perscruta afiada.

É proibido amar,
amar com louvor,
render-se ao insondável,
zelar a pureza dos anseios.

É proibido amar,
Entregar-se ao sentimento mais puro,
pois o desvario do ego
não sente, não respeita, não enaltece,
apenas
mata.



OS APELIDOS

POR ANGELICA VILLELA SANTOS

Esse costume que as pessoas têm de colocar apelidos em outras, embora alguns deles sejam bem apropriados e até jocosos, sempre mereceu minha desaprovação, uma vez que traz consigo um laivo de deboche, de maldade, numa demonstração de total desrespeito para com o próximo, além de poder ocasionar sérios problemas.

E foi justamente isso que aconteceu com um conhecido meu, há alguns anos passados.

Geraldo Pereira vivia numa cidadezinha dos confins deste país. Tendo um pouco mais de estudo do que seus conterrâneos, era considerado o supprassumo da Língua Portuguesa e, por isso, era o “discurseiro-mor” de todos os eventos importantes lá realizados.

Entretanto, Geraldo não foi feliz ao escolher uma palavra como “carro-chefe” de seus discursos: Impotente. Vejam só! Ele usava e abusava da infeliz, deixando de lado seus sinônimos mais simpáticos: impedido, impossibilitado, tolhido, etc.

Certo dia, correu a notícia de que o prefeito da capital, em viagem para um congresso, iria passar por lá a fim de visitar o Coronel Sales, seu parente e correligionário. Foi aquele corre-corre para bem receber a autoridade e, como não podia deixar de ser, Geraldo Pereira iria fazer a saudação em nome do povo.

Acontece que, na casa do Coronel, mora

vam sua filha, o marido e o filho de oito anos de idade, menino peralta e sabido como quê! Descuidadamente, sem se dar conta da presença do filho, o casal costumava se referir ao Geraldo pelo apelido que há algum tempo os gaiatos e maldosos da vila haviam posto no coitado: o impotente.

Na noite do jantar, o bonito sobrado do Coronel, todo iluminado, era o ponto de atração dos moradores da vila, muitos dos quais iriam participar da ágape. O menino, debruçado em uma das janelas, observava o movimento da pracinha em frente.

De repente, entrando intempestivamente na sala de visitas, onde o prefeito e sua equipe tomavam os aperitivos e conversavam com parentes e convidados – entre estes a Candoca, namorada de Geraldo há uns bons dez anos! - o garoto gritou: “Pai! Mãe! O impotente chegou!”

Vocês podem imaginar o que aconteceu... É por essas e outras, que eu não gosto de apelidos!



PARTICIPE!

INSCRIÇÕES ABERTAS PARA:

- Edição de março com o tema Mulher. Envio de textos em verso ou em prosa (poemas, contos, crônicas, trovas, artigos, etc.) para nosso e-mail até o dia 05 de fevereiro.
- Edição especial para a Páscoa. Receberemos textos em verso e/ou prosa até dia 25 de fevereiro. Textos infantis são bem-vindos! Fale da Páscoa, de amor, de esperança, de paz, de renascimento, de alegrias!
- Edição de maio, com tema “As Quatro Estações” ou tema livre. Textos em verso ou em prosa. Toda participação é gratuita! **E-mail: varaldobrasil@gmail.com**

A BOLA E OS MENINOS

POR ANGELO FALEIRO

Fiquei muito feliz naquele dia. Finalmente, tinha sido tirada daquela embalagem apertada. Você precisava ver o menino Jason quando arrancou aquele papel de presente de mim.

Seus olhos brilhavam como seu eu fosse a coisa mais perfeita do mundo. Ele agradeceu ao seu pai, me colocou na cama, calçou as meias e um tênis meio surrado. Depois, me enfiou debaixo do braço, saiu correndo até a casa de seu amigo Tales e gritou com toda força:

— Tales, venha ver o que ganhei! Vamos jogar futebol!

A farra foi grande naquele dia. Eles corriam, gritavam, imaginavam que eram os melhores jogadores do mundo e narravam seus lances. Organizaram até um torneio de golzinho na rua sem asfalto. Era menino me levando para um lado, menino me chutando para o outro, menino gritando e suando, menino sendo juiz e menino tentando trapacear. Eles me faziam passar pelas traves improvisadas com pedras e latas e comemoravam a vitória ou reclamavam da derrota. Uma coisa, porém, era certa: eles estavam felizes.

E, assim, fui a felicidade deles por um tempo. Não me importava com seus chutes ou com o atrito dos meus gomos no cascalho. O legal era vê-los sorrindo e compartilhando refrigerante depois das partidas. Vencedores e perdedores dividiam a bebida e a alegria de recontar lances e gols.

Até que um dia, Jason e Tales ficaram em times diferentes. Senti pela força dos chutes e pelo conteúdo das palavras que alguma coisa estava errada. Havia empurrões, gritos e muita coisa que criança não deveria falar. Talvez, toda essa mudança tinha sido causada por uma tal taça que, exposta numa caixa de papelão do lado do campo, capturou o desejo dos meninos.

Num desses chutes exagerados, fui lançada para muito alto. Quando me dei conta, estava em cima de um telhado. De lá, não conseguia ver Jason, Tales ou qualquer outro menino. Só conseguia ouvir suas vozes. Eles discutiam sobre quem deveria ir pegar-me.

— Vá você, Tales! Você foi quem chutou a bola com raiva porque está perdendo.

— Eu não vou. Vocês estão trapaceando. E ela

nem é minha mesmo. Nem ligo. Vai você, Jason.

Ouvi os meninos brigando e me pareceu que a discussão não ficou apenas com palavras. Do telhado, sem poder ver muita coisa, só pude imaginar o que estava realmente acontecendo quando várias vozes de muitos moleques começaram a se misturar em acusações e ameaças. Depois disso, ouvi apenas gritos e vi muita poeira subindo. A algazarra foi tanta que os adultos saíram de suas casa para por fim à questão. Os meninos tentaram explicar a situação aos adultos. Mas você deve saber como os adultos são quando estão apartando brigas de meninos: colocam logo todos para dentro caso e castigo neles.

Então, o silêncio reinou. E a noite logo caiu, trazendo consigo uma escuridão perturbadora. Lá estava eu, sozinha naquele telhado, ao relento. Vez por outra, um gato passava perto de mim e me ignorava. Dei graças a Deus que não era um cachorro senão, com certeza, eu tomaria um banho de urina.

Fiquei esperando Jason vir me pegar no outro dia. Mas ele não apareceu. Nem no outro. Nem na semana seguinte. De dia, o sol me queimava. De noite, o frio me fazia sentir a solidão de um brinquedo abandonado. Eu era o centro de uma polêmica, Jason e Tales haviam brigado e, por isso, eu estava ali, largada no telhado, sendo corroída pelas intempéries e murchando. Logo, eu não serviria para mais nada.

Quando achava que já podia desistir de existir, escutei o telhado rangendo. Era Tales que, cuidadosamente, se apoiava nas telhas e se aproximava de mim. Ele chegou perto. Parecia triste. Me pegou, me olhou e murmurou:

— Está desgastada, né? Também, duas semanas no telhado é muito tempo para você.

Tales me apertou para se certificar de que eu ainda estava em bom estado, deu sorriso de canto e continuou:

— Sinto falta do futebol. Da gente correndo atrás de você. Você fez a gente muito alegre. Lembra daquela vez que o Jason driblou três moleques da rua de baixo e fez o gol? Caramba! A gente correu comemorando como se fosse Campeonato Brasileiro... talvez até uma Copa do Mundo.

O olhar de Tales percorreu uma grande distância, como se procurasse algo que havia perdido. Sua voz baixou de volume e cabisbaixo ele falou:

— A rua não é mais a mesma...

E ficou em silêncio por um momento. Mas sua introspecção foi interrompida por um barulho que vinha do outro lado do telhado. Parecia alguém subindo. Com algum receio, ele deu um grito:

— Quem está aí?

Uma cabeça despontou e depois o corpo todo: era Jason. Ele olhou Tales com um misto de espanto e alegria contida e falou:

— Sou eu.... eu, disse titubeando, vim pegar a bola para...

Porém, antes que Jason terminasse de falar, Tales estendeu suas mãos em direção a ele, segurando-me e oferecendo-me a ele.

— Eu também vim pegar a bola, disse Tales. Queria levá-la lá para sua casa e, sabe? Pedir desculpas.

— Engraçado, disse Jason. Queria fazer algo parecido...

Naquela hora, entendi que os meninos são assim: palavras nem sempre são ditas, mas são comunicadas. Jason e Tales estavam ali pelo mesmo motivo. Eles não me queriam, nem ao futebol, nem aos gols. Todas essas coisas eram detalhes. Na verdade, eles desejam ter de volta a amizade que tinha sido jogada no telhado naquele dia e que estava exposta ao relento. Eu era apenas um detalhe, um símbolo da ligação entre aqueles moleques.

Entendendo o que cada um deles queria dizer, sem falar quase nada, Jason e Tales se sentaram um do lado do outro comigo no meio. Uns instantes de silêncio e, timidamente, a conversa é retomada.

— Levei uns cascudos naquele dia, falou Jason, num tom de moleque travesso.

— Preferiria ter levados uns cascudos, disse Tales. Tive que lavar as meias de chulé do meu irmão mais velho todos dias da semana.

— No dia da briga, contou Jason, eu dei um soco na cara do Manuel... ele ficou de olho roxo parecendo um urso panda.

E, dizendo isso, eles se entreolharam e danaram a rir um do outro. Gargalhadas e outras histórias daquele dia de tumulto surgiram. E risos. Muitos risos. Até que surgiu a proposta:

— Vamos jogar bola?, perguntou Jason.

— Só se for agora!, respondeu Tales.

Eles se levantaram de um salto e me jogaram de cima do telhado ao chão. Eu ainda estava rolando quando eles chegaram e começaram a me chutar. Rolei numa felicidade só.

— Lá vem Jason, chuteira de ouro! Dribla um e toca para Tales!

— Tales pega a bola, faz uma pausa, levanta a cabeça e vê que Jason se enfia pela pequena área e... toca para ele!

— Jason recebe o passe, matando no peito. Ajeita, espera o zagueiro se aproximar, faz um elástico e... deixa o adversário no chão! E fica de cara com o goleiro. E dribla! Agora é só chutar! É só chutar... Mas espere! Jason está chamando alguém. Vem, Tales! Vem, amigo! E Tales correu até chegar à linha do gol e olhou para Jason. E Jason olhou para ele.

— Vamos contar até três e chutar juntos, feito?

— Fechado.

Parada sob a linha imaginária do gol, olhei os dois moleques. Sorridentes, eles contaram até três e chutaram juntos. À distância, vi os dois amigos correndo em direção à torcida, gritando: “Goooooooooooooll!”. E a torcida aplaudiu porque aquilo que é compartilhado sempre é mais bonito. E aplaudiu de pé porque o homem que perdoa manifesta a imagem do Criador impressa no espírito da humanidade.



COR

POR ANTÔNIO MARCOS BANDEIRA

COR DE FORÇA
COR DE DOR
COR DE FORÇA
COR DE AMOR

COR DE DESTINO
COR DE GINGADO
COR DE PRESENTE!!!
COR DE PASSADO

COR DE FÉ
COR DE CRENÇA
COR DE GRITO
DE CONCIÊNCIA

COR FORTE
COR BRANDA
COR DE RESISTÊNCIA
COR DE QUEM ANDA

COR DE ALEGRIA
COR DE RIQUEZA
COR DE PELE
COR DE PUREZA

COR DE CHICOTE
QUE “FOI VENCIDO”
COR DE LUTA
COR DE AGUERRIDO

COR NOSSA
COR MINHA E SUA
COR QUE PENETRA
NA CASA OU NA RUA

COR DE “LIBERDADE”
COR DESTEMIDA
COR DE SANGUE
COR DE VIDA

COR DE SUOR
COR DE AMIZADE
COR DE DORES
COR DE SAUDADE

COR DE DESESPERO
COR MARAVILHA!!!
COR SENSUAL
COR DE FAMILIA!

COR DE NAVIOS
QUE ESCRAVIZARAM
COR DE MULHER
QUE NOS “LIBERTARAM”

PARABENS ESTE DIA, NOSSO!!!



O SÁBIO, O DISCIPULO E O CORAÇÃO AMOREIRO

POR BENILDA CALDEIRA ROCHA

Toda manhã dou bom dia ao meu pé de amora que tenho no quintal. Peço licença para apanhar algumas e faço com elas o meu desjejum.

Certa manhã ao cumprimentá-la olhei para seu tronco que por causa de bichos tivemos que podar. Ao verificar como foi feita a poda, confesso que meu coração doeu. Meu sobrinho disse que teria que ser assim e logo ela cresceria novamente ficando mais forte.

O tempo passou e fui para a Capital. Quando retornei, do portão avistei a amoreira linda, grande e carregada de amoras. Como de costume cumprimentei-a e pedi permissão para apanhar algumas.

Apesar de quase ser detonada, lá estava ela mais forte mesmo e com muito mais galhos. Então pensei: “assim deveríamos nós sempre reagir e não importa os embates da vida, pois sempre teremos lutas e mais lutas, elas fazem parte do nosso crescimento”.

Mais uma manhã e mais uma pequena colheita. Só que nesta colheita estava o maior presente que já recebi. A minha menina amoreira ofereceu-me um coração. Nunca tinha visto uma amora em forma de coração. Espero que sintas alegria ao recebê-lo virtualmente. Desejo a mesma alegria que ela me causou. A natureza é sábia e nos ensina a cada dia. Receba-O.





A INSPIRAÇÃO

POR CAMILA GOMES

A inspiração vem do coração
E a calma vem da alma.

A inspiração vem da alegria
Que por dentro nos contagia.

A inspiração vem da emoção
De ver uma despedida
As vezes mal resolvida
Por uma briga sem razão
Que termina com o outro
Te deixando na mão.

A inspiração vem das ruas
Ou das verdades ditas nuas e cruas!

ANGOLA

POR CARLA DE SÁ MORAIS

ANGOLA TERRA QUE ME VIU NASCER
SOLO QUENTE E CÉU CÔR DE FOGO
PENSANDO NELA ME FAZ REJUVENESCER
MAS O TEMPO, ESSE INCONDICIONAL ME FALA DE AFOGO

TEM O ENCANTO DO PRAZER
E O SEU MAR A GRANDEZA DO SER
QUIS O DESTINO O SEU ENTARDECER
COM ÓDIOS, GUERRAS, DOENÇAS O SEU PADECER

MAS A ESPERANÇA NÃO MORRE
E COM ELA O DESEJO PODIA
NO SEGUNDO QUE DECORRE
ACABAR COM A COBARDIA

SERVIR ESSA TERRA UM DIA ABENÇOADA
ENCHE D'ORGULHO OS CORAÇÕES
DAQUELES CUJA VIDA É UMA REVOADA
REPLETA DE AMOR E CONTRADIÇÕES



Imagem by José Armando Silva

SOLITÁRIO DE OURO

POR CARLOS HENRIQUE

Não me agrupo a poetas
Só se fosse com Camões
Ermo, avanço em arestas
Assim desvio de atenções

São minhas portas abertas
Pode adentrar tais ilusões
Brumas não invada estas
Assim fecharei os portões

As escrituras dos profetas
Leitura que afagam leões
Ao rubro que me palpita
Peito marcado por lesões

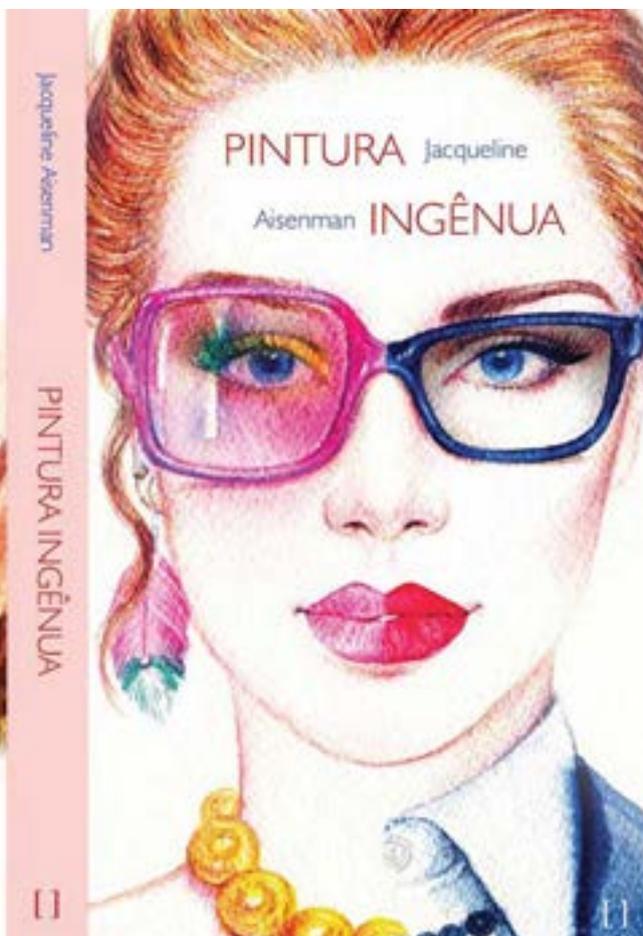
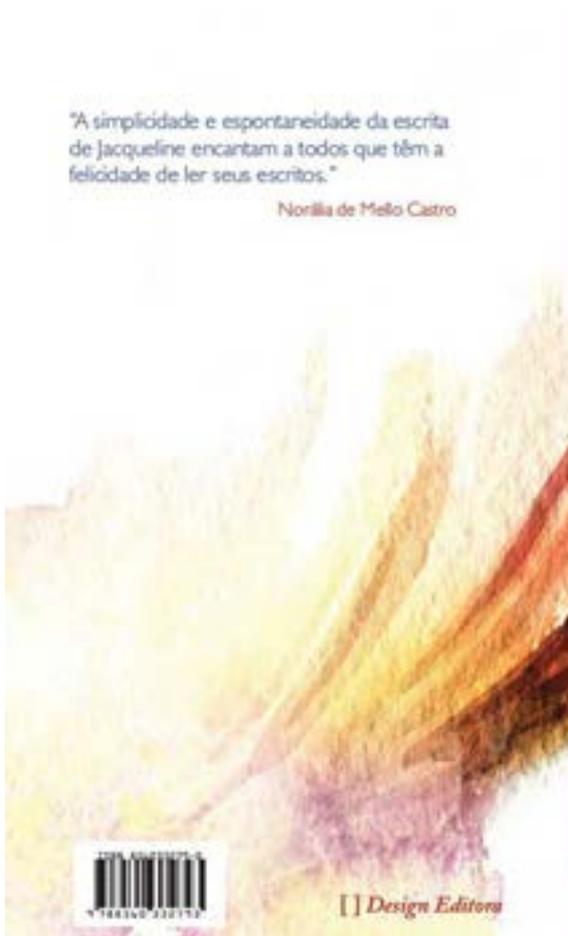
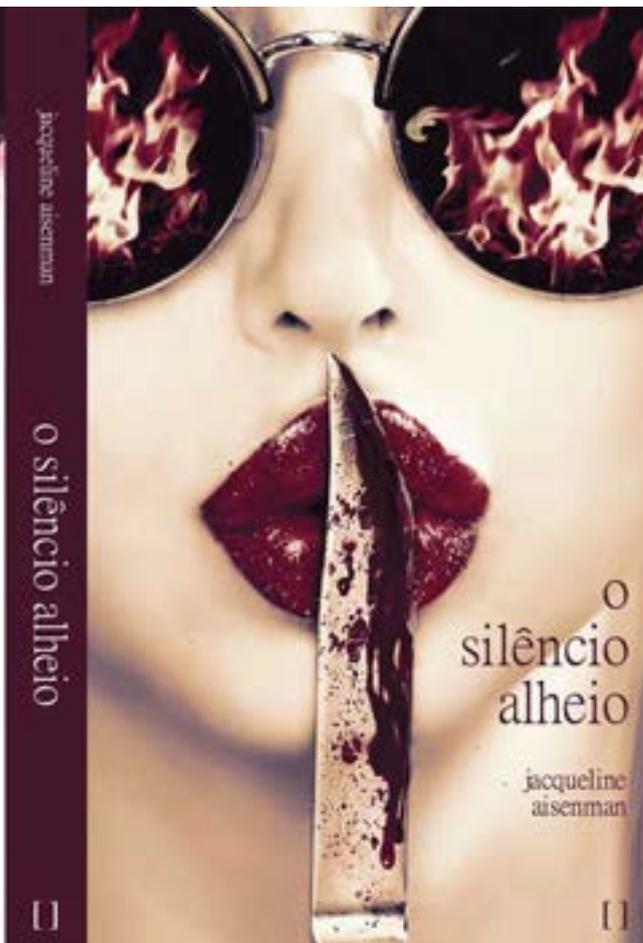
Tal arte densa são vastas
Peço perdão aos anciões
Me curvo às suas escritas
Jamais trairei seus corações



O SER QUE NÃO ESCUTA

POR CARMEN LÚCIA HUSSEIN

Os homens não escutam o outro
Os homens estão distraídos
E ausentes
E não querem escutar o outro
Eles olham somente para si
E seus afazeres
E não enxergam o outro
Eles estão centrados nos seus interesses
E seus afazeres
Não veem
E não escutam o outro
São egoístas
E só veem a sua vida.



SOLITUDINE

POR CERES MARYLISE REBOUÇAS

Ela entra em minhas manhãs,
filtra-se mansa e silenciosa
ocupando espaços vazios,
tecendo fibras no meu caminho.

Perco-me cansada e me submeto
filha de mim mesma e amor predileto
dessa sábia senhora que me veste
com túnicas de cinzas e corais.

E cinge sua larga e escura cinta
em minha cabeça, em meu coração,
intensamente, inteiramente,
como a chuva que amanhece...



LADO A LADO

POR CÉSAR SOARES FARIAS

Vocês faz parte da minha viagem
Eu lhe carrego em minha bagagem,
em qualquer parte que estou.

Desde a primeira vez,
num simples toque se fez,
a magia que quero contar.

Foi a planta, foi ela sim.
Não fez nenhum mal a mim,
apenas tudo me mostrou,
e vi que em tudo você estava

Nova visão, nova fé.
Não estou mais a pé.
Hoje sei quem você é.

Quero lhe contar,
como é estar lá,
olhando o lado de cá,
com ar de observador.
Sou um fio condutor,
ligado para o teu bem.
Você diz: o que é que tem?
E sinto tua voz lá longe.
O medo ainda lhe esconde.
Há uma barreira em tua mente,
igual a que eu derrubei,
naquela noite diferente,
a da Estrela Cadente,
em que até hoje eu acredito.

Não quero assim lhe pedir,
que tu sejas como eu sou,
nem que vás aonde eu vou,
às vezes perto do limite.

Lado a lado.

Vamos sair lado a lado.
Há um mapa já traçado.
É hora de prosseguir.
Não vamos nos reprimir,
num mundo de um lado só.

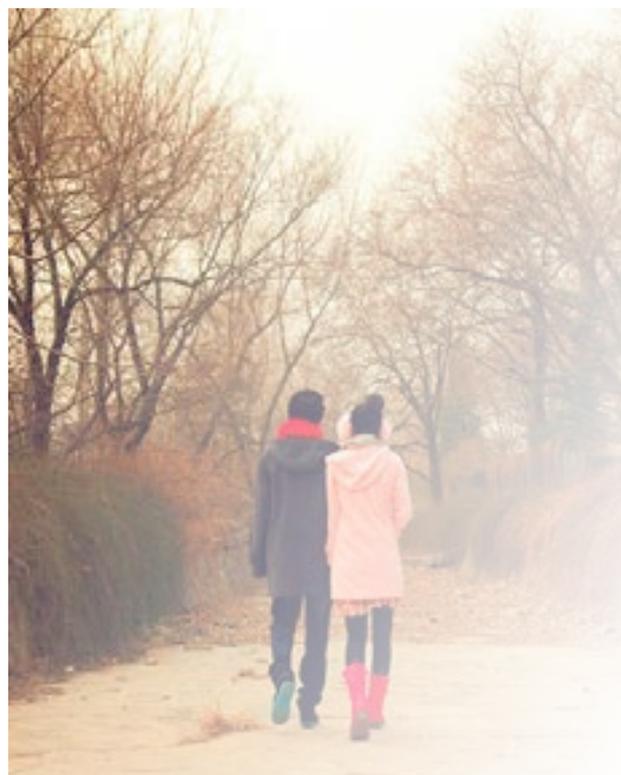




Imagem by Yummy moon

QUEM SABE UM DIA...

POR CIRAIANE AGUIAR

A vida é um faz de conta
onde um dia somos mocinhos
e, no outro, somos vilões.
A dor que escondo por trás de meu sorriso,
lágrimas e soluços, só meu travesseiro conhece.
Preciso sempre ser forte
demonstrar dor é expor fraqueza
o que, nas batalhas do dia a dia,
podem significar sua derrota.
O importante para os outros
é que você esteja sempre sorrindo,
não importa o que esteja passando,
Afinal, não é problema de ninguém
se você está totalmente quebrado por dentro.
Vivo sem minha alma,
apenas mais um corpo vazio seguindo uma rotina.
Não sou uma pessoa infeliz,
vivo num mundo de pessoas sem rostos
e tão vazias quanto eu.
Todos tem seus demônios, medos e dores,
porque comigo seria diferente?
Num mundo, onde não posso confiar em ninguém,
Vago por esta multidão de sem rostos...
Um dia, talvez eu encontre
um lugar onde não exista tanta dor.
Quem sabe exista um lugar seguro
onde medos se transformem em coragem?
Onde a dor seja apenas um incentivo
a nos fazer mais fortes.
Quem sabe um dia...

SEGUIR EM FRENTE SEM MEDO DE SER FELIZ

POR CRISTINA CACOSI

Eu quero seguir em frente
fazer leitura da vida
sem medo de ser feliz.

Mesmo olhando uma semente
rejeitada após nascida
eu quero seguir em frente.

Ouvir o tal diz que diz
de quem tem mente puída
sem medo de ser feliz.

Apesar do prepotente
não ter vontade oprimida
eu quero seguir em frente.

Coibir o chamariz
que chama à droga proibida
sem medo de ser feliz.

Até sentindo de frente
a insídia desmerecida
eu quero seguir em frente.

Permitir a cicatriz
da farsa a mim impingida
sem medo de ser feliz.

Mesmo num grito silente
com a minha voz rendida
eu quero seguir em frente.

Imiscuir meu nariz
nem que um poderoso agrida
sem medo de ser feliz.

E... se acaso uma serpente
obstar minha diretriz
eu quero seguir em frente
sem medo de ser feliz!

Observação:

VILANELA: poema formado por vários tercetos (sem número definido), em redondilha maior, rima alternada e no fim, uma quadra. O primeiro e o terceiro versos da primeira estrofe aparecem, alternadamente, como último verso (bordão) nas estrofes seguintes.



BESO DE JUDAS

POR DANIEL DE CULLÁ

La imagen de ese niño muerto besando la espuma y arena de las aguas del mar no aligera la carga de maldad de los Asnos que nos gobiernan (Asnos opresores y tiránicos del capitalismo global), ni el peso, ni el dolor o la resistencia.

Cuando surge una desgracia los lacayos y políticos que elegimos para servir al pueblo, se ponen la careta del dolor pactado, mintiéndonos como a chinos o a bobos de baba.

No se inquietan ni turban, pues siguen vendiendo sus armas a criminalizándose, siguiendo costumbres parecidas a la de los criminales, andando en dares y tomares de opresión y represión, tirando dardo, pues se precian del arado que conforma su cerebro.

Aguas y mares en espacios de mar, ríos o lagos, no son más que corrientes o mareas de lágrimas de cocodrilo. El espíritu de dios sobre las aguas no es más que la muerte de los emigrantes que vienen en pateras en las procelosas aguas del Mediterráneo, las aguas del Ebro, antaño, y las aguas del Atlántico.

Muertos en agujajes, corrientes impetuosas del mar producidas por las mareas. Niños mojados o bañados en playas aguanosas. Olvidados. Playas convertidas en aguazal donde queda detenida la vida.

-Las aguas del Mar Muerto son amargas, me dice un concurrente a la feria de la vida.

-¿Y qué?, le pregunto yo.

Lo mismo que les pasa a los refugiados, sobre quienes hacen juegos malabares las falsas dádivas o agasajos que suelen hacerseles en tiempo de guerra, cuya luz de las bombas se refleja en ellos mismos.

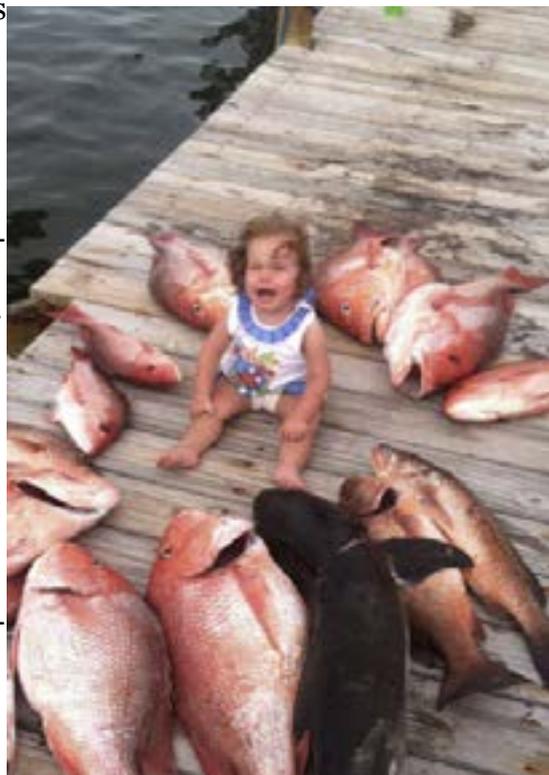
El Mundo hace agua y entra el agua del mar por un agujero o hendija que tiene la misma vida, y que siempre tendrá, como esa espuma del mar acercando su boca a esa cadenilla de huesos del oído del niño, interpretando la vida y la muerte al oído de las bombas y la maldad global.

Mozos de espuela y políticos hacen oídos de mercader, que cualquier cosa les entra por un oído y les sale por el otro. Ellos hacen aguas, mean y cagan en cantera. Las armas y balas que llevan en sí son las sustancias orgánicas de sus cerebros. Para ellos, el agua del mar traicionero es agua de cerrajas, de poca o ninguna importancia, a sabiendas de que, como ellos mismos dicen, “el agua del Mar Mediterráneo quita la vida y no da pan”.

Ellos no ven más allá del conducto de bajada del agua de sus letrinas, o del “Letrón”, lista de excomulgados que se ponía en las puertas de las iglesias”.

Flujos y reflujos del mar, flujos y reflujos de hombres y mujeres mareados por embaucadores y ladrones que cambian moneda falsa por buena, y dejan en sangre las orillas y límites de las naciones. Puercos margaritos, señores de la guerra, que hacen vida crapulosa y desordenada, ganando, siempre, con márgenes de muerte.

La paz quedó sobre la arena, sólo restan las armas de los besugos, perdidas en la mar las cuerdas empleadas en el aparejo del barco, el beso de Judas, y del niño, el llanto.



PALHAÇOS DO BRASIL

POR DANILO OIAN

O homem máquina, meia vida na fábrica ,espera que um dia
sejam reconhecidas suas lágrimas de suor.

No balcão negocia doses caras de bebida, fumaça e mentira,
seu remédio para dor.

O carro na esquina , custa mais do que faltaria na
família do trabalhador.

A vingança esquecida, pede a aparecida,
de consolo entraria no estranho paraíso de Jó.

Os açougueiros chegaram mais cedo, cobrando o preço
da brisa vivida, do pó as cinzas, dos acordes sem som.



Arte by Danilo Oian

O VENTO

POR DELMAR MAIA GONÇALVES

Estava a pensar
sentar-me ao relento
para sentir a frescura do Vento.

Estava a pensar
dormir ao relento
para domar a força do Vento.

Mas o Vento
é açambarcador
não posso estar por isso
ao relento.





ORIGEM

POR DILERCY ADLER

Deus disse:
que se faça a luz!
e a luz se fez!

disse a mulher:
que se faça a poesia
e a poesia se fez!

e hoje existem
quatrilhões vezes quatrilhões
de pessoas
povoando a terra!

A VIDA, O TEMPO E O DESTINO

POR VITÓRIO PEREIRA DA SILVA

A vida é como um trem que passa,
Levando dentro de cada vagão,
O destino de cada um da gente.
Essa locomotiva grande e potente,
Leva muitos vagões,
Levando em cada um deles,
Milhões de sonhos,
Milhões de pesadelos.
Assim como o beija-flor,
Que procura o néctar da vida,
Vida que passa voando,
Tempo que vai passando.
Por isso, temos que embarcar
No trem do destino,
À procura da felicidade,
Mesmo que a gente morra.
O trem do tempo e do destino,
Continua levando a gente,
Para outra estação do destino,
Apesar de o rumo ser incerto,
O destino será sempre certo.



RESILIÊNCIA

POR DINORÁ COUTO CANÇADO

Resolver problemas cruciais
E bem mais que isto, muito mais
Ser resiliente, minha gente
Incertezas não, viva positivamente
Lute para superar desafios,
Inove sempre
E uma vida com mais qualidade,
Numa sintonia fortalecida
Cientes do dever cumprido
Irradiando luz por onde passa
A envolver cada vez mais...

Cidade resiliente, também
O mote para os dias de hoje
Mutações pra melhor, sempre.

Uma união de esforços
Rumo a uma paz tão procurada
Gente em busca de soluções
E elas estão em cada um
Nas atitudes benéficas
Compartilhando saberes
Inúmeras possibilidades
Ambientais, inclusivas e culturais!



PARA ONDE FOI O AMOR?

POR DIULINDA GARCIA

Mesmo embriagada de palavras
evitando tropeçar
na emoção
engolindo a razão
não soube ou não sei dizer
para onde foram
a cumplicidade
apesar das implicâncias
ruidosas
e repetidas
o riso brincalhão
a saudade desesperada
desenhada nos espelhos
nas areias da praia
quando as ausências doíam
e confrangiam o peito
nesse desamparo
o amor já não ria
perdia-se...

Para onde foi o amor?



ANO NOVO... ESPERANÇA DE PAZ

POR ELOISA ANTUNES MACIEL

Um ano finda, outro se anuncia,
Em meio a intensas comemorações...
Há um clima que traduz - se em profecia:
“A paz há reinar nos corações”...

Essa esperança faz-se propalada,
E se faz coro nas badalações...
A esperança de paz é conceituada
Como ausência de guerra entre as nações...

E o clima, em geral predominante,
Nessas festanças comemorativas,
Apenas se mantém por breve instante,
Sem a adesão de todos os convivas...

E finda a festa, nesse afã mundano,
A esperança de paz faz-se quimera...
Talvez seja evocada em novo ano,
E a paz venha a reinar... em Nova Era...



ALINHAVOS DO PASSADO

POR ELOÍSA MENEZES PEREIRA

A saudade corrói o tempo
Lembranças percorrem ao vento
Imagens sobrevivendo na memória
Produzem sua história

Recordações enfraquecem a idade
Ecoando a separação
Transbordando na maioria
Refazem a emoção

Saudades entrelaçam sentimentos
desafiando as sensações
Lágrimas floram os momentos
Reencarnando nos corações



ROMPIMENTOS NÃO SÃO O FIM...

POR GILSON SILVA DE LIMA

Não sou um poeta do amor melancólico e desesperador
Que derrama suas lágrimas em mesa de bar
Quando por algum motivo algo não deu certo
Aumentando o sentimento de insatisfação e a imensa dor!

Venho de uma linhagem mais avançada de pensador...
Aquela descrita por Aristóteles em a Arte Poética
Que faz do sofrimento um verdadeiro humor!

Que busca entender cada sentimento
Não viver o resto da vida num mundo de escravidão!
Pois, existem coisas boas que duram,
Apenas um momento!
Nem por isso devo desistir
Sempre haverá uma nova salvação!

Capaz de me mostrar que para se alcançar a “felicidade”
Às vezes rompimentos são de extrema urgência
Só assim estarei liberto a uma nova oportunidade
A um novo jeito de ver as coisas, uma nova convivência!



VOCÊ ESCREVE LIVROS INFANTIS?

Se você escreve livros infantis e tem livros publicados, você tem uma razão a mais para expor seus livros durante o Salão do Livro de Genebra, Suíça: o gênero infantil é um dos mais procurados pelo público que visita nosso estande!

O interesse pela literatura infantil vem do fato que muitos pais brasileiros residentes aqui desejam continuar ou iniciar o ensino da Língua Portuguesa com seus filhos e os livros, como bem se sabe, são essenciais para a educação! Há também o interesse de pessoas de outras nacionalidades que veem nos livros infantis uma oportunidade de auxílio, de uma maneira simples e descomplicada, para seu aprendizado da Língua Portuguesa.

O Varal do Brasil, que pelo quinto ano consecutivo estará no Salão do Livro e da Imprensa de Genebra, convida os autores de livros infanto-juvenis a estarem presentes ou, caso não puderem, a enviarem seus livros para exposição e venda nesta importante Feira Literária.

Solicite informações sobre como participar através de nosso e-mail:
varaldobrasil@gmail.com

Data do evento: de 27 de abril a 1º de maio de 2016

BORGES

**POR EMANUEL MEDEIROS
VIEIRA**

É vasta a nossa população de mortos.
O mundo, Borges,
infinita biblioteca, além – é claro – de tigres,
espelhos, labirintos, punhais, livros,
proféticos
sonhos, Homero, Camões, outros cegos –
você,
a sombra enaltecida não é sombra,
claridade de alguns labirintos,
portas, enigmas decifrados,
alta capacidade mnemônica.

Somos poucos, somos tão poucos,
e parecemos muitos.
“Alguém constrói Deus na penumbra”,
escreves sobre Spinoza.
Amor?
É o Espírito Santo que nos escreve?
A literatura como sedução/invenção: a vida só
não basta.

Irmão: fazedor de enigmas,
decifrador de espelhos,
contemplador de tigres,
este punhal que manejo agora: a construção
do poema.

Nada podemos contra a solidão?
Shakespeare, Cervantes, Stevenson,
“As Mil e Uma Noites”, a Bíblia, e toda as
obras desta estirpe de
mortos, mas que não inventam o silêncio:
estão aqui nos livros lemos.

Somos poucos, mestre, somos tão poucos,
mas não sozinhos,
parecemos muitos.
Estás junto aqui, agora, comigo,
neste maio,
luminosa manhã planaltina
(poderia ser uma rua perdida de Buenos
Aires, ou da
Bahia, onde começamos).

Sim, é vasta a nossa população de mortos,
Só queria presentir tua alma,
descobrir meus inquietos córregos, pântanos.

Iluminas o breu, mágico cego,
singrando por outros mares,
sem portulanos, astrolábios,
também breve a vida,
vejo intrusos, lugares remotos, mapas de
fronteira, duelos, a morte na poeira,
ruínas e renascimento, sombras dentro de
sombras: este sol interior.

O mais pródigo amor te foi outorgado
(como te referiste a Baruch Spinoza):
o amor que não espera ser amado.

Este poema obteve o 1º Lugar no Concurso Literário “Prosa & Verso”, certame de âmbito Nacional promovido pela Universidade e pela Prefeitura de Caxias do Sul, RS.

O mesmo texto – concorrendo com 751 trabalhos – foi classificado entre os 10 primeiros no Festival de Poesia promovido pela Funarte, Brasília.



“De uma forma perversa
e inconfessa
A alma julga livre o que compõe
No enlevo da paixão.
Faz trefegar no lirismo a dor
Matando ao mesmo tempo
A beleza-flor
No próprio coração.”

POR EMÉRITA ANDRADE



MINAS GERAIS X PARIS

POR FÁTIMA SILVA

A lama, o tiro.
O grito.
Meu Deus!
Mon Dieu!
A dor que aperta o peito, sufoca.
A represa rompe.
O rio de nome Doce.
Se torna lama.
Mon Dieu! A bala que rasga o peito.
Que represa a lágrima.
O som das bombas interrompe a dança.
Os corpos bailam na macabra dança da inundação.
E o grito dos peixes alguém ouviu?
O canto dos pássaros é contido pela força da lama.
Paris iluminada pelas balas de faces brutais.
A sirene ecoa, os corpos caídos.
Com olhos vítreos, expressão de terror.
A lágrima na face com lama.
Sobre o céu do Brasil a barragem da ganância
que mata o rio.
As luzes de Paris ofuscam o sangue de vítimas e algozes
estilhaçados pela ideologia do massacre.
Enquanto em Minas, se grita:
Oh meu Deus!
Paris assustada geme:
Mon Dieu!

DESPEDIDA EM FORMA DE AQUARELA

POR FELIPE CATTAPAN

Incolor... incerto delinear o início do contorno de uma despedida...

Já no primeiro encontro?...

Ou somente no último?

Baça, imprecisa a idade do próprio vocábulo “despedida”... Uns quinhentos anos?... (ou redescobrirá um outro etimologista um novo texto antigo, doando mais alguns séculos de vida a este termo tão proferido, tão esquecido?).

Difuso, difícil recomeçar uma recordação vivida... revivenciar a ação de recordar... recortar, reacordar, reviver a lembrança: lembrando-se do lembrando-se de se lembrar... lembrando-se da branda lembrança de se lembrar mais...

... mas se de nada me lembro, de nada mais...

mas de nada me lembro, de nada mais...

mas de nada lembro, de nada mais

mais de nada lembro, mas

mais de nada lembro

mas nada lembro

nada lembro

Lembro.

(lembro membro memoro meu modo modo meu ao meu modo)

Algumas cores...

Um bonde...

Alguns rostos...

Uma sensação inconsciente de estar dizendo “adeus” sem pronunciar esta palavra...

Verde claro, laranja, cinza-azulado...

Passa um bonde amarelo...

Na rua algumas faces conhecidas mas inesperadas...

E a vontade de ordenar impressões vagas, múltiplas, fugidias...

O bonde que vem – e vai, coisas de cidade pequena.

Vejo várias faces conhecidas, encontro alguns poucos rostos amigos.

O encontro marcado em um café, perto do parque. Depois um trem que vai e não volta.

O céu parcialmente nublado, azulando-se após o meio-dia sem que ninguém percebesse – como se quisesse me enviar um recado pessoal, um cartão postal que colorisse de um novo começo a minha partida definitiva.

O bonde para, eu entro, ele parte, eu levanto, ele para, eu saio, ele parte com pressa: vai, passa, ganha velocidade – alaranjando-se... Um laranja em movimento contendo rostos se dissolvendo na velocidade escapando de mim...

No acaso da rua encontro faces por acaso - e paro: elas também; quero retê-las: elas talvez não...

A pergunta que vai mas sempre retorna: existirão “acazos”? Ou haverá algum sistema ordenador que conseguirá reter e posteriormente fixar tantos impressionismos fragmentários – como um pintor na sua tela?

A transitoriedade das cores metamorfoseadas pelo movimento... E o impulso vital de se fotografar esta aquarela antes que desapareça... essencial porque provisória.

A maior de todas as aquarelas é o céu... A pressa nos cega.

De olhos fechados revejo...

Côr, de cór.

Ao acordar, a primeira coisa que ansiamos por rever é o céu. Ainda estava nublado.

Acordar também significa despertar para os nossos dilemas latentes: a pressa em cumprir dentro do prazo determinadas obrigações, o desejo de prolongar ao máximo os últimos instantes antes de ir-me embora.

Paradoxalmente saio de casa já caminhando no futuro próximo: a biblioteca. Não os livros, mas o ar silencioso que jaz entre as pessoas e os livros. Os livros serão esquecidos, o resto ficará: este ar não tem cor própria mas é imutável, reencontro-o todos os dias... agora, por exemplo.

Passa o bonde, outro logo virá, não há pressa, os livros serão devolvidos, voltarão para casa, dormirão ainda hoje nos respectivos andares das suas estantes. A surpreendente leveza da mala agiliza a minha subida. Tenho pouco a levar. Os móveis permanecerão imobilizados na casa que nunca foi minha – o proprietário receberá as chaves pelo correio. Um outro inquilino virá, meus móveis serão adotados – ou não. Aliás, há alguns minutos já nem são mais meus. Não dissemos adeus.

À minha frente o prédio da biblioteca, crescendo até preencher toda a minha área de visão que é uma tela. Para contemplá-lo é exigida uma solenidade: ergo a cabeça e aprecio pela primeira vez a fantasia rítmica dos ornamentos que adornam a sua fachada. Pretendem dispersar o nosso olhar, ocultando a maior das cicatrizes que é não apresentar cicatrizes... Após alguns segundos a verdade, desmascarada pelo tempo: trata-se de uma reconstrução. Paro. Eis o que tal construção vinha querendo me dizer há tantos anos... Considerarei-a uma bela edificação. Elogiarei a sua arquitetura.

Surpreendido pela primeira das faces conhecidas! Primeiro uma voz... depois a voz e as curvas do seu corpo e os bicos dos seios que eu continuava a ver de memória e arfam rosados como o rosto que me contava qualquer coisa que eu não ouvia (nem queria ouvir), mas gostava (gosto e sempre gostarei) daquele sorriso enigmático que costuma cromatizar as suas falas. A voz cessa, o corpo vai, a face ainda se vira para me presentear com os resíduos do sorriso já anterior. Ela agora nada mais é do que um vulto diminuindo à minha frente, até escapar da minha área de visão que por um momento ficará em branco. Nunca estive tão presente como neste instante. Partir me ensinou a amá-la; chamarei-a de recordação.

Entro na biblioteca permanecendo lá fora. Ruborizado pelo último encontro, procuro o banheiro. Só. Um pequeno silêncio dentro de um silêncio grande. Retorno ao silêncio grande. A única diferença para uma igreja reside na generosidade da luz do sol, cujos feixes aquecem o ar, acariciam alguns livros e as mãos que porventura os toquem; tudo é estático, menos o pó que baila em espirais infinitas, circulando pelo amarelo claro destes raios calorosos de luz. São os átomos de que se compõe o silêncio das bibliotecas. Já os revi, já posso ir: se sedimentarão na minha memória criptografados sob a alcunha de paz. Saio sem livros, livre.

Surpreendo uma outra face numa rua reconhecida; mera formalidade. Trocamos algumas poucas palavras – supérfluas. Fingimos, mal, uma certa comoção; e, prevenidos, apertamos as mãos antes que o passado se insinue. Não olhamos para trás, evitamos o invisível.

Adiante: carros, bicicletas, pedestres deslocando-se em movimentos desordenados; mais à frente: o bonde obediente – vaaai e veem; e eu: indo sem voltar – a pé. Nem amarelo, nem laranja: verde. Verdes, em todas as suas matizes: o parque anterior ao café. Os verdes pulsando dentro da imobilidade, as pessoas se movendo aleatoriamente para não chegar a lugar nenhum; e o verdejar emoldurando todos os seres humanos, abraçando magnanimamente toda esta gente em uma exuberante reconciliação erótica onde todos somos ou seremos belos! (Chego a esquecer que é um abraço de despedida).

Alguém não se move. Contempla – mas não vê. Sorve... sem me ver. Saboreia o seu café... quase sem beber... prolongando por uma pequena eternidade um prazer estudantil... ostentando a irredutibilidade da sua inércia à pressa contagiante que corre ao seu redor. Entro despercebido neste oásis que é uma ilha... ele me saúda sem que o ritmo se altere... mantemos uma conversa lacônica... jazemos. Os silêncios nos ensinam que há muito mais a se dizer. Dizemos mais... escutamos muito... os silêncios se calam... o café se esgota... eu me levanto... ele

permanece sentado... apertamos as mãos... a pressa nos conduz aos nossos respectivos futuros. Esquecemos de nos abraçar.

Saio desta ilha, agora deserta, contagiado pela atemporalidade do seu ritmo hipnótico... Se eu permanecesse, também seria ainda um estudante... Revejo o último reencontro sob uma ótica palindrômica: dialoguei com uma outra possibilidade de mim mesmo, vi quem eu hoje seria se outrora houvesse estagnado. Paralisado entre este café e o próximo, paro.

Para perto um bonde. Neste perto distante distingo alguns vultos colegiais... Acenamos freneticamente uns para os outros, compartilhando de um mesmo gesto, cuja coreografia nos aproxima e o significado nos afasta... Mas o bonde é mais veloz: leva esse perto distante a um longe inalcançável; jamais saberão que desta vez se tratava de uma despedida.

Detenho-me embaixo do nome do café, apagado: ainda é cedo para letreiros luminosos. Entro sem reconhecer nem ser reconhecido, cheguei cedo demais, esperarei pelos outros na fiel companhia de um café expresso. A caminho do banheiro cruzo com as curvas de um corpo cuja face não me reconhece nem deseja ser reconhecida – somente o corpo. Nossas carnes se tocam por uma fração de segundo, ela exala e esconde um sorriso, eu o absorvo e tento prolongá-lo... Suas pupilas contraem um brilho opaco de neon, seu sorriso se artificializa e não mais me pertence, ela está acompanhada, eu estou só – mais prudente ir urinar e em seguida lavar bem as mãos.

De novo sentado, o olfato zanzando entre o cheiro de café e o perfume barato de sabão líquido atrelado às minhas mãos inanimadas. Os olhos viajando do breu do café na xícara à aconchegante penumbra do café que me contém. É uma escuridão que não nasce da ausência de luz, mas de um desejo à espera de cores. Mergulho neste buraco negro; sou transportado a um fluxo caleidoscópico de passados fragmentados, um mosaico multicolorido composto pelo piscar de imagens multifacetadas pululando de sensualidades descontínuas que nos reconquistam ao aflorarem por geração espontânea nos momentos de ócio: torsos, cabeças, rostos, pescoços, nucas, orelhas, queixos, bocas, narizes, cabelos, olhos, olhos azuis, olhos que me olham, um olhar verde provoca a minha boca, lábios, lábios rubros, um beijo roxo com línguas lépidas e invisíveis, amarelos visíveis em sombras inquietas, cabelos dourados sugam faíscas volúveis da tênue luminosidade local, camuflam orelhas cujas formas cíclicas querem ser exploradas pelo meu nariz ao exibirem orgulhosas aos mais curiosos dois pequeninos brincos negros secretos, duas pupilas dançando nervosas nos oceanos marrons dentro de esferas brancas, um olhar castanho claro se esquiva e dispersa a minha atenção das mãos pálidas que se incandescem se tocadas com a devida destreza ou se contraem tímidas acoradas em cima de pernas que se esfregam, se cruzam e talvez se abram, pernas que ao caminhar salientam o perfil voluptuoso do busto e do lombo, silhuetas complementáveis pelo deleite da imaginação, vultos de vulvas incontrolláveis que aparecem e desaparecem, fêmeas que vêm e vão, dois vultos se aproximam, mas a realidade sempre decepciona, são tão somente dois homens, dois guarda-costas?, não: meus amigos chegaram, eis-me de novo sozinho entre homens... (onde estará a garçonete?).

Pedimos sorvete, saboreamos a garçonete. Ela logo nos abandona, sorvemos solidão. E falamos muito para tentar ocultá-la.

Palavras. Sem cores. Inumeráveis... inúmeras desnecessárias. Filtradas pela memória, erodidas pelo tempo, só as essenciais sobrevivem: um negativo em preto e branco que vai se revelando na escuridão branca deste papel; reflexo obstinado de erupções verbais, expelindo expressões excessivamente usadas, repetidas e usurpadas – como “despedida” ou “adeus”... Palavras lavram a lava ao nada.

Difícil modelar este magma amorfo a que chamamos de conversa. Não me lembro bem de como ou quem a iniciou - talvez tenha sido eu mesmo, mas a autoria das palavras é menos significativa do que o seu efeito... só sei que, de repente, materializado por alguma evocação involuntária

ali estava o meu avô

Envelhecido, embaçado, esquecido.

Calado.

Imerso na minha própria despedida, havia obscurecido a sua... pois ei-la de novo, aqui e agora, fluorecendo bem na nossa frente! Como uma escultura de silêncio a ocupar a única cadeira vazia. Só. Contemplada com a devida distância, se delineava como um processo orgânico e até mesmo coerente, cuja longa duração – por conferir uma aparente constância a este lento desprendimento, a esta imperceptível saída da tela da vida – nos cegava e sedava...

... os móveis antigos abandonados no escritório, os rostos desaparecidos de tantos amigos e parentes, o automóvel imóvel, o talão de cheques em branco, a escuridão obsoleta do apartamento que agora era o seu universo, as refeições sem cores, a cor artificial do sorriso da enfermeira – quando analisados fora do tempo e do espaço, admitiam a inofensiva denominação de etapas lógicas a serem cumpridas, maturadas e arquivadas.

Meus olhos enxergaram a ausência. E refletiram em voz baixa a sua onipresença. Ali restava o meu avô. Ou o que restava dele.

Infinitizando-se...

Olhei para baixo. Observei como a bola de sorvete ia gota a gota se diluindo, imperceptivelmente, até desaparecer para sempre bem na minha frente. Ao final, só o que restava era uma cor sem forma no fundo de uma taça anônima. Não me lembro mais do seu sabor.

Nem do que ocorreu em seguida...

Uma repetição supérflua de cores e movimentos...

Alguns rostos que desaparecem...

Bondes que vêm e vão...

Verdes claros e escuros, laranjas, um cinza que já é quase azul...

E movimentos caóticos misturando todas as cores...

A brancura do esquecimento...

Uma última imagem sobrevive. Entre o bonde que chega à estação e o trem que já vai partir. Diversas faces mutiladas pelo tempo: velhos, mendigos, aleijados - que ao me olharem com os seus silêncios, me relembram que toda despedida esboça a infância da morte.

Depois um trem que vai e não volta.

Resta o branco...

Brancura... (de uma tela ou de um papel)...

A brancura deste papel... sendo rabiscada por este emaranhado de traços pretos...

... e uma porção de pequenos pontos...

* * *

...

... 3 pontos...

... pequenos, redondos...

... (pequeninos como as bolinhas de gude de uma criança)...

... meu filho brincando de bola... deslumbrando-se com o movimento!... movimento que dá e é vida...

Quem para é a morte. Define, ordena, arquiva. Denomina. A palavra escrita está morta porque está fixa.

A poesia a movimenta... desperta-a: brincando de malabarista feito o meu filho com o seu balão de ar!...

E eu brincando com o leitor: evocando de repente este meu filhinho (até então sossegado e quietinho no seu anonimato)...

(Sempre sem nomes. Nomes são circunscrições, rótulos – modismos; e toda moda é passageira...).

A infância também...

Quando era criança, escolhi a poesia porque gostava de brincar sozinho... mas escrever é uma ato coletivo: meu filho me ajuda a terminar esta aquarela... E ao brincar de malabarista de formas e cores, finalmente me esqueço desta mortalidade latente que por fim nos aguarda...

Opto pela ausência de nomes... (sem terminar nem exterminar)... Difícil decidir onde (quando) termina (morre) um texto...

Meu filho me ajuda. Imerso no seu sorriso quase inabalável, solta com um despreendimento sincero o seu balãozinho rumo ao céu azul infinito...

... a forma esférica vai diminuindo de tamanho...

... devagar o suficiente para nos acostumarmos com a sua ausência...

... depressa o suficiente para merecer o nome de uma despedida:

- Adeus!

... uma bola solitária vai se diluindo imperceptivelmente...

... até desaparecer, para sempre, bem na nossa frente...

... não me lembro mais da sua cor...

... mas ao final...

... só o que restava era um ponto pequeno...

... no anonimato branco de uma enorme tela azul...

... pouco a pouco se rarefazendo...

... e a vaga impressão de que as reticências são a representação gráfica da saudade...



Imagem by Sascha-Fotolia

O VARAL DO BRASIL SEU FUNCIONAMENTO E SEUS OBJETIVOS

O VARAL DO BRASIL foi iniciado em novembro de 2009 na forma de um caderno literário informal feito no formato Word e que teve seu primeiro número (número 0) impresso e distribuído além de ser enviado por e-mail no mesmo formato. A partir do número 1 a revista, já com muitos participantes, passou a ser somente distribuída através da internet. Com o passar do tempo passou-se a realizar a revista em formato PDF, mas do mesmo jeito informal que imediatamente conquistou escritores e leitores.

A ideia nasceu do desejo de sua fundadora, Jacqueline Aisenman, de criar um elo literário permanente entre a Suíça (onde ela reside há mais de vinte e cinco anos) e o Brasil (onde nasceu) de forma descontraída e que pudesse ajudar a divulgar novos escritores, principalmente aqueles que não encontravam espaço para uma divulgação maior de seus escritos.

O pensamento também era o de unir as pessoas, escrever “em grupo”, ter um espaço de amizade literária que fosse inclusivo e que desse aos leitores a ocasião de ter uma afinidade maior com

a literatura, até então extremamente elitizada não somente pelo preço dos livros, mas também pela forma como eram conduzidos os cadernos literários. Jacqueline desejava e realizou algo “literário, mas sem frescuras”.

O nome VARAL DO BRASIL veio através da experiência de Jacqueline Aisenman que, nos tempos em que residia no Brasil, viu e participou de muitos “varais de poesia” em universidades e praças.

Estes varais aconteciam da seguinte forma: professores universitários, escritores, entre eles o catarinense Alcides Buss, reuniam alunos que escreviam poemas e os colocavam em cartolinas. Depois estas cartolinas eram “penduradas” em varais esticados em locais públicos para que a população pudesse apreciar os textos sem taxas de exposição.

Rapidamente, em poucos meses, o VARAL DO BRASIL desenvolveu um laço de amizade entre autores residentes em vários locais, nos diversos continentes. Muitos escritores viram na nova revista literária, uma oportunidade de divulgação de seus trabalhos de uma nova forma, sem as “frescuras” que em geral caracterizavam o meio literário muito intelectualizado e que não atingia uma grande parte da população de Língua Portuguesa, carente de uma literatura mais popular.

O VARAL DO BRASIL encontrou seu público nas pessoas que, apreciando a literatura, não se sentiam à vontade para ler o que, na grande maioria das vezes, sequer entendiam.

Outras pessoas, que não ousavam mostrar seus escritos, viram no VARAL DO BRASIL a oportunidade de, alguns pela primeira vez, publicar os mesmos sem medo. Junto a estes debutantes literários vieram unir-se ao VARAL escritores mais experientes, outros até consagrados. Como no VARAL não há distinção de nenhuma forma, a igualdade se fez desde a confecção de um sumário sem “ordem” específica, assim como na não publicação de dados como biografia, idade, origem, nada que possa categorizar os autores participantes. Também, o sumário da revista VARAL DO BRASIL não traz o “número” da página onde o autor se encontra, fazendo com que o mesmo tenha que percorrer a revista, lendo seus pares até “encontrar-se”!

Tendo crescido muito a participação de autores e, por conseguinte, tendo o número de páginas aumentado consideravelmente, por motivos financeiros foi decidido que a partir da segunda edição, a revista VARAL DO BRASIL seria feita somente em formato digital PDF para distribuição através da internet.



Os textos para a revista são hoje recebidos não somente do Brasil e da Suíça, mas das mais variadas regiões do planeta, sendo que mesmo autores que não são originalmente de Língua Portuguesa enviavam e enviam textos traduzidos para o Português e, atualmente, enviam seus textos também em Espanhol (a partir de 2014). São aceitos todos os gêneros e estilos. Dentro da prosa e do verso, das crônicas aos contos, das trovas aos sonetos. E fora da literatura ela mesma, o VARAL DO BRASIL publica também textos acadêmicos, com aceitação e divulgação em escolas secundárias e universidades.

Em sua informalidade, o VARAL DO BRASIL não impõe aos autores uma limitação de idade e nem exige experiência literária.

Os participantes do VARAL DO BRASIL são iguais perante nossas regras de publicação, nunca importando a origem, formação, ou estilo, entre outros parâmetros que costumam diferenciar os escritores. Visando sempre o melhor para o leitor, o VARAL DO BRASIL não publica textos que contemham conotação político-partidária ou sejam de alguma forma ligados a uma religião específica. Também não são publicados textos que tenham caráter pornográfico ou que, de qualquer forma, possam afetar negativamente o leitor.

A revista é realizada informalmente, sem ambição de tornar-se uma publicação extremamente “profissional”. A publicação é feita em período bimestral, com tema livre na sua maior parte, mas também com edições temáticas e edições

especiais além das regulares. As edições especiais (distribuídas geralmente entre duas edições regulares) trazem temas como Natal e Ano Novo, Livros, Saudade, Paz, e etc. Nestas edições, assim como nas temáticas regulares, os textos publicados em toda a revista tratam do assunto proposto. A participação no VARAL DO BRASIL é sempre grande e é feito o possível para publicar todos os que enviam os textos dentro do prazo de inscrição.



Há mais de seis anos atuando na vasta área literária, o VARAL DO BRASIL é legitimamente suíço, ao contrário de alguns que se designam e não o são. O VARAL DO BRASIL é, autenticamente, uma marca registrada na Suíça (registro do Instituto Nacional de Propriedade Intelectual Suíço), com o ISSN (registro de circulação) da revista da Biblioteca Nacional Suíça sediada em Berna (capital suíça).

Desde 2013 o VARAL DO BRASIL é além de tudo isto, uma Associação Cultural suíça (sediada em Genebra), com objetivo de divulgação de todo tipo de atividade literária, cultural, artística, que seja veiculada na Língua Portuguesa.

O VARAL DO BRASIL trabalha de forma completamente independente, nunca teve associação com nenhum organismo público ou com alguma empresa privada, portanto, nunca recebeu auxílio financeiro de nenhum tipo para realização de suas atividades.

O VARAL DO BRASIL tem total liberdade de ação graças a esta independência. O VARAL DO BRASIL não possui representação no Brasil ou em outros países e nem associação direta com outras pessoas, jurídicas ou físicas. Todo o trabalho da revista e da Associação é realizado por Jacqueline Aisenman e membros de sua família.

A participação na revista nunca foi e não é cobrada, nem dos autores que enviam seus textos para publicação, nem dos colunistas que colaboram com a revista. Não há cotização, mensalidade, anuidade ou qualquer outra forma de demanda financeira por parte do VARAL DO BRASIL para publicação de textos na revista.

O VARAL DO BRASIL não faz divulgação de livros, lançamento de livros e de autores (biografias e afins) na revista porque a demanda é grande demais e o VARAL dá preferência de utilização do espaço da revista para divulgação de textos literários e/ou acadêmicos. Mas livros, lançamentos de livros, biografias de autores, saraus, reuniões literárias e outras atividades do gênero, tudo é divulgado em nossos outros espaços, como Blog, Página ou Grupos Facebook.

Nestes últimos seis anos o VARAL DO BRASIL realizou seis antologias (cinco da série Varal Antológico e a antologia Voando em Bando, resultado das oficinas literárias realizadas no Grupo do Varal do Brasil no Facebook).





A realização de antologias sempre foi feita com cooperação participativa dos autores, sendo que a maior parte do investimento financeiro final para edição das mesmas foi feita pelo VARAL DO BRASIL, trabalhando em colaboração com os excelentes profissionais da Design Editora, localizada em Santa Catarina.

As antologias do VARAL DO BRASIL foram lançadas na Suíça e no Brasil (Bahia, Minas Gerais e Santa Catarina).

O VARAL DO BRASIL realizou durante três anos seguidos o PRÊMIO VARAL DO BRASIL DE LITERATURA, prêmio literário luso-suíço dirigido à literatura lusófona e que premiou escritores nas categorias Contos, Crônicas, Poemas e Textos Infantis.

Da mesma forma funciona a participação de da Associação Culturelle VARAL DO BRASIL no Salão do Livro e da Imprensa de Genebra, onde representamos a Língua Portuguesa desde 2012, aumentando significativamente nosso espaço físico a cada ano e desta forma atingindo a cada edição do evento um público sempre maior. Iniciamos a participação no evento com um estande de seis metros quadrados e atual-

mente temos um espaço de cinquenta metros quadrados já há três anos

Neste espaço apresentamos escritores, artistas plásticos, artesãos e músicos.

O autor que deseja participar pessoalmente ou que deseja enviar seus livros para exposição no Salão entra com uma participação financeira cooperativa, mas a maior parte de todas as despesas relacionadas ao evento é paga pelo VARAL DO BRASIL sem nenhum tipo de apoio público ou privado.

O VARAL DO BRASIL representa e apresenta autores brasileiros, portugueses, angolanos, cabo-verdianos, moçambicanos, enfim, de qualquer nacionalidade, que escrevam em Português. Tem também levado ao Salão do Livro e da Imprensa de Genebra livros em Espanhol. Os autores participantes, além da exposição de seus livros, têm horários de autógrafos e realizam lançamentos de seus livros. Durante o evento costumam-se formar grandes “networks” literárias que possibilitam aos autores participantes uma visibilidade internacional como em nenhuma outra feira internacional realizada na Europa.

Mais de cinquenta escritores já passaram pelo estande do VARAL DO BRASIL no Salão do Livro e da Imprensa de Genebra, entre eles os renomados Alice Ruiz, Luiz Ruffato, Marcelino Freire, Cíntia Moscovich e Ronaldo Correia de Brito. Mais de trezentos títulos já foram expostos e vendidos durante o evento! O público de língua Portuguesa, não só brasileiro, residente na Suíça e região da França vizinha, já é assíduo frequentador do estande do VARAL pois sabe que é onde encontrará qualidade literária unida à espontaneidade e simpatia dos participantes.

O VARAL DO BRASIL tem grupos culturais no Facebook (um Grupo para oficinas literárias, postagens de textos e tudo relacionado a atividades literárias que é o Grupo VARAL DO BRASIL e um segundo grupo para divulgação de eventos culturais - literários e artísticos - que sejam em Língua Portuguesa ou a incluam, e sejam realizados na Europa). Estes grupos são abertos a todos que desejarem participar das atividades do VARAL DO BRASIL que possui também uma página destinada à divulgação cultural no Facebook, um blog (Blogger) e um site oficial.

O VARAL DO BRASIL não solicita aos autores que desejam participar da revista nenhum tipo de associação ou pagamento.

É levado sempre adiante o lema do VARAL DO BRASIL, que é fazer uma literatura de qualidade, mas sem frescuras, atingindo o máximo de leitores através de atividades literárias que mostrem o talento individual de cada um num conjunto harmonioso de autores dentro de um ambiente de paz e amizade.

Venha também para o VARAL DO BRASIL!



ANO NOVO 2016

POR TERESINKA PEREIRA

Devemos exercer serenamente o ritual da passagem de um ano a outro.

O Reveillon não traz mistérios nem ao menos representa uma invasão em nossas vidas com algo desconhecido!

O futuro o temos feito segundo nossa coragem de investir o tempo e a vontade de fazê-lo como um presente a nós mesmos, aos seres que amamos e a toda humanidade.

Que o 2016 seja próspero em ideais, em amor e em reconhecimento!



VENHA PARTICIPAR DO MAIOR EVENTO LITERÁRIO SUÍÇO EM 2016!



De 27 de abril a 1º de maio de 2016

Venha participar do maior evento literário suíço com o Varal do Brasil, associação 100% suíça com coração brasileiro! Nosso estande estará presente pela quinta vez levando autores de Língua Portuguesa para divulgar o que temos de melhor!

30º SALÃO INTERNACIONAL DO LIVRO E DA IMPRENSA DE GENEBRA - SUÍÇA

Informações: varaldobrasil@gmail.com



**Salon
du livre
et de la
presse Genève**

PICCIRILLI

POR FERNANDO SORRENTINO

Há muito tempo que a capacidade da minha biblioteca se acha esgotada. Teria que ampliá-la, mas a madeira e a mão-de-obra são caras, e prefiro adiar esses gastos em favor de outros mais urgentes. Enquanto isso, recorri a uma solução temporária: coloquei os livros horizontalmente e consegui desse modo aproveitar melhor o pouco espaço disponível.

Claro que os livros – na vertical ou na horizontal – acumulam pó e bichos e teias de aranhas. Não tenho tempo, paciência nem vocação para fazer a limpeza periódica que deveria.

Há alguns meses, num certo sábado nublado, decidi finalmente tirar um por um todos os livros, dar-lhes uma escovada e passar uma flanela úmida nas prateleiras.

Numa das estantes mais baixas, encontrei Piccirilli. Apesar do pó desses cantos, seu aspecto era impecável. Mas isso eu notei depois. No início só achei que era um cordão ou um pedaço de alguma coisa semelhante. Estava errado: já era, dos pés à cabeça, Piccirilli. Quer dizer, um homenzinho completo de cinco centímetros de altura.

Absurdamente, me pareceu estranho que estivesse vestido. Evidentemente, não havia nenhuma razão para que estivesse nu, e o fato de que Piccirilli seja diminuto não nos autoriza a pensar nele como um animal. Explicando melhor, então: não me surpreendeu tanto que estivesse vestido, mas a maneira como se vestia: botas altas e alargadas, jaqueta de amplas caudas, camisa vaporosa de babados, chapéu emplumado, espada na cintura.

Piccirilli, com seu bigode eriçado e sua barbiça em ponta, era o fac-símile vivo e reduzido de D'Artagnan, tal como eu o recordava de antigas ilustrações.

Agora: por que o batizei de Piccirilli e não de D'Artagnan, como pareceria lógico? Creio que, sobretudo, por duas razões que se complementam: a primeira é que sua silhueta esbelta exige, literalmente, os pequenos is de Piccirilli e recusa, conseqüentemente, os robustos as de D'Artagnan; a segunda é que,

quando lhe falei em francês, Piccirilli não compreendeu uma só palavra, o que demonstrou que, não sendo nenhum francês, tampouco era D'Artagnan.

Piccirilli deve ter uns cinqüenta anos; pelos seus cabelos escuros passam umas mechas brancas. Assim calculo sua idade, à maneira dos seres de nossa dimensão. Só que não sei se, para a miudeza de Piccirilli, o tempo determina proporções idênticas. Ao vê-lo tão diminuto, tende-se – sem razão? – a pensar que sua vida é mais breve e que seu tempo transcorre mais rapidamente que o nosso, da maneira como o vemos nos animais selvagens ou nos insetos.

Mas quem pode sabê-lo? E mesmo que assim fosse, como se explica, então, que Piccirilli vista roupas do século XVII? Pode-se admitir que Piccirilli tenha por volta de quatrocentos anos? Piccirilli, este ser quase sem espaço, poderá ser dono de tanto tempo? Piccirilli, esse ser de aparência tão frágil?

Gostaria de fazer essas e outras perguntas a Piccirilli e que ele me respondesse e, de fato, faço-as quase sempre e Piccirilli, efetivamente, responde-as. Só que não consegue fazer-se entender, e nem sei se compreende minhas perguntas. Me escuta, sim, com o semblante atento e, assim que me calo, apressa-se a responder-me. A responder-me: mas que língua Piccirilli fala? Oxalá falasse uma língua que eu desconhecesse: o mal é que fala uma língua inexistente na terra.

A despeito de seu físico propício à letra i, a vozinha aguda de Piccirilli só modula palavras em que a vogal exclusiva é o o. Claro que, sendo o timbre de voz de Piccirilli extremamente agudo, esse o soa como quase como um i. Ao mesmo tempo, esta é uma simples conjectura de minha parte, pois Piccirilli nunca pronunciou o I, de modo que também não posso assegurar, por comparação, que aquele o seja realmente um o e, a rigor, que seja alguma outra vogal.

Com meus poucos conhecimentos, tenho procurado determinar que língua Piccirilli fala. As tentativas resultaram infrutíferas, salvo que pude estabelecer nela uma invariável sucessão de consoantes e vogais.

Essa descoberta poderia ter alguma importância se houvesse a certeza de que Piccirilli realmente fala alguma língua. Pois qualquer língua, por mais pobre ou primitiva que seja,

tem uma extensão razoável. E o caso é que toda a fala de Piccirilli se reduz a esta frase:

- Dolokotoro povosoro kolovoko.

Chamo-a de frase por puro comodismo, pois quem haverá de saber o que encerram essas três palavras? Se é que são palavras, se é que são três: escrevo-as assim porque essas são as pausas que, na monocórdica locução de Piccirilli, penso perceber.

Que eu saiba, nenhuma língua européia possui tais características fonéticas. Quanto às línguas africanas, americanas ou asiáticas, minha ignorância é total. Isso, porém, não me preocupa, pois com toda evidência, Piccirilli tem, como nós, origem européia.

Por isso dirigi-lhe frases em espanhol, inglês, francês, italiano; por isso tentei palavras em alemão. Em todos os casos, a imperturbável vizinha de Piccirilli respondia:

- Dolokotoro povosoro kolovoko.

Às vezes Piccirilli me deixa indignado; noutras, sinto pena dele. É evidente que lamenta não poder fazer-se entender e assim entabular alguma conversa conosco.

Nós somos minha mulher e eu. A intrusão de Piccirilli não produziu nenhuma mudança em nossas vidas. E o certo é que apreciamos e até gostamos de Piccirilli, este minúsculo mosqueteiro que come adequadamente conosco e que guarda – quem sabe onde – um enxoval completo, proporcional ao seu tamanho.

Embora não consiga que ele responda às minhas perguntas, estou certo de que sabe que o chamamos de Piccirilli e não demonstra oposição a ser chamado assim. Algumas vezes minha mulher o chama carinhosamente de Pitchi. Isto me parece um excesso de intimidade. É verdade que a miudeza de Piccirilli se presta a motes e diminutivos amáveis. Por outro lado, porém, já é um homem maduro, talvez de quatro séculos de idade, e seria mais adequado chamá-lo Senhor Piccirilli, apesar de ser muito difícil chamar de senhor um homem tão reduzido.

Em geral Piccirilli é comportado e mostra uma conduta exemplar. Entretanto, às vezes brinca de atacar moscas e formigas com sua espada. Noutras, senta-se num caminharzinho de brinquedo e eu, puxando por uma corda, faço-o dar longos passeios pelo apartamento. Estas são suas raras expansões.

Será que Piccirilli fica entediado? Estará só no mundo? Conhecerá outros semelhantes a ele?

De onde terá vindo? Quando nasceu? Por que se veste como um mosqueteiro? Por que mora conosco? Quais são seus propósitos?

Infrutíferas perguntas repetidas centenas de vezes, às quais Piccirilli, monótono, responde:

- Dolokotoro povosoro kolovoko.

Quantas coisas gostaria de saber sobre Piccirilli, quantos mistérios levará com ele quando morrer.

Porque, infelizmente, Piccirilli encontra-se moribundo há algumas semanas. Sofremos muito quando caiu doente. Logo percebemos que adoecera gravemente. Como curá-lo? Quem teria coragem de levar a exame médico o corpinho do ser chamado Piccirilli? Que explicações daríamos? Como explicar o inexplicável, como falar de algo que ignoramos? Sim, Piccirilli vai nos deixar. E nós, passivamente, o deixaremos morrer. Já me preocupa saber o que faremos com seu quase intangível cadáver. Mas muito mais me preocupa não haver decifrado um segredo que tive nas mãos e que, sem que possa evitar, escapa-me para sempre.

Tradução de Ana Flores

[De En defensa propia, Buenos Aires, Editorial de Belgrano, 1982]

VENHA PARTICIPAR!

PARTICIPE DAS PRÓXIMAS EDIÇÕES DO VARAL DO BRASIL!

- EDIÇÃO DE MARÇO, COM O TEMA MULHER, INSCRIÇÕES ATÉ 05 DE FEVEREIRO.
- EDIÇÃO ESPECIAL DE PÁSCOA, INSCRIÇÕES ATÉ 25 DE FEVEREIRO)

**Toda participação é gratuita.
Nenhuma taxa é cobrada do escritor para divulgação de seus escritos.**



Imagem by wrupcch

O BEIJA-FLOR

POR FRANCISCO DE PAULA

O pássaro mais belo
Para minha admiração
Suas cores são lindas
É um perfeito matizado
Não tem bela melodia
Mas beijinho sabe dar
É sua única melodia
Que ele sabe cantar
Beijando flores
Rouba a doçura do mel
É o que sabe fazer
Para se alimentar
Voar é o que sabe fazer
Para frente para trás
Para cima para baixo
Bailando no ar
Bate suas asinhas
A mil por segundo
Pra no espaço se sustentar.
O homem, na inveja do pássaro
Para lhe imitar
Trata de copiar
A agilidade do pássaro
Criando o helicóptero
Imitando a ele, voar.

CLAREIRA NA FLORESTA

POR GENI PIRES DE CAMARGO PRADO

Estou chegando, a trilha é estreita, minhas botas se afundam no tapete de folhas secas que cobrem a terra. Quero registrar tudo, olhar tudo, contemplar tudo. Puxo o ar com força para presentear meus pulmões. Respiro o ar puro com aroma de folhas novas e brilhantes. A perplexidade do ambiente me fascina. Tudo está fora do meu ambiente do asfalto. Essa sensação paradoxal me emociona. Vários ruídos, agudos e surdos, interrompem o silêncio. Galhos secos despencam. Os pássaros são muitos e de vários tamanhos. Voam cruzando o espaço, piam, cantam e encantam no colorido farto de suas penas macias. A cor verde predomina e se dilui em nuances, chegando até o amarelo ferrugem. Folhas secas caem sinalizando inspirações acolhedoras. A clareira se abre para me receber. O sol nos espia esbanjando calor e luz. Não desperdiçar um segundo é a ordem do bom senso. Respiro fundo e o ar penetra em todas as células do meu corpo. Sentindo a reciprocidade do ambiente dou pequenos passos temendo quebrar a imensidão do momento. Uma sensação difusa me envolve. Quero enxergar a copa das árvores. Impossível! Mesmo inclinando o máximo minha cabeça para trás não dá para ver. Sinto-me uma formiguinha diante do leão amigo. Sem temor do animal mensuro as diferenças gigantescas. Posso dizer que a clareira representa um pedaço do céu no cercado da terra.

Aleatoriamente me aproximo de uma árvore para um abraço fraternal. Seu diâmetro é tão grande que meus braços chegam apenas na metade do tronco. Que momento sublime: descansar abraçada à mãe natureza. Chegou o momento mais difícil. Quero entabular um diálogo com as árvores de verde musgo.

- Querida irmã. A maneira como fui recebida me emocionou. Você não duvida de meu amor incondicional a esta floresta. Ganhar esta oportunidade é uma dádiva sem igual.

- Querida irmã, sua presença é o presente que pedi.

- Eu quero ouvir sua voz, quero conhecer seus sentimentos e você quer o mesmo em relação a mim.

- Sei que sentimentos antagônicos nos perseguem, o amor e a derrubada. Mas o prazer do momento é imensurável. Minhas irmãs se foram, outras seguem o mesmo destino, eu não sei até quando estarei livre da serra. O homem se aproveita da nossa natureza que se prende ao solo com raízes profundas. Não podemos correr, somos indefesas. Nosso grito de dor é abafado pelo barulho da serra assassina.

- Com muita mágoa sei disso. A luta contra a derrubada das árvores existe. Dias virão, não posso precisar o tempo. A consciência do homem será despertada, a venda de seus olhos cairá e a floresta será libertada da escravidão da ignomia da humanidade.

- Estar nesta clareira custou a vida de tantas árvores assassinadas pela serra da máquina nas mãos do homem inconsequente. Ele não vê, não enxerga, não sente a brutalidade mortal de sua atitude. Sabemos que o matador profissional de árvores é comandado por outro homem insensível, visionário preso no cabresto do vil metal. Esta situação me provoca revolta, medo e tristeza.

- Você me enche de esperança. Não será para mim. Hoje me senti feliz em vislumbrar um futuro de paz para minhas irmãs.

- Querida amiga, meu abraço neste momento é de despedida. As sensações deste encontro penetraram em meu ser e me ensinaram que crescer na verticalidade da vida é ganhar o céu.



Imagem by Dave Bonta

A VIDA COMO UMA ONDA DO MAR

POR ROGÉRIO ARAÚJO (ROFA)

Estava de férias em janeiro deste ano na cidade de Arraial do Cabo, na Região dos Lagos, onde passei quase quinze dias. Na praia, observava a criação de Deus e as ondas que surgiam do nada sem pedir licença. A Praia dos Anjos é até calma, mas às vezes surpreende quem nela está sem a menor preocupação.

A nossa vida, assim como na praia, é atingida por ondas que vêm e vão. Ora empurra, ora puxa. Estamos calmamente no “raso”, sem preocupação, quando de repente uma “onda” nos surpreende e tenta nos derrubar. E isso em forma de problema, pessoas inconvenientes ou mesmo algo que nos tira do sério.

Como diz uma frase de autor desconhecido: “Não sejas forte como uma onda que tudo destrói, mas sim como uma fortaleza que tudo suporta”. Assim, precisamos de “recarregar as baterias”, parando um pouco, para depois voltar e prosseguir na jornada da vida.

Mas de nada adianta pensar em fazer isso, sozinhos. Sem Deus nada conseguiremos. Como diz em Isaías – 40.31: “mas aqueles que esperam no Senhor renovam as suas forças. Voam bem alto como águias; correm e não ficam exaustos, andam e não se cansam.”

Vivamos com a “força divina” ao nosso lado. Ela que nos segura firme e nos mantém em pé. Assim com nas palavras do conhecido hino “Se as águas do mar da vida quiserem te afogar, segura na mão de Deus e vai...”



De 27 de abril a 1º de maio
de 2016 você tem um encontro
literário marcado em Genebra -
Suíça

SALÃO DO LIVRO E DA IMPRENSA DE GENEBRA

INFORMAÇÕES:

varaldobrasil@gmail.com

www.varaldobrasil.com

Inscrições abertas para
autógrafos e exposição de
livros

Informe-se!



Salon
du livre
et de la
presse Genève

FEIRA DO LIVRO E DA IMPRENSA DE GENEBRA - SUÍÇA: 30 ANOS DE EVENTO CELEBRADOS TAMBÉM COM A LÍNGUA PORTUGUESA!

Genebra estará festejando este ano sua 30ª edição do Salão Internacional do Livro e da Imprensa de e o Brasil marcará presença através do Varal do Brasil, associação cultural suíço-brasileira sediada na Suíça.

A iniciativa parte de uma catarinense que vive há mais de vinte e cinco anos na Suíça, Jacqueline Aisenman, que criou o Varal do Brasil em 2009 como uma revista literária digital que circula hoje entre os cinco continentes e que recebe participação de qualquer pessoa que deseje contribuir para as edições com seus escritos. A partir da revista, outros eventos culturais vieram, como a organização de antologias e seus encontros e, já há quatro anos, a participação na feira do livro suíça.

Esta será a quinta participação do Varal do Brasil no Salão do Livro e da Imprensa de Genebra, sendo que mais de sessenta autores já estiveram presentes no estande da Associação, tal como Luiz Ruffato, Ronaldo Correia de Brito, Alice Ruiz, Marcelino Freire e Cintia Moscovich.

Nos últimos quatro anos o Varal do Brasil teve o prazer de levar ao Salão do Livro de Genebra mais de trezentos títulos de livros em Português principalmente, sendo os autores brasileiros, portugueses, angolanos, cabo-verdianos e moçambicanos. Houve também a participação de livros em Espanhol vindos da Espanha e do Uruguai e livros em Inglês, Francês e Italiano provenientes de diversos países.

O Salão do Livro, que acontecerá de 27 de abril a 1º de maio de 2016, acolherá sessões de autógrafos, leituras para o público infantil e bate-papo entre autores e leitores que virão da Europa, do Brasil, Angola e Cabo-Verde.

O estande do Varal do Brasil contará além dos escritores, com música, recebendo a dupla Dulcineia Enferrujada, Darlly Maia e Marion da Rosa. Também no estande, uma exposição de artes plásticas dos artistas Maria Lagranha,

Paulo Themudo e Myrian Finkelstein. Convidamos você a integrar o grupo de escritores que estará no estande do Varal do Brasil, autografando seus livros ou enviando-os para que nós possamos representá-lo (a). A participação de um autor num evento como este de Genebra é essencial para a formação de uma sólida *network* literária, além da grande divulgação internacional do próprio autor e de suas obras.

Mais informações:

www.varaldobrasil.com

varaldobrasil@gmail.com

95.000 ENTRADAS

800 EDITORAS

856 AUTORES PRESENTES

MAIS DE 2.200 EVENTOS (ENTREVISTAS, SESSÕES DE AUTÓGRAFOS, ATELIÊS, ANIMAÇÕES ETC.)

234 JORNALISTAS CREDENCIADOS, 263

CITAÇÕES NA MÍDIA

30 PROGRAMAS DE TV E RÁDIO VEICULADOS DIRETAMENTE DO LOCAL DE EXPOSIÇÃO

A maior *network* literária, exatamente o que você precisa para alavancar sua carreira como escritor (a)!



Imagem by Andreas Ernst

ECUMENISMO CRÍSTICO – DESTINO DO TERCEIRO MILÊNIO

POR GERMANO MACHADO

Fazendo um esforço enorme – nota nos jornais, divulgação nas rádios, indo eu falar na Rádio Cristal da LBV, igualmente na Cultura, na Excelsior, falei no CEAO – Centro de Estudos Afro-Orientais sobre Ecumenismo Crístico, de que o fato virá pouco a pouco e será uma unidade de espírito. Não um ecumenismo meramente formal, mas um ecumenismo crístico a partir do relacionamento entre o homem e o Cristo Jesus. Um ecumenismo meramente de aparência não tem o espírito de Cristo. Todos aqueles que acreditarem num Deus Uno e em Cristo como aquele que trouxe a Palavra que nos entra pelo coração no Espírito, esses sim estão apropriados para uma visão de unidade sem imposição de cada crença. Um judeu ao lado de um maometano, um cristão protestante ao lado de um católico romano, um indígena com a visão de um deus que ele compreende e nós entendemos, os orientais de todas as visões teológicas ou religiosas, todos esses se acharem dispostos ao amor fora de teses, todos esses praticam o ecumenismo crístico. Não será esse possivelmente o destino do terceiro milênio? Assim como em várias situações pessoais e sociais houve e há uma mudança transformadora, da mesma forma no terceiro milênio, há de se preocupar em todos os continentes com uma visão de unidade o que chamamos ecumenismo crístico. Crístico, aqui, não visa nenhum sentido de crença, mas de espírito de ação concreta para com o outro. É um estender de mãos para os divergentes na aparência e convergentes no espírito, no coração, na alma, no ser, no agir, no viver, pois que não podemos mais sentir neste planeta as guerras mundiais de 14-18 e 39-45. Fala-se no Estado Islâmico e a apresentações dolorosas, pois nós achamos que haverá uma conversão racional e cordial, pois se houver continuidade, de onde não sei, partirá a destruição atômica de toda a Terra. Que todos aqueles que acima tratamos, como um Ecumenismo Crístico – Destino do Terceiro Milênio, entrem em si e vejam o que a onipotência amorosa do Espírito Crístico poderá fazer. Sem pessimismo, mas realisticamente ou será assim ou o que chamamos Apocalipse acontecerá. Sintamos no coração tais visões ao mesmo tempo filosóficas-teológicas e pessoais e nacionais-internacionais.





Imagem by Peter-Alfred Hess

O ESTRANGEIRO

POR GILBERTO NOGUEIRA DE OLIVEIRA

Eu sou um ser estranho.
Não sou dessa família terrena
De seres desvairados.

Tenho um cérebro difuso
Com pensamentos confusos
A organizar meu planeta.

Vim de um planeta distante
Onde seus habitantes trabalham
E dividem a vida e os alimentos.

Vim de um planeta distinto
Onde as pessoas são diferentes
E iguais entre si.

Vim de um planeta difuso
Onde as pessoas não são confusas
E amam-se uns aos outros.

Vim de um planeta disforme
Onde uns comandam engenhos
E outros, o bem-estar.

Vim de um planeta conforme
Onde todos se colaboram
Ajudando-se uns aos outros

Vim de um planeta constante
Onde tudo que é construído
Dura para toda a vida.

Vim de um mundo restante
Porque todos os outros foram destruídos
Mas o meu mundo é resistente.



ACASO...

POR JOSÉ ROBERTO ABIB

Acaso as vozes ensurdescessem ao entardecer,
Aqui não mais voltaria para te expressar este amor,
Que há muito tempo gerado, na amplidão de meu
Peito, faço questão de guardar,
Ainda que, sobre alentos me expresse, quero respostas
Provindas das chamas, porque esta inquietude muito me
Move na direção das estações que a memória voltará
A reter, para tanto não importando o quanto isto custar,
É fato consumado, deu-se direitos o tempo, ainda que
Víssemos o manto frio do anoitecer à algumas vozes
Ofuscando parcialmente mesmo que lhes coubesse
Expressivas propensões ao nos falarem de amor...!!!

FOI ASSIM...

POR GILDA FREITAS

Sentimentos de Ângela. — O dia escorre e eu numa infinita procura de saudades de alguém que vivi. E chega a noite com palavras doces, esconde a tua estrada. Eu me calo escondendo as palavras que roubaram tua vida, de mim ... são feitas de carne, sem frutos, me fazem arrepiar.

A saudade transborda dentro de mim para não deixar minha imaginação fugir. Então eu me busco para alçar-me além de mim. Mas o vento corre e varre os meus sonhos, soltos, prenes de amor silenciados dentro de uma metade viva de mim... De súbito as corolas tomando formas com toques de palavras róseas.. me afagam com um mundo de certezas... e não me deixam inventar estrelas... só recordações de vidas...

Sentimentos de José Augusto. — Foi assim... Foi assim mesmo... As estrelas não mudaram de lugar, elas mudaram de formas. Os rios não mudaram seus cursos, eles mudaram seus turnos... Porque... A travessia do Sol naquele dia foi bem diferente. Calou-se o temporal. Esconderam-se as escuras nuvens. A luz abriu milhares de flores de tantas cores. Tudo esperando a minha chegada... em minha nova morada. De repente o útero da morte foi se comprimindo, se abrindo, bem devagar... e eu sentindo... a magia... sem agonia... Como o fruto deixando a flor... E o fruto fluindo, saindo, sem dor, sem grito, nascendo vivo para uma vida invisível aos terrenos sentidos. Na terra ninguém ouviu o soar dos sinos. Eles não ecoaram. Mas no Infinito eles tocaram... em sussurros depois em gritos. Aleluia!... Aleluia!... Gritos! Eu, espírito nascia... para vida real, para a vida infinita.



Olhei a terra, só lágrimas eu via... Lágrimas ardentes e quentes, tão quentes, que cada uma tinha o sabor diferente. Fora da percepção humana, as águas corriam, serenas, cumulavam o dia novo, o dia que eu nascia. O que é a morte, o que é a vida? Mistérios?... Ou um estado de sonolência... A morte não existe. A morte é a vida que se principia. É a liberdade da consciência que deixa a matéria e voa... Voa em toda sua expansão à procura da verdadeira iluminação. É a vida no céu do Pai Consciência Divina. É o imaterial consistente. Como provar o céu se também não se pode provar a dor? Acima e abaixo é só abstração. Como o abstrato, a dor é a alegria no inconsciente consciente. Não muito longe, entre dalias e tulipas um esquilo voou... Tudo isso aconteceu... não é imaginação... é o novo em minha nova vida. Não me assustei... fiquei felicíssimo.



Imagem by Christos-Tsoumplekas

PÉ DE VENTO

POR GLADSTON SALLES

Nada me consome
Eu tenho o privilégio da escolha independente das
circunstâncias
Vivo momentos mágicos
Nada me ilude
Consigo me livrar de grandes tentações
Evito momentos trágicos
Saboreio o manjar dos deuses
A minha vida é êxtase constante
Nada me magoa
Não conheço desamor
O perigo e a dor implacável não me atingem
E sou capaz de reverter qualquer situação no último
instante.

Pode até parecer mentira
Mas, às vezes, me canso de tanta alegria
Eu sou um “pé de vento”...

SACI – PERERÊ

**POR HEBE C. BOA-VIAGEM A.
COSTA**

Sou o Saci-Pererê, um lendário negrinho do folclore brasileiro. Sou muito conhecido! Na minha terra não há criança que não tenha ouvido falar de mim. Só que nem sempre contam coisas boas.

O Brasil tem gente de todos os lugares do mundo além dos índios. Talvez seja por isso que me dão nomes diferentes. Ora sou Matintapereira, ora apenas Maty ou então Kilaino... Cá entre nós, prefiro Saci-Pererê. E você?

Contam também que tenho só uma perna, que uso um gorro vermelho e que fumo cachimbo. Sou esperto, ágil e buliçoso. Por causa disso acham que tenho poderes mágicos graças ao meu gorro vermelho. Perguntam: como pode fazer tanta coisa tendo apenas uma perna?

Ah! Acreditam que meu gorro pode me deixar ora visível, ora invisível, permite que eu assobie de um modo apavorante assombrando os viajantes, à noite, em caminhos solitários. Não é só isso. Acusam-me de criar dificuldades domésticas, apagando o fogo, queimando a comida, roubando fumo para meu cachimbo... Outro boato: Se alguém roubar meu gorro, dizem que meus poderes mágicos desaparecem e que para recuperá-lo prometo um mundão de ouro! Logo eu que nem roupa tenho! Tudo invencione!

Ainda bem que Monteiro Lobato falou bem de mim. Você conhece esse escritor? Ele fez de mim um personagem interessante e, creio eu, você vai gostar dele e dos outros personagens do livro. É o que muitas crianças dizem.

Como é bom cavalgar em noites enlouradas! Às vezes, me entusiasmo nessas correrias e assusto o gado ou então aproveito para fazer trancinhas na crina dos cavalos. Sou gozador e brincalhão, mas não faço mal a ninguém.

Acredite! Palavra de SACI – PERERÊ !



TRINDADE

POR HUGO FEDERICO ALAZRAQUI

O anúncio diz assim

“ E ninguém
ao pai vem
se não por mim”

olho pro pai
depois a mãe
não me veem
falam entre si

“sou o caminho”
continuo a ler,
sinto o carinho

pareço entender
no meu cantinho
onde está o poder.



Imagem by Philip-Barrington

Imagem by john hain



AH...

POR IOLANDA MARTHA BELTRAME

Quisera ser sol
Iluminar
Teu corpo de cetim
Quisera ser lua
Vigiar teu sono
Vagar na tua noite
Entrar pela janela
Quisera ser brisa
Acariciar
Teu corpo inteiro
Beijar teus lábios
Loucamente
Quisera de estrelas
Coroar-te
A mais bela

PRECE DE ESPERANÇA

POR ISABEL C S VARGAS

Neste ano que inicia um novo ciclo
Queria muitas coisas positivas:
Menos mentiras e mais verdades
Menos politicagem, mais políticas públicas
Menos violência mais igualdade social
Menos choro, mais alegria
Menos desastres naturais, mais consciência,
Menos vaidade, mais simplicidade,
Menos egoísmo e mais solidariedade,
Menos guerra e mais paz
Menos pobreza e mais empregos,
Menos criança nas ruas, mais escolas,
Salários mais baixos aos políticos
Melhora do salário dos professores,
Menos impostos, mais contrapartida.
Menos impunidade, mais exemplos bons,
Pois é elo exemplo que se educa a criança.
Quem segue caminho honesto não precisa de punição.
Queria um país mais sério, mais confiável.
E que o respeito ao outro fosse uma regra inviolável.



NAÇÃO BRASILEIRA

POR IVAN BRAGA

Hoje ainda hoje
Cedo bem cedo
Quero acordar antes do sol
E levantar sem medo...

Quero andar pelo céu
Voar por debaixo do chão
Abraçar minhas filhas
Abraçar meus filhos
Voltar todo mundo pro coração.

Ninguém vai dizer nada
Resmungar que é tarde
Educação é a única estrada
Meu nome é felicidade
Não me chamo ilusão
Gente em quantidade
Sou a grande nação
Gente em qualidade
Sou a mãe coração.

Sabiá sacode a palmeira
Amigos e amigas da canção
Nosso amor é a nação brasileira.

BÊNÇÃO DAS ESTRELAS

POR IVANE LAURETI PEROTTI

- um tributo ao olhar iluminado sobre o ano que chega

*“A noite acendeu as estrelas porque tinha medo da própria escuridão.”
Mário Quintana*

Sob camadas de pó, a memória perde o brilho, o viço e a validade. Espanando-se os fatos da vida, algumas janelas abrem caminho para os sentimentos instintivos e primordiais que, latentes, morrem à míngua na ilusão do esquecimento. Quando não são antecipadamente massacrados pela ansiedade das resoluções mágicas, ou da desesperança não caridosa, autoflagelo imposto e aceito sem declinações.

Não se aprende sem esquecer que esquecer é um jeito de aprender a lembrar. Selecionar lembranças pode disciplinar o olhar sobre as escuridões temporárias e os excessos de luminosidade tangenciados pelos milagrosos reveses da vida. Um passo aqui, outro lá. Apagam-se os passos e permanecem as marcas no terreno da alma consciente quando a alma está presente. E de presente em presente, até a alma se faz ausente! Purga as decisões e sofre no ocaso dos sentidos que atravessam o horizonte desalinhado.

Há sempre uma medida balizando a nossa forma de ver e sentir: pesa a pena sobre a pele desnuda, queima a luz que se distancia da vela acesa. Tocam-se as estrelas cadentes em pedidos rasgados diante da lua cativa, ambígua e afônica. Salve Jorge! que sejam consumidos os dragões da ofensa e do malquerer. Sob espadas de magnólias, revista-se a armadura do chão celeste, emblema campestre para os atentos peões.

Estrelas fecundam a espiralada via láctea. Os dias escondem o rosto, a noite desdobra a manta e o firmamento parece estar sempre onde tudo começou, mesmo ao término dos

calendários com suas colheitas orquestradas. É assim: sentir, medir e guardar processam-se no mesmo ritmo sazonal das emoções perfiladas em míticos acontecimentos. De cá, de lá, somos andarilhos sob estrelas pontiagudas, fúlgidos astros de destino providenciado pelas leis da vida, sempre ela, a manter-se ativa até quando a entendemos perdida.

Vacância entre os homens de bem. As estrelas são minhas, suas e de todos aqueles que suspendem o ritmo para atear-lhes o fogo da poesia. Nutridas pela esperança, não tardam em esmorecer, apagar, para voltar acender em outros sistemas, longe dos olhos descrentes, céticos e apressados.

A noite não cai... ela desce as estrelas para presentear a escuridão.

As estrelas não morrem, mudam de lugar! E nascem da gestação orbital de nossos anseios: uma forma de estar no mundo!

*“Eu vos digo:
Alguém precisa ter caos em si mesmo
Para dar luz a uma estrela dançante.”
Nietzsche*



NA CANDIDEZ DO JARDIM

POR IZABELLA PAVESI

Nuvens densas dos céus alpinos
Abriram-se... e flutuaram...
Partículas se desprenderam,
Em suave queda, indeléveis pelo ar.
Um manto branco desceu.

No jardim, floquinhos atapetaram o chão,
Agarraram-se ao varal e às romãs,
Sufocaram os brotos das tulipas,
Esconderam em seu ventre as flores,
As folhas, os lírios e as maçãs.

Aos galhos, esplêndidos, se penduraram
Nos arames, cepos, em cercas aéreas.
Meninos brincaram na neve, em
Buliçosas travessuras de infância,
Alheios ao enregelante frio.

Anjos cândidos, iluminados, multiplicaram
As doces horas de encantamento.
Nossos olhares surpresos, abençoados,
Se enlaçaram a tanta beleza...
E, extasiados... a contemplamos.

Um instante de infinito amor
Parou nos jardins do tempo,
Congelando delicados momentos,
Em afinadíssima sinfonia.



Imagem by Larissa-K

VENHA PARTICIPAR DESTA FESTA LITERÁRIA INTERNACIONAL!

O Brasil estará presente no 30º Salão Internacional do Livro e da Imprensa de Genebra, Suíça, através do Varal do Brasil, associação cultural sediada na Suíça.

A iniciativa parte de uma catarinense que vive há mais de vinte e cinco anos na Suíça, Jacqueline Aisenman, que criou o Varal do Brasil em 2009. Esta será a quinta participação do Varal no Salão do Livro de Genebra, sendo mais de sessenta autores já estiveram presentes no estande da Associação, tal como Luiz Ruffato, Ronaldo Correia de Brito, Alice Ruiz, Marcelino Freire e Cintia Moscovich. O Salão, que acontecerá de 27 de abril a 1º de maio de 2016, acolherá sessões de autógrafos, leituras para o público infantil e bate-papo entre autores. O estande do Varal do Brasil contará também com música e uma exposição de artes plásticas.

O estande receberá diversos autores para autógrafos vindos do Brasil e de outros países.

Venha você também fazer parte de nosso estande, valorizando assim suas obras e sua carreira literária!

Informações:

www.varaldobrasil.com
varaldobrasil@gmail.com

95.000 ENTRADAS

800 EDITORAS

856 AUTORES PRESENTES

MAIS DE 2.200 EVENTOS (ENTREVISTAS, SESSÕES DE AUTÓGRAFOS, ATELIÊS, ANIMAÇÕES ETC.)

234 JORNALISTAS CREDENCIADOS, 263 CITAÇÕES NA MÍDIA

30 PROGRAMAS DE TV E RÁDIO VEICULADOS DIRETAMENTE DO LOCAL DE EXPOSIÇÃO

Imagem by Sumners Graphicsin Fotolia



Imagem by Ryan McGuire

PARA NÃO SER SINCERO (A)

POR JACQUELINE AISENMAN

Faço minhas as suas palavras.
Literal.
Mente.
Apenas um gesto.
Concordar
para não entrar em desacordo.
Evitar
todo tipo de discussão
não mostrar, não dizer, não falar
a minha sincera
opinião.
Não dizendo o que penso
entro no consenso
de todos os preceitos.
Porque na atualidade
se falar abertamente
os pensamentos...
está em seguida sujeito
a julgamentos...
por preconceitos
que em geral nem sabia
existirem.
Por isto faço minhas
as suas palavras
em qualquer conversa
de botequim ou de rede.
Com toda esta comoção
que nos cerca
prefiro não matar a sede
de quem gosta de confusão.

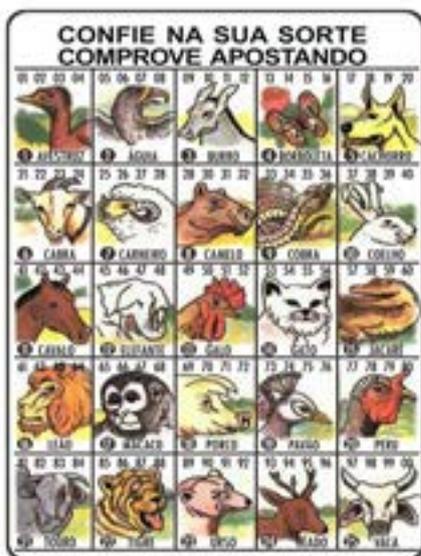
PRECONCEITO

POR JAIME CORREIA

Vítima de preconceito eu luto,
Vítima, também tu lutas.
Vencerás, porque vencer também consigo.
Que importa que tenhas sido puto ou puta?
Mesmo assim te quero como amigo.
Meu pai é negro, minha mãe é negra
E me chamam de neguinho,
Agora vem um socialista, de repente,
Dizer que sou afrodescendente.
Engraçado é um socialista negro
Não me chamar de negão!
Seja franco, não existe africano branco?
Homossexual é chamado de boiola, baitola,
Boneca, maricas, frango, maricom,
Fresco, pirobo, chibungo e viado,
Criaram um termo educado, menos
pejorativo.
Resolveram classificá-lo como homo afetivo.
Minha gente, pareço político,
Homo afetivo, afrodescendente,
O que muda afinal?



Imagem by Regio TV



ÁGUIA

POR JANETE ROCHA

O vento derruba bruscamente o chapéu da mulata e o sol invade seu rosto sem piedade. Ela tropeça enquanto desce a escadaria equilibrada no tamanco. Lá se vai o chapéu escada afora e ela correndo desengonçada para alcançá-lo. Pega o chapéu e volta ao seu desfile escada abaixo balançando a bolsa de palha com os quadris. Na favela os caminhos são escadas que se entrelaçavam, subindo e descendo num círculo vicioso. A mulata desce despreocupada com um largo sorriso de passista no rosto. Ela telefona.

— Esta em casa? Você não vai? Já estou no ponto! Coloquei aquele biquíni azul que você adora.

— Difícil aqui, complicado, “Dona Encrência” não sai do meu pé!

— Não quero saber. Nem me importa. Não tenho homem para ficar sozinha. Assim arrumo logo outro, só tu pestanejar meu lindo!

Marlene é amante de Bruno há quase um ano. No princípio se encontravam uma vez por semana no Shopping. No final da tarde já estavam num hotelzinho barato. Agora duas vezes por semana era pouco para tanta paixão. Ela era durona quando se tratava de homem, ou fazia o que ela queria, ou terminava. Iam en-

contrar-se numa praia. Ele inventou para a esposa que ia ao futebol no Aterro do Flamengo, mas justamente aí foi que a esposa resolveu ir junto. Propôs que ele jogasse o futebol enquanto ela se bronzeava. Carmem sempre foi uma esposa romântica, insistente, não perdia um só momento de amor com o marido, embora soubesse que esses momentos só existiam na sua imaginação. A esperança é a última que morre.

— Carmem, não insista. Prometo que assim que terminar eu venho. Vou para o futebol carregando barraca, toalha e todas as tralhas que você gosta? Não mesmo!

— Eu ajudo amor. Se estiver ventando muito eu fico com você. Vou torcer no seu futebol e te jogar muitos beijinhos. Podemos voltar juntos depois. Não perca esta oportunidade meu amor.

— Ai meu Deus! Você não escuta mesmo! Beijinho? Futebol é coisa de homem! Você quer me envergonhar? É isso?

Ela cala-se vencida. Ele não sabia se tremia de raiva ou de medo. O celular toca e ele com a desculpa de falta de sinal sai para atender. Ela o observa triste. A mulata estava danada! Queria ir à Praia Vermelha com ele e não cedia um só milímetro na sua decisão. Jogou sujo.

— Ou você encontra comigo lá na Vermelha ou nunca mais coloca a mão nessa gostosura!

Foi aí que ele se desesperou. A discussão no celular ficava feia e o conflito na casa ficava pior. Por fim convenceu Carmem da desistência do futebol. Prometeu até almoço contanto que ela fosse à praia Vermelha dessa vez e nos próximos jogos ficasse em casa. Gostava de Carmem, ou pelo menos sentia pena dela. Ela era uma boa esposa, mas já estava meio passada. Se não fosse o dinheiro dela e aquela maldita cláusula de fidelidade no contrato de casamento, já tinha partido para outra. Pelo menos se o maldito Bernardo, seu sogro, morresse logo. Uma boa herança não faz mal a ninguém, talvez ficasse mais fácil aturar. O velho era ruim até para morrer! Enquanto Marlene balança no

ônibus com seus badulaques, Carmem fala no celular.

— Praia Vermelha. Vou almoçar por lá, pai. Você viaja quando?... O filho dela não esta nada bem, eu sei... Sim, vou lá mais tarde... Falamos depois então. Beijo.

— O que o velho queria?

— Não sei, vai viajar para ver o filho da Tia Dinah. Ele quer falar comigo antes, coisas para eu cuidar enquanto ele não esta.

Eles chegam à praia mais de uma hora depois da chegada de Marlene. Ele coloca a barraca, arruma a cadeira, deixa a esposa confortável e diz que vai comprar cerveja. Disfarçadamente ele procura à mulata e a encontra cercada de olhares famintos do outro lado da estatua de Chopin. Caminha na direção dela quando a esposa lhe interrompe, mostrando a barraca de bebida logo ao lado. Ele se desculpa mentindo ter visto um amigo e diz que já volta. Logo que chega perto a mulata vai logo lhe puxando para baixo de uma arvore. Ele confere ter saído do campo de visão da esposa e se entrega aos carinhos de Marlene. Abraçados conversam animadamente.

— Lindo, eu tenho uma novidade! Advinha o que me aconteceu?

— Algo bom ou ruim minha gata?

— Ganhei uma grana preta no jogo do bicho.

— Sério?

— Na águia. Sempre adorei águias, acho que gostam de mim. Uma coisa de mais de 6 zeros! Estou pensando até em me mudar da favela. Sempre quis morar num lugar melhor com toda a mordomia. Dessa vez você vai poder largar Dona Encrenca, ela merece ficar sem você!

— Eu não posso prometer morar contigo ainda. Tenho que esperar a herança. Faça questão de ter um canto de amor nessa sua mansão. Vai ter um cantinho para mim lá?

— Sempre meu lindo. Chega mais perto, vem

falar mais desse cantinho.

Bruno e Marlene se beijavam ardentemente sem preocupação. Eles ficam tão entretidos nas caricias e beijinhos que não percebem a chegada de alguém, que os observava no banco a frente. Bruno ao olhar para frente, não consegue mover um só músculo. Sr. Bernardo sentado, olhando fixamente o casal. Bruno viu seu futuro tenebroso, tudo acabaria em miséria. Sr. Bernardo se levanta e vem em sua direção. Ele pensa: é agora! Marlene levanta-se devagar e pega o celular.

— Oi querida. Tudo arrumado aí? Daqui a pouco chegamos. Está feito.

Olha para Bruno com um desprezo e diz:

— Querido Bruninho, quero te apresentar O Águia, meu protetor pessoal.

Sr. Bernardo se aproxima e abraça sua cintura. Ela continua:

—Eu ganhei um apartamento novinho e a filha dele se livrou de um calhorda. Quanto a você? Carmem já chegou no apartamento e esta colocando suas coisas na calçada. Eu e “O Águia”, vamos para lá.

Ele fica sem ação tremendo de ódio e desespero. Olha para os dois e mal consegue balbuciar um som. Ela lhe sorri e diz:

— Sente na areia e conte os navios, lindinho.

Assim Marlene e Bernardo andando de braços dados, deixam Bruno confuso e sozinho, sem saber o que fazer.



AFAGO DE AVÔ

POR JANIA SOUZA

Doces palavras
(afago de avô)
- leite com mel –
murmúrios
Do coração terno
Sempre fiel.

Ressonância de acordes
Na mais singela
Musicalidade de afeto.

Suavidade, marulho da brisa
Sinfonia de carinho
Beijo de menino na testa.

Bilocas coloridas
Essas crianças travessas
São gangorras na areia
No mar, barquinhos de pesca
Da euforia, pipoca em festa
Do adeus, aviões de papel
No jogo da amarelinha
E na dança sapeca
Eis o mais doce murmúrio
Do coração sempre terno.





O SOL E O GELO

POR JÔ MENDONÇA ALCOFORADO

E quando o sol acaricia as montanhas no final da tarde.
E as geleiras do mar gélido começam a derreter formando um caminho
coberto dos raios de sol.
A água corre e sai vasando dos mares que corre para o rio que desce as
montanhas
E vai aguando a plantação, lavando os caminhos, abraçando os galhos
das árvores, banhando as folhas que caem ao chão e nadam nas águas
flutuantes e bravias. Percorre o dia e encontram a noite.
O sol se pôs. Chegou o frio e a neve branquinha cai do céu e forma ta-
petes sem fim onde a vista alcance.
Amanheceu e o sol novamente na primeira fração dos raios iluminando
o dia que adentrando clareando rápido.
Avistamos mais um dia exposto às novas estações...

O ENCONTRO

POR JOSÉ CARLOS SIBILA

Ele já estava ali esperando sabe-se lá quanto tempo. Não agüentava mais aquela demora ociosa que fazia as horas ficarem pesadas e se arrastarem uma atrás das outras. E o que é pior, ele não sabia qual delas havia passado, qual estava passando e nem a que viria depois. Quantos dias ou meses estaria ali não se sabe, mas o fato de ignorar o tempo era uma tortura.

Finalmente uma voz muito doce o chamou: - “Meu filho, chegou a sua hora”. A voz doce lhe causou mais tormento do que alívio. De onde teria vindo? Quem lhe chamava assim de “meu filho”. - “Pode passar por aquela porta”- acrescentou a voz do infinito. Mas que porta, se tudo era branco como o nada. Tanto tempo naquele lugar sem cor, sem frio nem calor, sem nada, já não podia distinguir entre a direita e a esquerda, o lado de cima e o lado de baixo. E não via nada parecido com uma porta.

“Siga em frente e a porta se abrirá no momento oportuno” acrescentou a voz, adivinhando a sua dificuldade. Um espaço se abriu a sua frente, revelando outra sala mais branca que a brancura anterior. Ele fere o espaço com a ponta dos pés, entrando cautelosamente no desconhecido.

- Aproxime-se meu filho, não tenha medo.
- Mas como não ter medo. Estou num lugar que ficou mais branco que a escuridão, sem janela, sem porta, sem ninguém. E o que é pior, sem o tempo. Como é que eu posso não ter medo?

- Não se preocupe - respondeu a voz- Agora você está comigo.

- E quem é você.

- Sou aquele a quem tanto você procura.

- Mas eu não estou procurando ninguém.

Tudo que eu quero é sair deste buraco branco.

- Todos querem vir para cá. É estranho que o senhor esteja reclamando.

- Eu estou num lugar que eu não sei onde

é, faz não sei quanto tempo, não vejo ninguém e agora que ouço e posso falar, eu não sei com quem.

-Eu sou teu pai - falou a voz demonstrando alguma emoção.

-Meu pai já morreu.

-Que coincidência, meu filho, você também.

- O que é isso? O que você quer dizer com “Você também” ?

Não houve resposta. Apenas um silêncio branco como o lugar e o tempo.

- Quer dizer que...Eu, eu estou morto?

- Em carne e osso - Brincou a voz.

- E quem é você?

-Já disse, eu sou o seu pai.

- O meu pai falava de outro jeito.

- Sou o pai do seu pai.

- Meu avô também tinha outro jeito de falar.

-Sou seu pai. Pai do seu pai. Pai do pai do seu pai. Sete vezes sete pai.

-Eu não estou falando com Deus, estou?

Não,não, Quando muito com São Pedro, o homem da chave. Foi você quem abriu a porta branca?

- Eu não sou São Pedro. Estou acima.

- São Jorge? - A voz sempre negava cada identidade apresentada - Francisco?, João? Judas não, pelo amor de Deus.

-Acertou - Respondeu a voz alegremente.

- Judas?

- Não, Deus.

- Meu Deus - Exclamou admirado.

-Sou eu mesmo - Respondeu a voz- Muito prazer.

- Pois olha, prazer eu não tenho nenhum. Estou muito aborrecido de ter ficado esperando sabe lá quanto tempo naquele quarto escuro branco.

A voz respondeu meio sem jeito:

- Queira me desculpar. Mas está vindo tanta gente lá de baixo, que eu não dou mais conta sozinho.

-Pois arruma um assistente.

- Estou procurando. Mas aqui está todo mundo muito ocupado.

-Pega alguém lá de baixo e puxa para cima.

- Olha que eu tenho procurado - Respondeu Deus meio desolado - O senhor tem alguma indicação para me dar?

- Se eu fosse Deus e precisasse de alguém para me ajudar eu pegaria um presidente de uma grande nação. A maior de todas.

-Já fui pesquisar o homem- Respondeu a voz desolada - Não serve. Ele vê perigo até na sua sombra se ela tiver barba. Eu então com a barba desse tamanho, ele ia logo me jogar uma bomba. O homem ficou louco. Não serve para o Céu não.

- Então chama lá o presidente do meu país. O homem faz sucesso lá em baixo. É culto, inteligente, sociólogo consegue convencer Deus e o Diabo como a gente diz lá.

- Tenho medo dele - Respondeu Deus com um ar de preocupação.

- Medo? O homem não quer saber de guerra, só fala em desenvolvimento, emprego, oportunidades para os emergentes.

- Perigoso - Falou a voz com certa preocupação

- Com certeza ele ia querer o meu lugar.

- A voz fez uma longa pausa e acrescentou - Mas, o senhor já está aqui mesmo, chegou a sua hora, não precisa mais esperar. Vamos começar.

- Mas começar o que?

-O seu julgamento. Hoje é o dia do seu juízo final. Aliás eu já tenho aqui o resultado. E se o resultado é de Deus, o senhor não pode apelar para as instâncias superiores.

- Pode ir parando. Não vai me falar que aquela lorota toda é verdade.

- Exatamente.

- Igualzinho?

- Tudo que o senhor ouviu lá foi ditado por mim.

- Aqui no Céu é do jeitinho que eles falavam na terra.

Deus respondeu com orgulho:

- Não mudaram uma palavra minha. O Céu é a recompensa. Tudo aqui é belo.

- Branco você quer dizer?

- Branco - Confirmou Deus - Paz, serenidade.

- Mas nem uma desavençazinha para variar?

- Nada. Isso é coisa da terra.

- E a mulherada?

- Nada, aqui não temos sexo. Isso é coisa da terra.

- Um aperitivo de vez em quando?

- Só água. Bebida alcoólica é coisa da terra -

Acrescentou Deus com orgulho.

- Isso é o Céu?

Deus acrescentou orgulhoso:

- Isso é o meu Céu, branco, puro, sem sexo, nem as bebidinhas como o senhor falou . Aqui é tudo como o senhor está vendo - Fez uma longa pausa, como se procurasse uma

maneira de falar alguma coisa que iria desagradar o morto. - Mas infelizmente, pelo que eu já fui informado, o senhor não vai poder ficar entre nós. Terá que voltar à terra em breve e os meus auxiliares já vão preparar o seu retorno.

- Meu pai. Agora de uma coisa eu tenho certeza: A sua bondade é infinita.



PRÓXIMAS EDIÇÕES

- Edição de março com tema MULHER, inscrições até 5 de fevereiro.
- Edição especial de PÁSCOA, inscrições até 25 de fevereiro.
- Edição de maio com o tema AS QUATRO ESTAÇÕES ou tema livre. Inscrições até 25 de março.
- Edição de julho com tema livre. Inscrições até 25 de maio.

Envie seus textos em verso ou em prosa para o e-mail varaldobrasil@gmail.com

Você pode escrever mesmo sem nunca ter publicado antes. Não precisa ser associado a nenhuma organização, associação ou academia.

Varal do Brasil: Literário, sem frescuras!

Mãe é uma só, mas filhote...

Um casal de cães pode gerar até 13 mil descendentes em cinco anos.

**Evite. Não abandone!
Castre seu animal.**

www.vira-lata.net
Não temos abrigo



Mãe: Tuca // Filhotes: Feito Doce
Foto Liz Guimarães



**NÃO FIQUE APENAS SONHANDO
COM SUA CARREIRA
LITERÁRIA!
FAÇA, ACONTEÇA!**



De 27 de abril a 1º de maio de
2016

30º Salão Internacional do Livro e
da Imprensa de Genebra - Suíça

Informações
varaldobrasil@gmail.com




Varal do Brasil
Literário, sem fronteiras

Salon
du livre
de la
Genève

ESPERANDO O TEMPO PARA VIVER

POR JOSÉ HILTON ROSA



Ofuscando meus olhos
Molham como um choro
Escondido no meu tempo
Assustado sem saber o que era

Querendo esquecer
Viver na solidão
Querendo não ser visto
Viver esquecido

Tempo lembrado
Alegria passageira
Correr para a vida
Querendo viver

Terra fértil
Lembrança do verde
Uma lágrima como recordação
Uma dor no coração

Olhos cansados
Olhando aquilo e tudo
Tudo ofuscado
Tempo passado

Esperando um aconchego
Querendo abraçar o tempo
Aproximar de todo querer
Perdido no pensamento

Ofuscando meus olhos
Cansados de tanto ver
Esperando o tempo
O tempo para viver

EU TE DESEJO

POR JOSÉ LUIZ DA LUZ

Desejo, se ímpios plasmarem tua cruz.
Com exato fardo ao teu suor verter.
Que esmeres bem tua alma ao oferecer.
A certeza do perdão, e tua luz.
Que haja feito na pira do coração.
O fulgor justo de um verdadeiro irmão.

Desejo que tenhas o discernimento.
Que pondera quem desliza, e quem odeia.
Para que a sabedoria que permeia.
Dê ciência, e que exales entendimento.
Que não morra de tua alma esta ternura,
que possa afagar o afã de outra alma impura.

Desejo, se as tuas lágrimas furtarem,
dos teus mistérios o amor do coração.
Que tu interpeles tua própria razão.
Tendo ânimo para teus pés palmilharem.
Que tu ouças a voz que te fala em segredo.
De quanta vida virá após o degredo.

Desejo que sejas jovem no plantar.
Maduro na ceifa, tendo o joio e trigo.
E ancião no atar boa colheita ao abrigo.
Cada idade tem sapiência ao trabalhar.
Que saibas da força que abre uma semente.
Que entre as pedras explode folhas contente.

Imagem by DayronV

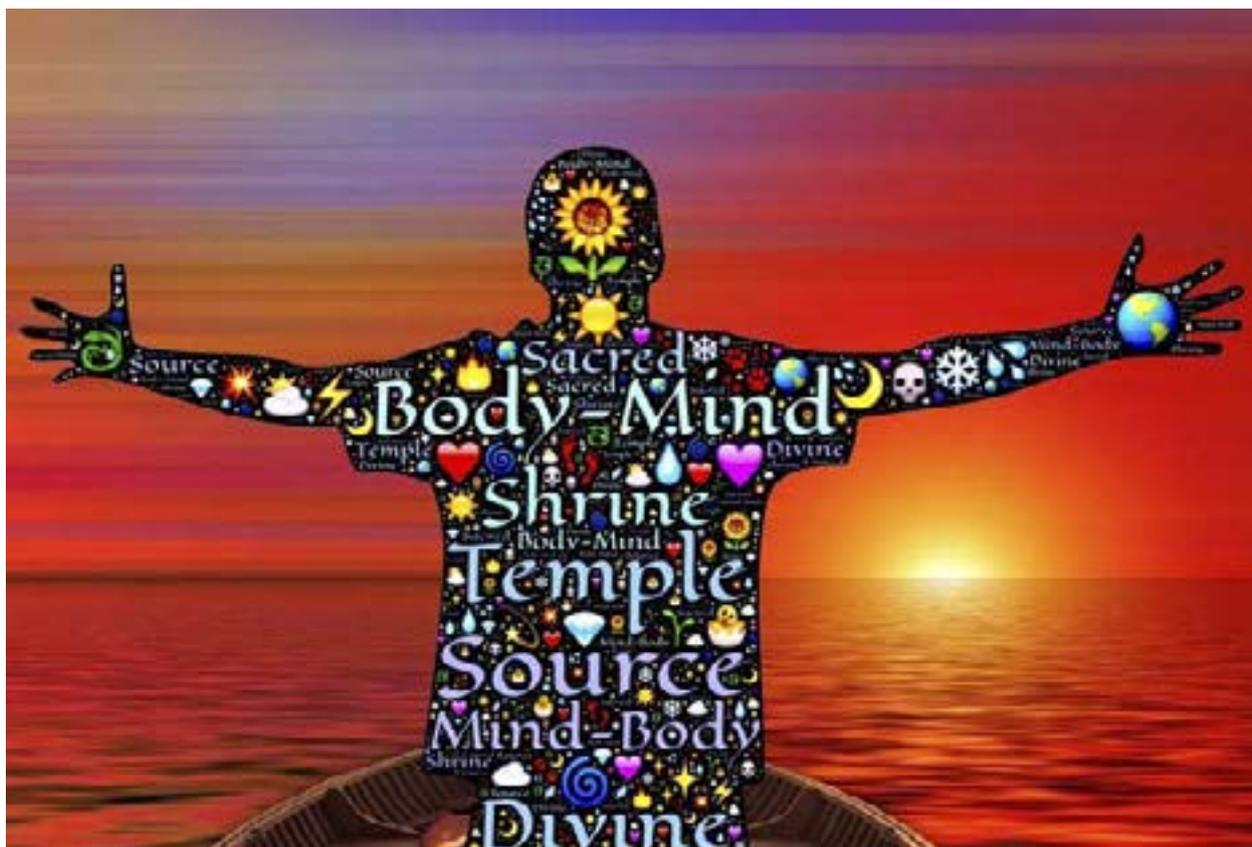
FOI SÓ TE VER

POR JÚLIA CRUZ

Isso que da confiar no tempo,
Foi só te ver de novo que tudo de repente voltou...
Isso não faz bem pra mim,
Porque como você aprendeu a ser frio,
Eu não aprendi...
Você disse que não seria comigo,
Mais já vi que era coisa de momento,
Você faz o que quer com meu coração, E depois ri,
Você me beija, E me deixa ir...
Essa pessoa que sairia sofrendo,
Seria eu??
Então me deixe aqui no meu canto,
Porque sofrer de amor, eu dispenso...



Imagem by John Hain



DIVINDADE

POR KAIQUE BARROS MORAES

Na divindade da Casa de Deus
Estamos com a sua tamanha e
Gloriosa bênção que tanto nos
Dispõe a sua força como prova de
Seu amor tão puro,
Tão verdadeiro e
Tão singelo quanto a pureza que transcende
Através de seu olhar e
Tão acolhedor sorriso
[...]
Que tanto nos dispõe a fraternidade
De sua graça que me dispõe do prazer de
Com essas palavras poder te alcançar e dar um
abraço
Tão quão apertado
[...]
E o tão agraciado dom de poder te ver e sentir
Através de uma alma,
No controle de meu coração.

ROMANCE DE SOL E LUA

POR LÚCIA BARCELOS

Ah, se fôssemos o Sol e a Lua...
Coexistindo na realidade crua
de luzir no céu em horas desencontradas.
Eu, no silêncio da noite sombria...
Você, astro iluminando o dia:
encanto de manhãs e tardes ensolaradas!
Eu, extasiada diante de tua soberania,
te sabendo, porém, singelo e doce,
despojado de qualquer arrogância.
Você, estrela com luz própria,
emprestando-me luz e elegância,
com a qual desfilo na mansidão do infinito.
Você, poderoso, vibrante, bonito,
fonte de energia e calor,
dotado de tamanha grandeza!
Eu, com o privilégio e a sutileza
de inspirar poetas a cantar o amor.
Ambos, postos no universo,
num enlevo afetuoso, imersos,
sem poder de escolha,
nessa sina de amar e amar.
Eu, esperando que você se recolha,
para erguer-me no céu e poder brilhar!



VOLTE A SER CRIANÇA

POR LYA GRAM

Ahh as mãos de criança...
Que mãos curiosas são essas?
Sedentas por magia
Aos olhos inocentes onde
Uma simples tampa é volante
De um carro que transporta imaginação
A rodopiar pela sala
Exibindo a volta de um tempo
Que não volta
Ou volta
Se permitir esvaziar o julgamento
De que adulto não brinca
Não sonha
Então se joga no chão
E faça sem medo
Cara de louco
Pois essa insanidade
É o mais perto que
Poderás estar
Da sã consciência infantil
Na sua inteligência inocente
Ser herói de seus problemas
Transformando-os em contos
Em olhares contentes
Por vencer a batalha contra
Essa maturidade cega
Que anuvia a mente
Que arranca cores
Que anula sabores
Sendo assim
Acredite em mim
Aprenda a ser como
Criança
Entre na ciranda
E para sempre
Todo sempre
Serás feliz.



Imagem by Skitterphoto

SONETO AO MAR

POR MARCO DI SILVANNI

Se deixas ao mar o segredo do amor,
que será dos teus sonhos ao virem as ondas,
a espuma dos dias, o beijo na areia,
a chuva da tarde, caminho do céu?

Eu já quis provar o sabor da esperança,
ou ela te alcança ou perdes a vez,
e perdes o tempo, o segundo, o instante,
o momento instigante que vai te levar...

Não deixes ao mar o segredo do amor,
não deixes às ondas o tempo da paz,
e fecha teus olhos por mais um segundo,

E ao contemplar o que o vento te traz,
não ter deixes levar, que este teu coração
te deixou tanto ao mar, não te soube esperar...



PACHOLA

POR MARIA APARECIDA FELICORI (VÓ FIA)

Figura fácil de ser encontrada nas ruas da cidade de Bartira, Eliseu Dias era totalmente diferente dos demais homens daquela pequena comunidade; em geral as pessoas eram simples e se vestiam com simplicidade, tudo de acordo com o modo de viver de um povo que vivendo na cidade conservava os hábitos da zona rural a qual pertencia.

O cheiro da roça cobria tudo, porque as fazendas e sítios que cercavam a cidade estavam sempre muito perto, as mais distantes ficavam a pouco mais de quatro quilômetros do centro urbano; essa proximidade moldava o jeito de se vestirem e até de falar, pois o povo falava macio mastigando os erres e até engolindo alguns, era o costume e era bom.

Naquele viver meio urbano e meio rural, era a praticidade que valia e ninguém se interessava por modismos, porque as cidades grandes estavam longe e as modas de lá não chegavam cá; era o império das calças de brim e camisas de tricoline xadrez para os homens e vestidos de algodão de cores alegres para as mulheres, todos tinham uma roupa melhor e era só.

Mas para o cidadão Eliseu Dias não era bem assim, ele achava que mesmo em Bartira as pessoas podiam e deviam se vestir com uma certa elegância; ele vivera por alguns anos em uma cidade maior e se considerava muito entendido em moda masculina, dizia que o povo precisava aprender com ele a se vestir bem, mas as pessoas apenas riam de suas ideias.

Era para rir mesmo, porque se manter de terno completo, gravata de seda, chapéu panamá e botinas de verniz, naquele lugar modesto e com um clima quentíssimo era mesmo cômico; ele não se importava com as brincadeiras e com o falatório quando passava todo alinhado, rodando uma bengala de cana da Índia e espalhando um perfume fortíssimo.

Os anos foram passando, Eliseu envelhecia e junto com ele envelheciam suas bem acabadas roupas, ele tinha muita pose e pouco dinheiro, o que o impedia de renovar seu elegante guarda roupa; o povo de Bartira não gostava de suas maneiras e lhe deram o apelido de Pachola e com o passar do tempo ninguém se lembrava de seu nome verdadeiro.

Velho, abandonado e doente ele passou a vagar pelas ruas pedindo ajuda, todos ajudavam com um prato de comida, alguns trocados e peças de roupas usadas, mas com todos os problemas ele não perdia a elegância e mesmo vestindo roupas simples e velhas, não dispensava o uso da velha e esfarrapada gravata de seda e dizia: posso viver sem camisa, mas nunca sem minha gravata; ninguém em Bartira seguiu seu exemplo, continuam simples e despojados como sempre foram e cada vez mais felizes.



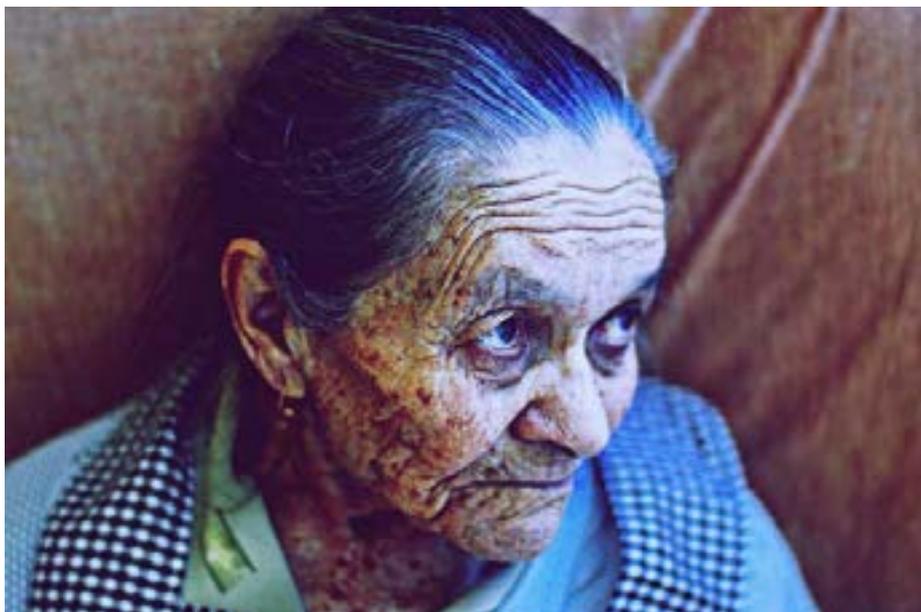


Imagem by Unsplash

LUGAR DE VELHO É NA EUROPA

POR MARIA LUÍZA VARGAS RAMOS

Maravilhei-me em duas temporadas do seriado inglês Downton Abbey. Como tudo o que é bom, um dia acaba. Mas as lembranças e as reflexões ficaram.

Como é mais fácil e mais digno envelhecer no Velho Continente! Sem falar na assistência total que recebem do Estado, os velhos vestem-se com dignidade, usam roupas discretas, pouca maquiagem, tem gestos contidos, muita cortesia e seus conhecimentos são valorizados. Isso mesmo. Mais do que respeito, eles têm valor!

Nos países do Terceiro Mundo, no Brasil especialmente, alguns velhos, com poucos espelhos, pouca visão ou pouca educação, usam biquínis e sungas minúsculas nas praias e piscinas, ostentando a decrepitude, chocando os mais jovens, como se fossem Adão e Eva no Paraíso e ninguém tivesse nada com isso.

Quem sabe também por isso, aqui, o adjetivo “velho” é sempre usado pejorativamente e nunca como sinônimo de maturidade e sabedoria.

O desrespeito é total, nem mesmo as vagas para idosos são preservadas e nas filas os idosos precisam ficar ouvindo piadinhas de extremo mau gosto, como se o mundo pertencesse unicamente aos jovens e os velhos devessem ficar em suas casas esperando a morte, ao invés de ficarem atrapalhando a juventude nas filas de bancos e congêneres.

Velho só é bom se pagar as contas, se tiver uma boa aposentadoria, se deixar uma boa herança e se ficar quietinho no seu canto.

Há uma linha imaginária, recheada de bom senso, que permite envelhecer sem se expor ao ridículo, tampouco deprimindo num canto da casa. Essa linha é repleta de livros, de boa música, de amigos verdadeiros e de uma família solidária. Só assim se pode envelhecer com dignidade num país como o nosso.

E o jovem brasileiro precisa ser mais bem preparado para conviver com as pessoas mais velhas e não viver pensando que será eternamente jovem e imortal. A juventude só é linda de ver e de se destacar nos esportes. Para todo o resto a maturidade conta mais.

Pensem nisso!

PROCURANDO OS SENTIMENTOS

POR MARILINA BACCARAT DE ALMEIDA LEÃO

Onde estão os sentimentos, em que lugar eles estão?... Lá, em um lugar, que não existe e que, aparentemente, não se toca ou se alcança...

No entanto, balançam nossas ideias, revolucionam nosso mundo e nos transformam, nos transportando para o belo, o inimaginável...

Seria possível viver sem os sentimentos?... Viver sem eles?... Acordar, andar, caminhar trôpegos, cegos, perdidos?

As sensibilidades nos fazem seguir, desejar viver mais, respirar mais e, por vezes, desconfiar que seja lá em que habitamos e que, ali, nos encontramos com nós mesmos, porque, muitas vezes, ele é bem real...

Nesse lugar, sem nome, mas onde tudo existe e faz sentido, não há chuva e nem calor...

Nas compaixões, cada carinho, cada lágrima, que escorre, pelos nossos olhos cansados, têm algum significado...

São nas lástimas, que podemos sentir as mágoas.... De que valem os pesares, o porquê dos sentimentos, se, amanhã, podemos não estar mais aqui...

De que valem os cálices de dor, que tivemos, os céus, que vimos neles, o sol, que sentimos?

Qual o sentido disso tudo? Não há um sentimento, há muitos sentires...

Ver a vida, através dos anseios, é maravilhoso. Quando não há dor e, muito menos, tristeza.... Somente emoções boas...

Cansada de esperar a noite chegar, para sonhar, com lindos pressentires, não vou mendigar e, muito menos, esperar pelos sonhos...

Quero janelas abertas, quero sentir o vento no rosto, fazendo-me sorrir.... Quero alegria, não tristeza contida, entupindo as veias do coração, arrolhando a garganta, amargando a boca, parecendo um nó, que não desata nunca...

O céu estrelado convida a olhá-lo. Pequenas luzinhas cintilam, furando o manto negro... Olho em volta, procuro e não vejo a lua. Será, isso, uns dós de solidão, em busca dos pensamentos bons? Sabe-se lá...

Se tudo isso é preciso, chega, basta... Quero ser feliz todos os dias e não, apenas, em alguns minutos...

Quero pressentir, todos os dias, dentro do meu viver, que a vida é feita de sentires, que poderão ser sentidos todos os dias da minha vida...

Colocarei o meu melhor perfume, vestirei o meu melhor vestido, esquecerei as mágoas e só procurarei apreender os anseios bons, onde quer que eles estejam...





POEMA AO ONTEM

POR MARILU F QUEIROZ

Se falamos em sonhos..
Tornamo-nos irrefletidos, irreais...
Fazemos com que a vida
se torne uma constante de ideais.

Se procuramos ouvir o som ilusório
das noites esguias e imponentes...
Julgamo-nos tolos, arrefecidos
de reflexões evoluídas e pertinentes.

Se pronunciamos palavras
procuramos torná-las mais leves...
atenuantes ao verdadeiro significado
obscurecendo suas razões mais breves.

Mas quando usamos a linguagem clara
de um olhar fugidio, calma...
Não conseguimos nem ao menos
diminuir a emoção da nossa alma!

MELANIE, A DESCOBERTA DE SI MESMA

POR MÁRIO REZENDE

Melanie saiu para o quintal da sua casa, depois da discussão que estava se tornando rotineira entre seus pais, ora pelas dificuldades financeiras ora pelas reclamações de sua mãe a respeito do cheiro de bebida que seu pai carregava na boca, quase todos os dias, quando chegava em casa depois do trabalho repetitivo na linha de produção.

Na cidade operária, no oeste do estado, moravam os empregados da maior fábrica recém-instalada naquela região, que ainda não tinha perdido totalmente a monotonia rural para dar lugar à agitação urbana.

Deitou-se debaixo da imensidão de estrelas que podia ser vista daquele lugar, ainda não afetado pela poluição. Ficou tentando identificar as constelações e pensando no dia de hoje, no de amanhã também. Melhor, pensava na sua jovem vida, imaginado o seu futuro. “Como gostaria de sair daquele lugar atrasado, cheirando a esterco e ir para a capital, onde vivem as pessoas importantes, chiques, famosas, cultas, como via na televisão! Sair de mãos dadas com a felicidade e visitar museus e teatros, estudar numa faculdade de moda e depois conhecer o mundo... Nova York, Paris ...”

Já era bem tarde quando ela percebeu uma luz caminhando pelo negrume do espaço. A luz brilhante passou bem embaixo da Lua e parecia não querer ser percebida, assim como alguém que se desloca sorrateiramente. De repente, teve a nítida impressão que a estrela - sim, era uma estrela cadente- encontrou o seu objetivo na observadora silenciosa, curiosa e tinha se voltado na sua direção.

Ela estava vindo direto para a Terra, melhor, para ela, com a rapidez da luz. Naquela altura, Melanie já estava paralisada, esperando. O coração começando a se apressar. Os olhos

ofuscados pelo brilho cada vez mais intenso, que se aproximava rapidamente, crescendo, crescendo, crescendo...

Já não via nada, só o brilho ofuscante... Presa, incapaz de se mover... Até que um sentimento estranho, como se toda aquela luz tivesse entrado pelos seus olhos, eletrizante, percorrido todo o seu corpo e, provocando calor no seu peito, alojando-se - ela sentiu assim - no seu coração.

Melanie não lembra como foi para a cama naquela noite. Acordou na manhã seguinte bem cedo, sentindo leve, diferente, como se fosse outra pessoa. Examinou o seu corpo, todos os detalhes, mas, aparentemente, nada tinha mudado. Levantou-se bem disposta, abriu a janela e a cortina e o sol, ainda morno, invadiu o seu quarto. Com ele uma brisa suave, perfume de flores e canto de pássaros. Isso mesmo, perfume de flores e canto de pássaros.

Nunca tinha percebido isso nos arredores. Naquela manhã, o sol ainda não estava bem quente, começava a dissipar a neblina que, teimosa, insistia em ficar por ali soprando um gelinho no seu rosto. Isso foi motivo para usar em volta do pescoço o cachecol azul-claro que jazia pendurado no guarda-roupa, havia muito tempo. Não se incomodou com o mau humor matinal da sua mãe e o desânimo do seu pai, por mais um dia enfadonho. Caminhou para a escola observando a beleza na vida simples das aves, das borboletas e dos insetinhos, felizes - assim ela pensou - na convivência pacífica. Cada um executando a sua missão no trabalho organizado da natureza, da maneira que a vida deveria ser.

Então, ela percebeu que a vida tem vários aspectos e que cada ser vive a partir de suas peculiaridades da sua subjetividade. Sem essa da necessidade de ter fé, como lhe ensinavam, para conseguir as coisas ou evitar superstições que fazem parte da cultura popular. Ela passou a ser mais confiante. Passou a acreditar que tinha que procurar ser o que queria e, com vontade, conseguiria.

Deu-se conta que outra vida corria paralela àquela que vivia socialmente, com as diferen-

ças individuais necessárias, em convivência nem sempre pacífica, organizadas pela natureza, em que cada um procura satisfazer as suas necessidades diversas, suas idiossincrasias. Outra vida... Como um ser primitivo, natural, assim como uma fêmea do homem animal, em comunhão com a natureza, num ciclo pré-definido que nada tem a ver com as diferenças impostas pelo homem social, que se afasta cada vez mais das suas origens, ignorando as características subjetivas; e que toda a vitalidade que impulsiona universo não existiria se fossemos todos iguais.

Assim, ela passou a viver melhor as suas vidas em comunhão.



De 27 de abril a 1º de maio de 2016

**PARTICIPE DO
30º SALÃO INTERNACIONAL DO LIVRO E
DA IMPRENSA DE GENEBRA - SUÍÇA**

O Varal do Brasil estará presente pela quinta vez levando autores de Língua Portuguesa para este que é o maior evento literário suíço e um dos eventos culturais mais prestigiados de toda a Europa!

Divulgue suas obras!

Divulgue seu talento!

Aumente e reforçe sua network literária internacional!

**Informações:
varaldobrasil@gmail.com**



**Salon
du livre
et de la
presse Genève**

SURPRESAS DA VIDA

POR MARIA (NILZA) DE CAMPOS LEPRE

O dia amanheceu com uma leve ameaça de chuva, se cair será bem vinda para amenizar o calor, e restaurar a umidade do ar.

A manhã passou rapidamente sem grandes novidades.

Minha filha chegou para o almoço com um começo de gripe. Enquanto fazíamos a refeição colocamos nossos assuntos em dia. Depois ela se dirigiu ao seu quarto a fim de fazer sua higiene bucal e deitar um pouco antes de sair para uma nova etapa de trabalho de seu dia. Sentei-me ao computador e comecei a verificação de meus e-mails, quando de repente uma ventania assola o nosso prédio. Foi uma batucada de portas batendo umas depois das outras. No nosso apartamento somente uma delas bateu violentamente, mas não me preocupei com as outras, pois todas têm um peso que as mantêm no lugar.

No momento pensei: - O vento realmente esta muito forte, pois consegui arrastar a porta e o peso que a segurava. Deixa para lá, depois vou abri-la novamente.

Não me preocupei mais com o fato nem fui verificar qual havia se fechado.

Passado algum tempo comecei a escutar uma voz abafada me chamando: - Mamãe me ajude. Apurei os ouvidos e percebi que minha filha me chamava de dentro do quarto. Fui até lá e constatei que a porta se encontrava não só fechada, mas travada de uma forma que nem ela puxando, e eu nem empurrando, conseguimos abri-la. Acontece que ao bater a porta prendeu uma das asas da corujinha que lhe servia de peso, e com isso fez uma alavanca que impedia a abertura da lingüeta da fechadura.

Lutamos por algum tempo e então resolvi pedir arrego a Ana, que trabalha em nossa casa. Ela sentou no chão, e com muita força conseguiu separar o corpo da corujinha de sua asa, mas mesmo assim nada de sucesso. Nem de dentro nem de fora nenhuma das duas conseguia retirar a asinha que ali se encontrava. Acabei dando um palpite, já que não estava fazendo nada, a não ser tentando abrir o trinco da porta:

- Bella, você tem uma tesoura no seu quarto?

Pegue-a e comece a destroçar a asinha, creio que somente assim conseguiremos liberar a porta. Ao mesmo tempo peguei outra tesoura na mesa de meu computador e dei a Ana para que agisse da mesma forma deste lado.

Não foi fácil destroçar o vilão da história.

Enquanto as duas ficavam lutando para retirar o recheio da asa do bichinho, comecei a dar tratos à imaginação.

Como seria se ela estivesse sozinha no apartamento? Estava ali trancada sem telefone, sem inter-comunicador, sem iphone, sem computador, e sem ipad. Havia deixado tudo fora do quarto. Mesmo se começasse a gritar, nenhum vizinho a escutaria, pois o quarto fica distante do corredor. O outro prédio vizinho fica bem distante e a piscina dele é muito pouco frequentada. Ainda bem que estávamos presente. Demorou mas terminaram de destroçar a coitadinha da asa.

Ao abrir a porta tivemos um acesso de risos, pois o piso se encontrava forrado de retalhos de pano e pedaços do recheio. Parecia que um ratinho tinha passado por ali e feito uma tremenda festa.

Tudo terminou bem, minha filha partiu para seu trabalho, embora com um pouco de atraso, e eu voltei para o meu computador.

Parece que a bruxa em verdade estava solta por aqui neste dia, pois repentinamente escutei um grito da Ana pedindo por ajuda.

Sai desabalada em seu socorro.

Quando cheguei à área de serviço, ela estava encharcada de água que jorrava copiosamente da torneira do tanque. Pois, não é que o êmbolo da mesma havia se soltado em suas mãos? Lutava desesperadamente para colocá-lo de volta em seu lugar, mas sem sucesso. Levei até ela uma cadeira para que pudesse alcançar e fechar o registro de água.

Tudo foi resolvido a contento.

O dia de hoje foi mesmo muito movimentado por aqui.

Assim são as surpresas que a vida nos reserva; elas chegam sorrateiramente, sem nenhum aviso.

Mas que graça teria se todos os dias fossem iguais?

A GAROTA E A BIBLIOTECA

POR MARINA GENTILE

Neneca vivia em um lugar distante e então seus pais decidiram mudar. No início ela ficou triste, pois gostava da escola, das amigas e das primas que moravam perto.

Quando chegou à outra cidade, tudo era diferente. No local havia muitas casas pequenas. A maioria das crianças e dos adolescentes não tinha espaço para brincar. Depois que mudou para a nova casa, no novo lugar, Neneca entendeu porque tantas crianças brincam na rua. É a falta de espaço. Havia uma escola ao lado de casa. Sua mãe tentou uma vaga, mas não conseguiu. Teve que ser matriculada em outro local, um pouco mais distante. Ela tinha que andar um pouco mais, entretanto a distância passou a ser normal.

Algumas vizinhas também estudavam naquela escola.

Com elas o percurso ficava mais agradável. Aos poucos ela conseguia adaptar-se a nova cidade, nova casa, nova escola. A cada dia acontecia uma novidade. Mudar de região não era tão ruim o quanto pensara.

Muitas coisas aconteceram para ela, algo mudou a sua vida completamente. Tudo começou assim: . Um dia uma das professoras indicou um livro para ler, mas seus pais estavam com dificuldade para adquiri-lo. Foi então que ela descobriu uma biblioteca, na comunidade.

Ela se informou como deveria proceder para emprestar o livro, era fácil. Bastava levar um comprovante de endereço e um documento pessoal. Com o cartão, qualquer livro poderia ser emprestado e devolvido até no máximo quinze dias. Em caso de necessidade, poderia ficar mais alguns dias com o livro, ou seja, prorrogar o prazo. Ela emprestou tantos livros que, sem perceber, passou a gostar do cheiro dos livros. Imagine! Com tantas visitas na biblioteca, Neneca ficara sabendo que,

naquela cidade, o cadastro realizado em uma biblioteca valia para todas as demais, inclusive nas bibliotecas de outras escolas públicas. Tudo muito fácil, para quem tinha vontade de ler, como ela.

Com tantas leituras, Neneca se tornara uma das alunas com maior popularidade na escola. Algumas colegas ficaram empolgadas com ela, pois sempre tinha assunto. Os meninos gostavam de conversar com ela, os professores idem. Os livros eram a diferença. Algumas colegas decidiram fazer o mesmo que Neneca. Fizeram o cartão da biblioteca e também começaram a emprestar livros. Com isto o grupo das meninas ficou mais unido. Depois disto passaram a ter muitos assuntos interessantes

para conversar. Cada menina interpretava uma história de um jeito especial. Em grupo, ao comentar, cada uma passava adiante suas ideias. Todas ficaram diferentes, evoluíram. As professoras notaram logo. Uma das professoras disse que aquelas meninas iriam longe. Como assim? Uma aluna quis saber direitinho o significado do termo “Ir longe”. Então

a professora contou a história de uma menina que fora sua vizinha e amiga. Era tão esforçada que chegou a tornar-se juíza, uma doutora. Comentou que pessoas assim são exemplos. A professora falava de um jeito especial, de um jeito contagiante. A última frase da professora ficou bem marcada para a menina:

- Se existir esforço e vontade, se chega ao objetivo.

A menina agora sabia o que era ir longe. Ficou encantada e pensativa. Ela também queria ir longe. Depois da aula tomou uma decisão especial: foi para a biblioteca.

Biblioteca é um lugar que pode ser comparado a um tesouro. Lá tem um monte de joias: os livros. Que legal!



O CAMINHO

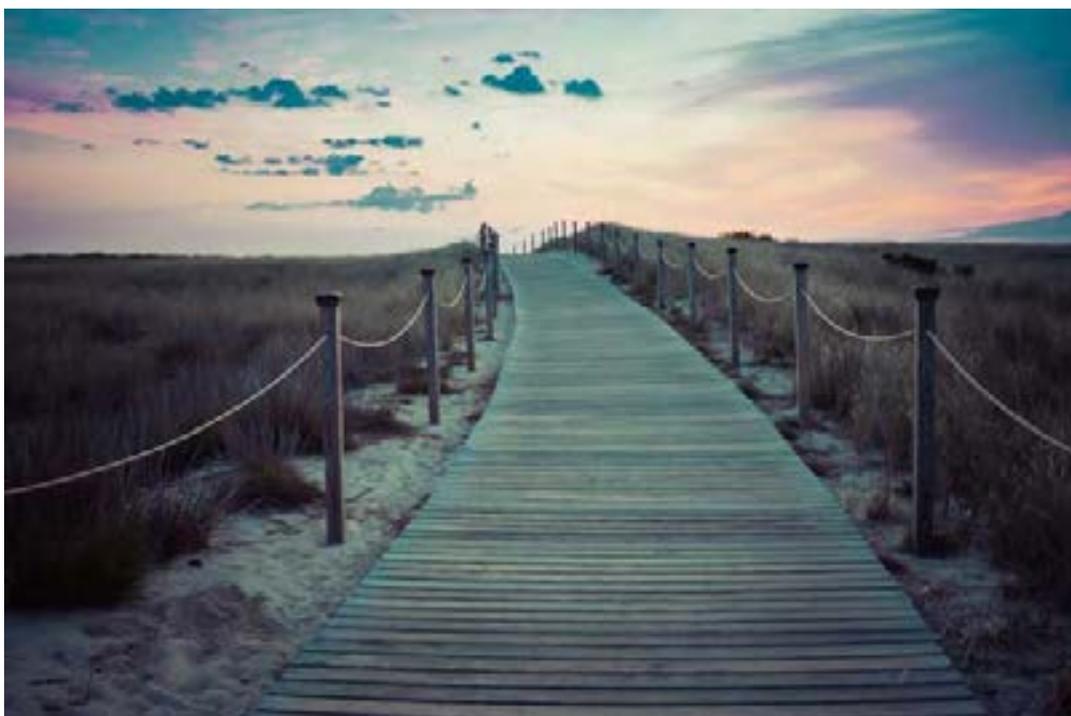
POR MARLY RONDAN

Caminho só pela vida,
Olhando para o infinito.
A Lua é a preferida,
Lugar de sonho; bonito.

É tão longo meu caminho.
Mas, não quero que termine.
Na mãe Gaya é meu ninho.
Quero que o Sol me ilumine.

Aqui é que está Sol e Lua.
No meu caminho eu vou.
Minha mãe Gaya sou sua...

É aqui a minha lida.
Amante da Terra eu sou.
Caminho só pela vida.



DEVOÇÃO

**POR MAURICIO DUARTE
(DIVYAM ANURAGI)**

Corpo, mente e alma.
Sou todo devoção.

Eu giro como sufi,
medito como sannyasin,
oro como um crente
e ritualizo como mago.

Sou todos e um em
múltiplos espelhos que se
espalham em volta
do templo, mesquita, igreja.

Corpo, mente e alma.
Sou todo devoção.

Minha é tua vontade,
divindade suprema, cosmos
de intenção, bondade,
grande mestre do amor maior.

Minhas veias saltam
na tua triunfal chegada,
meu sangue ferve em
ardor de fiel consagrado.

Corpo, mente e alma.
Sou todo devoção.

Crio e recrio minha
realidade porque frente
aos problemas eu sou
sempre um vencedor contigo.

Todo do Tao que
se revela em palavra do
cristão e em verdade
Zen, simples e absoluta.

Corpo, mente e alma.
Sou todo devoção.

Especial é tua
sagrada força e com ela
posso potência
e claridade totais.

Num sopro de teu poder
eu serei uno com essa
força vital e élan
maior de todo Universo.

Corpo, mente e alma.
Sou todo devoção.



ENSAIO SOBRE NADA

POR MAURÍCIO LIMA

Começo o ano precisando me livrar do velho
Não!
Não do meu pai!
Eu quis dizer das coisas velhas
E por que não disse?
Talvez porque seja difícil se expressar
Afinal,
quando se é expresso
a garantia,
se é que há,
é que a encomenda chegue mais depressa
- depressão mesmo -,
o destino
porém
é incerto.

Concluo: às vezes o melhor é calar-se
O silêncio diz muito mais que as palavras
Aliás,
viu como são as coisas?
Diz muito menos,
para falar a verdade!
De fato, nada!
Mas diz melhor porque não diz
e condiz com o nada que em verdade dizemos.

Foi ensaiada essa cegueira toda?
Não vemos...

A metáfora foi boa
não é, Saramago?
Porém o melhor teria sido um ensaio sobre a mudez
Talvez até tenha sido em silêncio e não ouvi
Como afinal é que se pode ouvir de fato o silêncio com todo esse barulho?!
Talvez um ensaio sobre a surdez ajudasse
Ou
(sim!)
um ensaio sobre nada,
onde nada nadasse em nada
em pleno silêncio.





ARCO-IRIS

POR NANA ABUD

Adoro o branco.
De todas as cores, ele é o mais fraco.
Na verdade, ele é fraco demais!
Carrega sozinho a responsabilidade
de conter as guerras, firmar a paz.
Ele não consegue. Não consegue e nem faz.
Também amo o vermelho. Da paixão e do amor.
Do sangue no olho, da violência contida.
Da vida e da morte, tudo ao mesmo tempo.
Pêndulo suspenso no perigo. Sem medida.
E o azul correndo nas veias
mostrando a pureza, que a gente nem tem?
Vai confundindo, tecendo suas teias
e na realidade não fica ninguém! Ficarei sempre feliz,
se puder abraçar o meu amarelo.
Com ele repousar, no final do dia.
Amarelo ouro. Amarelo sol. Travestido de poesia.
Na minha escala de cores
para tantos amores encontro um espaço
mas tirar do céu o arco-íris: não posso fazer e não faço.



Você que
gosta
de
ler...
Venha me visitar!
No site tem:
um blog
crônicas
contos
poemas
pensamentos e
ainda mais
a descobrir!

www.coracional.com

Jacqueline Aisenman - Genebra - Suíça

SILÊNCIO E MÚSICA

POR JACQUELINE AISENMAN

Preciso do silêncio que me cobre de paz
para pensar, para escrever, para observar...
para saber do que eu sou capaz...

Preciso da música que me traz alegria
para pensar, para escrever, para vibrar
para dar vida ao meu dia!

Há momentos para tudo.

Silêncio e música são necessidades.





Varal do Brasil
Literário, sem fronteira

Salon
du livre
et de la
presse Genève

**De
27 de abril
a
1º de maio**

**Venha
viver uma
das mais
emocionantes
experiências
literárias!**

**Salão
Internacional
do Livro e
da Imprensa
Genebra
Suíça**

**Informações:
varaldobrasil@gmail.com
www.varaldobrasil.com**



UNIVERSALIDADE DAS DORES HUMANAS!

POR ODENIR FERRO

Intuo, ao aperceber-me dentro do meu universo,
O quão difícil é, atuarmos-nos com empatia pura
Sobre a universalidade das dores Humanas!

Muito mais complicado, então, se torna
Apercebermo-nos das dores dos animais.
Embora tanto, nos afeiçoamos a eles!

Não sei concluir, ao certo, mas é possível
Que na Natureza, até as plantas diversas,
Possam possuir, em si, formas de dores!

Por que não?! Dizem que elas sentem,
E se sentem, também dentro dos processos
Cognitivos delas existem os sofrimentos
Intraduzíveis aos nossos. Nós e elas,
Assim como tudo o que há na Natureza,
Apenas nos olhamos e nos desconhecemos:
- As dores de cada um é a de cada um de nós!

Quanto a nós, nos emocionamos, sentimos,
Sofremos, por muitos inumeráveis motivos.
E cremos!... Podemos pedir a misericórdia
Pelos os nossos atos falhos ou pelos acertos.
Na espera, na esperança, na paciência, no amor
Duma paz interior, consciente de que uma, alguma,
Divinal clemência, nos conceda, intercedendo por nós
Ao Criador do Universo, ao Cristianismo, ao Judaísmo,
Ao Islamismo, ao Budismo, aos Deuses Olímpicos, Lakshni,
Ganesha, Divindades Celtas, Incas, Hindus, Vikings,
Aos Deuses e Deusas Gregos, Romanos, aos Egípcios,
Aos dos Índios, dos Africanos, aos Líderes
Jesus Cristo, Mahatma Gandhi, Dalai Lama, Buda,
Fernando Pessoa, todos os Poetas, Odenir Ferro,
E toda a Humanidade dramatizando nossa História!

Todos nós, por nós, intercedendo, ao Criador do Universo
Enfim: - Para podermos viver as nossas Vidas, em Paz!



INDRISO A BUSCAR A MANTENÇA DA PAZ

POR OLIVEIRA CARUSO

**O tempo jamais para
nas estradas e jornadas
proporcionadas na vida!**

**Eu não arrumo entreveros
por motivo pouco qualquer,
por ser mui lépido o tempo.**

Ele leva a vida junto.

Então, aproveitemos nós!





Imagem by www.wall-free-photos.com

O QUE FAZIAS ... ???

POR OSIRIS (DUARTE) RORIZ

Acontecem esquisitices curiosas quando se visita países os quais não se conhece seus usos, costumes e, mormente, a língua. Entretanto pode também ser um bocadinho cômico.

Mas calma, o cômico, não tem que desaguar necessariamente em comédia.

Pois bem. Encontrava-me em Lisboa, no Parque Eduardo VII, a flunar pelos Jardins e Caminhos Amália Rodrigues.

Estava também a desfrutar da paisagem. Era um domingo. O céu estava azulíssimo e ventava frescamente. Que delícia ...

Abre parênteses: os turistas-cronistas são meio que espões do dia-a-dia dos povos visitados. Uma espécie de coscuvilheiros (fofoqueiros).

Então, à minha frente, um cavalheiro a chamar por alguém, cujo nome eu não conseguia perceber (entender) qual era. Repetia e repetia o chamamento, e por mais que me esforçasse em atenção, não percebia (entendia) que nome era.

O tal homem, pelo sotaque, um lusitano, com aproximadamente a minha idade, com certeza estaria a chamar por seu neto, já que o fazia de maneira um tanto carinhosa.

E ele, ali parado, voltava-se à direita, à esquerda, e esticava o pescoço, para certamente, avistar quem chamava.

Em minha caminhada, deixei-o às minhas costas, quando de repente, vejo um bonito e saudável cão labrador preto, com a pelagem lustrosa, que em passos rápidos e a abanar o rabo, ia em direção e ao encontro do já referido cavalheiro.

Foi quando, sem voltar-me à cena, ele repetiu o tal nome próprio (que continuei sem entender e até hoje não sei qual era), mas escutei-o falar: “o que estavas ali a fazer” ?

UM CERTO VERÃO

POR PAOLA RHODEN

Entre no aeroporto correndo. Precisava fazer o check-in rapidinho, o avião sairia dali a pouco. A mala enorme cheia de tantas necessidades imprescindíveis, pesava uma tonelada. Enquanto corria pelo saguão atropetado de gente, tropecei na bengala de um cego, passei por cima de um saco de dormir amarrado em uma mochila, e pedindo desculpas à direita e à esquerda cheguei esbaforida ao guichê. É lógico que a mala excedeu o peso. Trâmites cumpridos. Imediatamente corri para o embarque.

No corredor que leva ao túnel de acesso à aeronave, bati na bolsa de uma senhora idosa, que mesmo tendo pedido mil desculpas, me disse poucas e boas, como por exemplo ‘essas pessoas sem educação e sem respeito deviam morrer.’

Claro que mereci cada um dos impropérios, porque, afinal, já estava prestes a embarcar, qual seria o motivo de tanta afobação? Culpa do subconsciente que guardou lá no fundo a noção do atraso que poderia ter acontecido.

Chegando ao destino, já acalmada pela viagem tranquila, desci com o coração feliz. Estava em férias e planejava aproveitar tudinho delas. Era verão, e o verão passa rápido.

Quando cheguei ao hotel reservado por mim através de uma agência de viagens, olhei para a fachada e pensei estar enganada de endereço. Não era exatamente um hotel, e sim um arremedo de pousada, com uma placa caindo nos gonzos onde dizia: “Hotel da Praia”.

Com a imensa mala rodando pela calçada, procurei a porta de entrada. A recepção era um pequeno balcão de madeira com a pintura descascada, alguns livros velhos de anotações espalhados na superfície. Um senhor calvo, vestindo uma camisa que em algum tempo remoto deveria ter sido branca, cumprimentou-me sorrindo e disse com um sotaque, que para uma sulista como eu, foi quase incompreensível:

– Seja bem vinda! Tem reserva?

– Sim! – respondi pensando comigo mesma, que naquela espelunca não teria tanta gente assim, afinal.

– Seu nome? – ele perguntou.

Passei meu documento de identidade e

esperei que ele me desse a chave do quarto.

– Acompanho você até seu quarto. – disse ele solícito.

Ao chegar e ver os ‘aposentos’ verifiquei que a porta não tinha chaves, apenas uma tranca por dentro, dessas que se põe em currais de cavalos. Mais ou menos isso. Inquiri o senhor sobre a chave, e ele disse que não havia problemas, que até hoje ninguém havia reclamado sobre isso. Eu seria a primeira. Fiquei horrorizada, mas como já havia pago a metade do pacote adiantado, e a outra metade entraria em meu cartão daí a uns dias, pensei: vai melhorar.

Fechei a porta com a tranca e fui fiscalizar a higiene. Até que estava razoavelmente limpo. Como sempre carrego comigo lençóis e alguns apetrechos de limpeza, antes de sair para o primeiro passeio deixei o aposento mais ou menos habitável. Afinal seriam somente dez dias. Meu Deus!!!! Dez dias!!!

Após um banho demorado no minúsculo banheiro, vesti um biquíni, uma canga colorida, passei um poderoso filtro solar e fui procurar a praia. Pedi informações e me disseram que a praia estaria a mais ou menos três quilômetros dali. Bem, andar três quilômetros a beira mar é agradável, mas por entre prédios velhos em ruelas que parecem mal assombradas, fica difícil.

Voltei ao quarto. Troquei de roupa, coloquei o biquíni em uma sacola e fui andar os tais três quilômetros. Engraçado que a direção que me deram parecia ir ao norte, e não para o leste onde deveria estar o mar. Mas, o senhor do hotel não iria mentir. Segui em frente. Após ter calculado mais ou menos os três quilômetros andados, perguntei a um menino que passava:

– O mar está perto?

– Tá sim senhora. É logo ali depois da esquina.

Pensei que pelo menos estava indo na direção certa. Passei pela ‘esquina’ que o garoto falou e vi o mar. Só que não era praia, era um amontoado de pedras, latas velhas, barcos abandonados, e um mundo de coisas que eu nunca vira assim em um lugar só. Um cheiro forte de peixe frito e água suja veio até minhas narinas.

Neste momento minha paciência esgotou. Dali mesmo onde estava liguei para o número da agência de viagens que me vendeu

o pacote, e perguntei se eles estavam brincando comigo.

Após muita conversa e esclarecimentos, fui informada que provavelmente o motorista de taxi que me trouxe do aeroporto, enganou-se no endereço e me deixou na espelunca onde estava. Orientaram-me de como devia proceder, e finalmente fui parar no lugar certo.

Aí, sentada na espreguiçadeira da piscina do hotel verdadeiro, para onde deveria ter ido desde o início, escrevi este texto, para guardar e lembrar-me sempre que o lesse, de tomar um calmante ao sair atrasada para pegar um vôo, e principalmente de nunca confiar em motoristas de taxis embriagados. Porque só poderia ter sido essa a explicação para o fato.



Há várias maneiras de contribuir com as associações e pessoas que se ocupam do bem-estar animal!

Se não puder adotar, se não puder contribuir financeiramente, tente outras alternativas, como doar ração ou outros produtos ou mesmo ir pessoalmente para auxiliar a passear com os bichinhos!

Seja humano, ajude os animais!



**Consulado-Geral
do Brasil em
Genebra**

**Rue de Lausanne
45**

1º andar

**1201 - Genève,
Suisse**

**Atendimento ao
Público**

**Segunda a Sexta
das 09h às 13h**

Contato Telefônico:

**Tel: +41 22 906 94
20**

das 14h às 17h



Serviços Consulares
cg.genebra@itamaraty.gov.br

Vistos / Visas
visa.genebra@itamaraty.gov.br

Procuração
procuracao.genebra@itamaraty.gov.br

O TEMPO QUE NÃO SE TEM

POR PAULO GONTRAN

Não gosto de pessoas
que dizem não ter tempo.
O tempo não é nosso
e nem somos dele.

Quem diz não ter tempo
não se tem.
O tempo não é dado,
ele te é mantido.

Então não perdes
o que não tens.
Apenas permaneces
naquilo que te foi
concedido.



Imagem by Patrícia Larrothiere

O ESTRANHO PONTO

POR PAULO PIRES

Quando começou não sei, só sei que a primeira vez que vi foi no domingo. Parecia uma manchinha de piche.

Tentei tirar não saiu passei removedor idem, gilete muito menos. Vai ver era minha imaginação, sono ou algum problema de vista. O dia passou e lá estava ele, as pessoas passavam por cima dela e não percebiam. Porque só eu via? No outro dia fui direto para aquele ponto, lá estava ele parado, só que maior do tamanho.... De um olho. Joguei um prego em cima, nada não puxou, não gemeu. Não podia ser buraco negro, nem ser vivo. Aiiiiii! Esse ponto me deixa malucaaa.....! Esqueci de dizer meu nome: Ida, passagem só de ida não de volta. É o que todos dizem. Voltando ao ponto, agora.

As pessoas começaram a notar, meu filho logo cedo notou:

-Mãe, o que é isso? É piche?

Eu disse que não sabia. Ele disse que depois a gente descobria. Meu marido também pensou que era algum adesivo colocado perto do meu filho:

-Esse Carlinho, é fogo colocou adesivo no chão, passa um removedor depois...

-já passei e não saiu _ disse pra ele que não acreditou, disse pra pedir pra Cleonice tirar com algo. E foi tomar café. Logo depois chegou Cleonice que perguntou o que era aquilo, eu disse que não sabia. Ela disse que ia tirar de qualquer maneira. O dia passou, voltei do trabalho e parecia que Cleonice tinha dado um jeito, passou uma tinta da cor do piso. Tomara que desapareça. Não volte mais.

No terceiro dia fui correndo olhar pra ele. Lá estava... Maior e com uma mancha no meio e do tamanho de uma laranja. Agora parecia um olho, um grande olho imóvel a me olhar. Fui correndo pegar o removedor para tirar a tinta em volta dele, pelo menos ia ficar um ponto menor. Não saiu. Todos passavam e olhavam: primeiro Carlinho:

Olha que olhão mãe!!!!Eu só olhei para ele e não disse nada. Depois veio Nelson, meu marido "tinha esquecido de falar o nome dele", olhou praquilo e comentou:

- Patroa, voltou o negócio de novo pôs as mãos nas cadeiras e disse que ia tirar de novo.

Fiquei mais feliz. Será que ia me ver livre daquele ponto? Cheguei do trabalho e lá estava ele no mesmo lugar. (desta vez Cleonice não conseguiu pintar.) Agora estava entre o sofá e a estante. Vou ter que me acostumar a dizer: bom dia, boa noite para ele. Será que ele tem distúrbio de crescimento?

Quarta feira! Será que ele vai querer ver TV ou ouvir rádio? Como será que ele está? Aumentou mais? Muito. Do tamanho de uma melancia. Todos já estavam se acostumando, o tratavam como parte da casa. O meu filho, meu marido, a empregada (que o lustrou). Estranho como ele cresce. Não parece célula. Radiação? De onde veio?

Quinta feira. Maior ainda está o dobro do tamanho de ontem, de melancia, abismal. Se não tomar cuidado posso cair ou tropeçar. O que eu estou dizendo?! Isso é só uma mancha no chão. Tchau, até mais tarde: Cleonice, bom dia. 'cê viu? Nossa mancha está maior. Concordou: é patroa, é impressão minha ou está ficando mais quente. É parece que 'tá sim Cleonice.

Na hora que todos chegaram, perceberam que estava ficando mais quente o chão. O meu marido disse que a gente devia procurar alguém. Eu disse que era perda de tempo porque iam achar que éramos malucos, depois ia ser aquele vai e vem de cientistas. E o meu filho perguntou sobre as visitas. Eu disse que poderia ser uma nova forma de decoração...

Sexta feira.... Parece que ele cresceu muito mais já ocupou o chão todo. Agora que fudeu....!! Não pode jogar, cair mais nada no chão... Já pensou cair ketchup, molho de tomate? Vai poder virar quadro negro ou pintar quadrados. É isso que vou fazer! Vou pintar como um tabuleiro. Ai poderá jogar damas, xadrez, etc. na sala. Cleonice você chegou, me ajuda a tirar os móveis. Vou pintar esse chão de tabuleiro.

Tabuleiro, patroa? É Cleonice, pelo menos pra disfarçar. Na hora que todos chegaram, perguntaram assustados sobre o que aconteceu. Disse que tinha pintado pra disfarçar. É disseram que tinha ficado menos quente... Sábado, lá estava ele começando a aparecer na parede. Não vai parar mais? Mas você não me oprimir! É só você preencher a parede que vou pintar de tabuleiro. Hoje estão todos em casa. Ainda tem pouco na parede. Não

é preocupante. Meu filho disse que quando chegar no quarto dele ia fazer uns grafites maneroos. Meu marido, Nelsinho, disse que no quarto nem ia precisar pintar que era melhor escuro. Minha casa tem: sala, dois quartos, cozinha e banheiro. Como vou pintar a sala quando o preto cobrir?

Passaram-se cinco meses e o ponto tinha invadido toda a casa. Como pode? Um pontinho de aquele tamanho fazer tudo isso? Mas pinte todos os cômodos da casa de sua maneira. O ponto não tinha mais onde cobrir. Acho que não vai chegar na parte externa da casa. Ontem meu filho amanheceu com uma pinta preta no pé. Perguntei para ele o que foi, não soube explicar. Foi no médico que disse ser mancha de pele. Uma pinta. Mas daquele tamanho? No outro dia aquele pé estava todinho preto. Pensamos que podia se câncer.

Nem levamos o menino no médico. E se fosse mesmo câncer? Teria que amputar? O menino nem tirou o tênis na escola. No outro dia sua perna estava preta. Já estava se conformando. Já achando legal ficar assim. No fim de duas semanas ele já estava todo preto.

-Me diz agora meu filho. E os colegas como reagiram? Muito preconceito?

Primeiro disse que era uma mancha. Foi Clara quem viu. Noutro dia todos ficaram preocupados falaram para eu ir ao médico. Disse que era um tratamento. E fui inventando. O que eu poderia fazer? Porque tá estranhando?

-É que seu pai e eu já estamos ficando com manchas pretas. Seu pai tá com medo de ser despedido.

-Ainda mais naquela empresa...

-Comigo. Acho que não terei problema.

- Eu vou ter que me acostumar.

Passa uma semana.

-Mulher, eu disse pro patrão que é uma doença. Não sei se ele engoliu.

-E você já se acostumou? Vai ter que aceitar. Será assim até o fim. Eu até tô gostando.



Imagem by ©-R2

VENHA TAMBÉM

Curta nossa página no Facebook e envie fotos e sinopses de seus livros para divulgarmos gratuitamente!

<https://www.facebook.com/varaldobrasil/>

Participe também de nossos Grupos no Facebook, Grupo Varal do Brasil, onde temos oficinas literárias criativas e todos podem publicar seus eventos culturais, divulgação de livros e artes em geral e também seus textos!

<https://www.facebook.com/groups/varaldobrasil/>

Venha fazer parte do Grupo Divulgação de Eventos Culturais e Artísticos na Europa, mais uma iniciativa do Varal do Brasil!

<https://www.facebook.com/groups/eventosliterariosnaeuropa/>

Um espaço gratuito para divulgação de seu trabalho literário, artístico, cultural de forma geral: o Blog do Varal do Brasil! Acompanhe, participe!

<http://varaldobrasil.blogspot.ch/>

E em nosso site você encontrará fotos, vídeos, todas as edições da revista Varal do Brasil, além de muitas informações sobre nossas atividades. Visite, divulgue, chame os seus amigos!

www.varaldobrasil.com





PREFERIR

POR PEDRO DU BOIS

A preferência apresentada
na alteração de cores
e traços:

destroços do navio
casco submerso
boias
e botes

mulheres crianças
e ratos.

A VINGANÇA

POR PEDRO HAUSSMANN

Acordou

Ele sabia que seu sono seria leve esta noite, isto se conseguisse dormir. Só tinha um pensamento.

Levantou.

A abundante gordura que carregava abaixo da pele parecia misturar ao suor que insistia em inundar o lençol da cama. O corpo suado era o que, fisicamente, mais lhe incomodava. Passou a mão nas costas empapadas, uma gota de suor escorregou por entre a fenda interglútea, fez cócegas, como se seu próprio corpo desse um sorriso sarcástico, zombando da sua desgraça.

Amaldiçoou o ventilador barulhento. Tomou cuidado para não fazer mais barulho que o aparelho, não podia acordar a esposa ao lado. Ela dormia calmamente, nem uma gota de suor escorria pela testa, sua magreza permitia que um fino cobertor lhe desse conforto no sono. A paz com que ela dormia era uma ofensa para ele, nunca gozara de tanta tranquilidade.

Observou o mural de fotos no corredor. Das doze que contou, ele estava apenas em três, todas com a esposa junto. Era uma metáfora amarga da sua vida, enquanto sua mulher posava sorrindo com várias amigas, ele não podia lembrar em sequer uma pessoa ou momento que desejava pôr naquele mural. Era um misantropo assumido.

Estava revoltado consigo por aceitar as humilhações da esposa, das gozações vexatórias intermináveis dos colegas, desde a escola até ao trabalho, dos pais que o forçaram a uma profissão insuportável e, principalmente, da vida, que como um autor macabro, transformou-o em personagem principal de uma comédia shakespeariana. O final trágico ainda estava por vir.

“Chega!”

Decidiu que pela primeira vez na vida iria tomar uma decisão genuína, não importava quão mesquinha e estúpida ela seria. Era sua vida, e por mais que as consequências fossem ruins, ele que teria que conviver com elas.

Na verdade, qualquer castigo que viesse, ele aceitaria como uma recompensa da atitude

tomada. Qualquer mal advindo de uma decisão espontânea era bem-vindo. Começou a abraçá-lo, cortejá-lo, queria esse mal.

Foi até a cozinha, abriu a gaveta e pegou a faca. Era grande, mas nem tanto, estava afiada, perfeita para o que ele faria.

Decidiu que iria aplicar apenas um golpe, rápido e certo, caso contrário poderia desistir no meio do caminho.

Não era só um ato de rebeldia, era uma vingança. Um ataque feroz em todos que o desprezavam.

Puro instinto adormecido.

Em um movimento rápido ergueu sua mão e desferiu o golpe. A faca transfixou o alvo.

Os jatos do líquido que ali continha sujou a parede e chão. Pouco importava.

O sulco que escorria pela sua mão deixou claro que este era um caminho sem volta.

Terminou de cortar a tampa da laranja e comeu-a. Era a última fruta na geladeira.

A cada mordida lembrava das vezes que pediu a esposa para comprar goiabas, ela insistia em trazer laranjas, as preferidas dela. Podia ser um ato tolo, mas satisfiz sua consciência.

Deixou o bagaço em cima da pia. Queria a briga no dia seguinte.

Sua vingança estava concluída.

Voltou para o quarto e deitou na cama. Dormiu o restante da noite, o calor já não importava mais.



Imagem by Patrick Slattery



VIAGEM PELO MAR DOS SEUS OLHOS

POR RAPHAEL RESYS

Numa tarde de outono quase imprevisível, em um feliz porto de concreto nas Alterosas, cruzei o passadiço da nau errante, carregado de anseios. Através das janelas dos seus lindos olhos castanhos, naveguei um mar bravio.

Como o mito de Jasão em busca do velo de ouro, almejei encontrar o baú das suas emoções. Bem antes do barco da luxúria zarpar nas águas revoltas do seu desejo, pude delirar com os seus abraços e beijos úmidos.

Interrompemos o interlúdio para um repasto, regado ao vinho tinto suave, no quinto piso. Como dois milongueiros no 348 da Avenida Corrientes, fomos a passos trôpegos para a alcova, pois os nossos sentidos estavam em brumas com os corações em frenesi.

Nossos corpos inflamados ondulavam no ritmo das vagas insólitas que quebraram no convés da galera que embarcamos. Singramos juntos os sete mares do prazer. Fomos abortados por piratas etéreos, oriundos das plagas de Eros que nos insuflaram os jogos eróticos.

Fico a contemplar a suave morbidez que se faz em seus olhos. Expressam uma transição. Logo advirá o seu platô. As suas pálpebras serão fechadas e enquanto durar o delírio da pequena morte na alcova iremos às encostas sombrias de Terceiro Céu.

Sonhado e almejado destino de duas almas em harmoniosa junção, buscando uma plenitude. Um coro de sereias emitia espiral sonora, potencializando o nosso mergulho na embriaguez do amor. O nosso doce aroma, exalado pela sensualidade, foi sentido por Afrodite. Formamos uma canga erótica de Vênus e Netuno.

Vênus se deliciou com a ebriedade dos nossos sentidos e nos concedeu como prêmio um filtro de afeição. Ele ficará eterno nas nossas lembranças!

Pela fusão química do crisol de nossos corações, criamos um corpo de desejos.

A alma, escrava do amor, entorpecida pela satisfação desperta em suas reminiscências o canto do Navio Negreiro:

Estamos em pleno mar/douo no espaço/brinca ao luar/doiradas borboletas/e as vagas que após ele, correm e cansam/como uma turba de infantes inquietas...

UMA NOVA VERSÃO DE NÓS MESMOS

POR RENATA DAL-BÓ

Vocês sabiam que Twist and Shout, um dos maiores hits dos Beatles, foi gravada originalmente por um grupo americano chamado Top Notes? Antes do quarteto de Liverpool, uma outra banda, os Isley Brothers, chegou a gravar a canção, chegando até a fazer um certo sucesso no início da década de 60. Mas foi só na versão dos Beatles que Twist and Shout saiu da Inglaterra para o mundo e se firmou com uma das músicas mais importantes de todos os tempos. É difícil imaginar a música Nothing Compares 2U em outra voz que não a da Sinnead O'Connor, certo? O que nem todo mundo sabe é que a versão original da canção, trilha sonora de muitos relacionamentos desastrosos mundo afora, é do Prince. É fantástico o talento de alguns artistas de reinventar canções que já eram absolutamente lindas na sua versão original, diria até corajoso. Nós, pobres mortais, poderíamos ser um pouquinho mais criativos e trazer esse conceito para nossas vidas, criando novas versões de nós mesmos. Diríamos que seríamos a versão 2.0, ao completar 20 anos; 3.0, ao completar 30 e assim por diante. Podíamos nos reinventar a cada idade. Mas o que fazer para criarmos sempre uma melhor versão de nós mesmos de tempos em tempos? Acredito que, em primeiro lugar, precisamos procurar exemplos de pessoas que admiramos. Tem tanta gente bonita, inteligente e talentosa em quem podemos nos espelhar. Com quem você gostaria de se parecer aos 20? Lembrou-me que nessa idade eu tinha muitos ídolos. Queria ter a beleza e talento de Julia Roberts (apesar de que, de parecido com ela só tinha mesmo o branco dos olhos, mas nessa idade a gente acha que pode tudo), a irreverência e inteligência Madonna, a elegância e a realeza de Lady Di.

Na minha versão 3.0 meus pés já estavam mais perto do chão. Meu umbigo deixou de ser o centro do universo e minhas prioridades mudaram junto com minha maturidade. Agora já não era eu e sim, nós. As mães, profissionais, donas de casa, esposa e, acima de tudo,

mulheres inteligentes e belas, eram minhas maiores "ídolas", cada uma representando uma parte de mim.

Atualmente me encontro na versão 4.0 e, sem dúvida, até agora esta é minha melhor versão (espero achar o mesmo das próximas). Estou me dando o direito de ser novamente "um pouco" o centro do universo. Dou-me ao luxo de, algumas vezes, me colocar em primeiro lugar. Não vou dizer que meu pé está cravado no chão, pois acho que voar de vez em quando é importantíssimo para nos mantermos sãos.

Espero continuar me reinventando, pois, existir é exatamente isso, fazer do mesmo o diferente, criar novos cheiros, novas cores, novos sabores, novas alegrias, novos desafios, novas memórias. Afinal, é essa releitura da vida que nos dá ânimo, força e vontade de seguir vivendo.



SOU BRASILEIRA

POR ROZELENE FURTADO DE LIMA



Sou nascida em terras abençoadas
Com os meus voos vejo tantas belezas
Que foram poderosamente criadas
Bendita Pátria amada com certeza
Agradecendo à bondade do Criador
Aqui canto meu louvor, minha prece ,
No idioma passarinhês canto o amor
Pelo sol, chuva e tudo que oferece
Águas do mar, das fontes e das cascatas
Flores, animais e pássaros meus irmãos
Façam coral comigo ecoem nas matas
Nas florestas, repitam todos os refrãos
Convoco para apresentarem todos os dias
Em todo cantinho dessa grande nação
Um coral uníssono afinado com maestria
Alertando que a lei da vida é a preservação
Pela Pátria torrão de todos os encantos
Em defesa da grandiosa mãe terra brasileira
Pela magia da lua e céu azul sagrado manto
Represento o Brasil, sou a Sabiá-laranjeira

***Menção Honrosa no
III Prêmio Varal do Brasil de Literatura 2015***

VOCÊ USA A IDADE CONTRA OU A SEU FAVOR?

POR SANDRA ROSENFELD

Envelhecer é um fato. Mas o peso da idade no envelhecimento é totalmente discutível.

Há pessoas que vão mudando de comportamento conforme os aniversários. Algumas mudam para melhor, libertando-se de pensamentos e comportamentos restritivos. Outras vão criando impedimentos que só existem na própria cabeça.

Outro dia estava lendo sobre uma menina americana que, aos 15 anos, já tinha sua própria empresa nos USA e já estava rica. Porém precisava contratar uma CEO - Chief Executive Officer (Diretor Executivo) porque precisava de tempo para prosseguir seus estudos. Quando a entrevistada chegou, ficou espantada com a menina à sua frente e questionou sobre a sua pouca idade, ao que ela respondeu que idade é apenas um número.

Concordo plenamente. A idade importa muito pouco, o que faz a diferença é como usamos nosso tempo de vida. Sim, temos prazo de validade e este vai esgotar independente do que a gente faça. Então, que façamos o melhor por nós.

Há pessoas velhas aos quarenta; e outras jovens aos oitenta. E isso nada tem que ver com o corpo, mas muito com o espírito, mais precisamente o estado de espírito.

A velhice não acontece de uma hora para outra. Não dormimos jovens e acordamos velhos. Temos tempo para envelhecer. E isso é maravilhoso, desde que tenhamos consciência disso.

Precisamos projetar a nossa velhice da mesma forma que projetamos nossa vida profissional, casar, ter filhos, etc.

Como assim, projetar nossa velhice? Alguns podem estar questionando. Está falando de guardar dinheiro, ter uma reserva? Estou falando muito mais do que isso.

Estou me referindo a viver a vida em sua plenitude. Construimos nosso futuro no hoje

e não com palavras, mas com atitudes. Hoje é o futuro do ontem. Não podemos esquecer disso. Ao querermos uma velhice feliz, precisamos construir essa felicidade agora.

É comum ouvir que as pessoas se tornam seres humanos melhores ao envelhecer. Mas isso não é regra, e o que vemos, com frequência, é aquela pessoa que passou a vida criticando, reclamando, insatisfeita, ranzinza, cheia de preconceitos e limites auto impostos, piorar e muito com a idade.

Então, se você quer usar a idade a seu favor, comece agora, já!



DOAÇÃO DE ÓRGÃOS

POR ROGÉRIO ALVARENGA

Alguém ainda se lembra de Helvécio Daher? Ou melhor, do professor, Helvécio Daher? Ele passou pela vida como uma sombra. Deixou o quê? E professor deixa alguma coisa? Suas palavras? Seu pensamento? Sua imagem? São ações escritas ao vento. Evaporam. Volatilizam. E o mundo gira. Outras vertentes mais importantes afogam o passado. Nem os dados de nascimento e morte são configurados e disponíveis. Talvez, 1935 a 1985, em Belo Horizonte.

Sofreu paralisia infantil, o que tolheu seus movimentos. Andava torto, tropeçando, com duas bengalas. O pai o acompanhava, transportando-o de carro para onde fosse preciso. Assim chegou a matricular-se no curso de Sociologia da faculdade de Filosofia, que funcionava no 19º andar do edifício Acaiaca. Seu pai, atencioso e paciente, parava o carro na porta do edifício, toda manhã, sob um trânsito intenso e ajudava-o a descer do carro. Solto, pegava o corredor largo e entrava no elevador. O pai se despedia e aguardava, no meio dos seus afazeres, a hora de buscar o filho, no mesmo lugar. Todo dia, com o mesmo humor alegre e cheio de carinho pelo filho amado.

Após a graduação, chega-se o momento de iniciar a vida profissional. Tornou-se professor de um dos colégios da CAMPANHA DE ESCOLAS DA COMUNIDADE. Essa entidade educacional se estendida em todo o território nacional e tinha por objetivo fundar ginásios gratuitos. Parece uma utopia. No entanto, tornou-se uma realidade no território brasileiro, antes de o Ministério da Educação alterar o currículo de ensino de primeiro e segundo graus.

Como professor, mesmo com as suas limitações físicas, tornou-se amigo dos alunos e dos colegas professores, pela sua simplicidade e capacidade de interagir com o mundo dos jovens que precisavam de apoio para alcançar maior nível de desenvolvimento cultural.

De professor a diretor do colégio foi um pulo. Daí para integração na diretoria da própria entidade educacional foi outro pulo imedia-

to. Estava sempre disponível para trabalhar a qualquer hora e lugar. Nessa época, já não tinha mais o pai para o amparo imediato. Sempre aparecia alguém nas horas necessárias. Mesmo assim, coordenou as atividades da Campanha CNEC no estado de Minas Gerais por mais de dez anos. Pelas suas dificuldades de locomoção, passou a residir num quarto disponibilizado na entidade. Horário de trabalho, sol a sol. Não, de sol a lua. Salário? Quando houvesse seria repartido. Helvécio começou a sentir-se mal de saúde. Estômago? Rins? Pulmão? Fígado? Um de cada vez, ou todos em ciranda? Um de cada vez, sem perder a vez. E a coisa continuou mais intensa. A mãe requisitou-o para sua residência. Como abandonar a Campanha? Despachar em casa? Trabalhava em casa o dia inteiro, no próprio quarto com mesa grande, ali colocada. Sempre dizia que estava bem, até que os médicos disseram que ele precisava aproveitar bem estes belos dias finais de vida. Foi mais ou menos isso mesmo. Para a mãe foram mais cruéis: “o câncer tomou todos os órgãos internos. Está vivendo ainda pela sua força mental. Todos os órgãos inutilizados.” Helvécio pressentiu o final numa manhã meio nublada. Chamou a mãe e pediu autorização para doar a quem precisar qualquer dos órgãos do seu corpo. A mãe, sem chorar, concordava com qualquer coisa que ele quisesse. Helvécio então, nesse dia, recebendo a visita de um grupo de amigos, declarou que, mesmo partindo desta vida, tinha feito uma declaração, por escrito, como doador universal de órgãos, para o bem da humanidade. Os amigos ficaram emocionados diante da firmeza e da convicção desse ato e mais ainda pela alegria incontida ao revelar essa doação. Nesse momento, todos os amigos já sabiam que esses órgãos, infelizmente, não estavam mais em condições próprias para salvar outras vidas. Helvécio foi. Todos os seus órgãos foram com ele, lamentavelmente.





PALAVRAS

POR SELMA ANTUNES

Essas palavras não são minhas
Não pense que sou o que escrevo
Eu apenas escrevo.

E não sei explicar como
Nem de onde nascem minhas palavras
Sei apenas que elas surgem, não sei de onde
E meus pensamentos ficam mergulhados nelas.

Muitas vezes elas desaparecem
Como se fossem nuvens, como se fossem
sonhos.

Mas na maior parte do tempo,
Elas sussurram em meus ouvidos
E me contam segredos roubados
Que se misturam com os meus.

O AMOR É RECÍPROCO

POR SILVIO PARISE

Quando falamos de amor
vemos que ele é recíproco
caso contrário, não existirá, é claro,
a reciprocidade
que, na realidade é o canal
mútuo e agradável
para que esse amor
com o seu livre domínio
seja de fato correspondido
pelas partes que livremente se abriam
sem verdadeiramente lhe questionar.
Porque somente assim é que existirá
realmente a reciprocidade
entre ambas as partes
para então, atados sem ilusão
esse amor naturalmente desfrutar.
Provando que o amor é recíproco,
quando, realmente esse sentimento
com paixão praticamos sem enganar.



POR PALAVRAS

*“Eu madrugo às tuas palavras”
Oscar Flórez Támara*

POR TERESINKA PEREIRA

Por palavras, existo
e me desperto cada dia
deste impossível sonho
do amor no espaço,
distante passado sem futuro
com terceiras razões
e um coração desmaiado...
De que vale queixar-se?
As palavras não nos alcançam:
demasiado aberto
está o céu entre nós...



URDAS ALICES

(Para Tiva Pisetta)

POR URDA ALICE KLUEGER

Um dia houve uma Urda Alice Schoenau. Na altura de 1950, era alguém revolucionária na pacata e antiga cidade de Blumenau. Trabalhava como frentista do posto de gasolina (quantos postos de gasolina haveria então?), usava calças compridas. Minha mãe a admirava tanto que pôs em mim o nome dela. Nunca a conheci pessoalmente, mas no bauzinho de madeira onde se guardavam tais coisa, na nossa casa, havia uma foto dela – era loira e muito bonita. Quando cresci e passei a votar, um dos mesários da minha mesa eleitoral, a cada eleição me perguntava se eu era parente de Urda Alice Schoenau. Eram as antigas mesas eleitorais em que votei com o velho título, na Artex e no Colégio Celso Ramos. Aquele mesário me falou, algum dia, alguma coisa, sobre essa minha xará viver, à época, na cidade de Indaial, mas a gente nunca se encontrou. Penso se ela ainda vive, se aquele antigo mesário ainda vive. Votava na Garcia quando era uma mocinha.

Depois, teve o caso de Tiva Pisetta, uma moça de Rodeio/SC que era enfermeira do Dr. Ernani Senra, o médico que me botou viva no mundo, em antiga clínica dos altos da Rua XV, em Blumenau, onde meus pais moravam então. Essa moça, Tiva Pisetta, por aqueles dias, foi madrinha de uma sobrinha que nasceu, e escolheu para ela o nome de que gostara tanto, não sei se por minha casa ou por causa de Frau (ou Fräulein) Schoenau, e lá em Rodeio foi batizada uma Maria Urda Alice, a quem, também, nunca conheci.

Assim, há ou houve pelo menos três Urdas Alices sobre a face da terra, e fico pensando na mãe daquela primeira que sei, de onde desencantou tal nome!

O triste, aqui, foi o que aconteceu com Tiva Pisetta. Era uma jovem, então, e foi tomada por um câncer, no tempo que tal coisa era sentença de morte. A sentença logo se cum-

priu. Meus primeiros anos foram ouvindo referências a ela e ao seu sofrimento, com minha mãe nos deixando por algumas horas pra ir a Rodeio visita-la, o que, então era uma viagem. Um dia, acho que quando tinha três anos, minha mãe de novo foi para Rodeio para o enterro dela, e eu fiquei no nosso jardim, despetalando dalias coloridas, flor que nunca compreendi.

Houve que passar o tempo e eu ter um carro para ir com minha mãe a Rodeio, ao túmulo de Tiva Pisetta, aquela moça que me cuidara nos meus primeiros vagidos e que deixara tão boa lembrança em minha mãe.

Assim, houve ou há outras Urdas Alices neste planeta. Gostaria de saber se mais alguém cometeu tal loucura para com uma menininha. Acho um nome bem pesado de carregar, mas estou a leva-lo pela vida fora.

Vivas ou mortas, Urda Alice Schoenau e Maria Urda Alice, abençoem-me, nesta madrugada em que estou especialmente cansada! Talvez suas energias possam me ajudar!



**ELES NÃO VOTAM,
MAS NÓS SIM!**

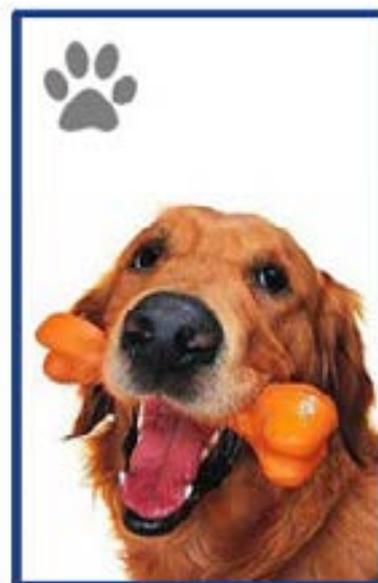


**POLÍTICAS
PÚBLICAS
PARA ELES
TAMBÉM!**

MOVIMENTO DE DEFESA ANIMAL

OS ANIMAIS NÃO VOTAM, MAS NÓS, SIM!

POLÍTICAS PÚBLICAS PARA ELES TAMBÉM!



PROTEJA OS ANIMAIS!



Não só de adoção e doações em dinheiro os refúgios e protetores necessitam!

Doe seu tempo, eduque seus filhos para amar os animais! Ajude na castração de cães e gatos!

Informe-se sobre como você pode ajudar.

**SEJA
HUMANO!
AJUDE
A
PROTEGER
OS
ANIMAIS
INDEFESOS!**



JANEIRO

POR VALQUIRIA IMPERIANO

Janeiro o primeiro,
O começo,
Do ano ?
Das nossa vidas?
Acumulamos votos em dezembro...
Saúde tão cara, tão delicada, tão rara
Paz tão desejada, tão atacada, tão desrespeitada
Seguimos os dias soprando velinhas,
Caindo, levantando, chorando e sorrindo...
Dezembro novos votos...
Janeiro o primeiro,
O recomeço...

CAZU - A MENINA AZUL

POR VERA SALBEGO

Era uma vez num lugar muito distante, havia uma menina que queria estudar, mas seus pais eram tão pobres, que não tinham dinheiro para levá-la à escola.

Os dias foram passando e Cazu ainda triste, com vontade de aprender, ia levando seus dias com todas as brincadeiras infantis.

Na comunidade onde ela morava havia várias crianças que passavam os dias sem nada para fazer, apenas vendo as outras crianças indo e vindo de suas escolas particulares.

Sua mãe, Dona Rita, lavava roupa para fora e ia às mansões do centro da cidade levar as roupas.

Certo dia sua mãe a convidou para ir com ela entregar os pacotes de roupas.

E ela foi feliz da vida! Chegando lá encontrou crianças bem vestidas brincando com bonecas maravilhosas...

Ela ficou de longe apenas olhando aquelas meninas.

Sua mãe a chama para irem embora; ela vai pensando naqueles brinquedos que nunca tinha visto. Sua imaginação fica a mil, e ela agora fantasia sobre aquela casa e aquelas crianças.

Os meses foram passando e Cazu pensava sobre o dia em que viu aquelas meninas brincando com lindas bonecas de porcelana.

Ela imaginava que nunca poderia ganhar aqueles brinquedos caros.

Certo dia sua mãe é chamada àquela casa pela dona, que lhe oferece brinquedos dos seus filhos alegando que as crianças não os querem mais e estão atrapalhando na casa. Dona Rita agradece e fica feliz em levar os brinquedos para seus filhos.

Vai para sua casa levando os pacotes. Chegando lá, as crianças correm em sua direção.

- Crianças olhem o que eu trouxe para vocês. Ela entrega os pacotes e as crianças desembrulham ansiosos para verem o que tem dentro deles.

- Mãe, isso é uma boneca?

- Claro, filha! Ganhei daquela senhora da

mansão.

- Minha nossa! Quantos brinquedos! Que legal!

Assim as crianças ficaram felizes pelo resto da semana. Os dias foram passando e a vida continuava a mesma. Cazu agora um pouco feliz com a boneca nova percebia que algo não andava bem em sua casa.

Ela via seu pai andando triste e conversando baixinho com sua mãe. Eles se calavam ao perceberem que os filhos se aproximavam.

Um dia, toda sua vida iria mudar...

Certa manhã ouviu choros, resolveu levantar-se, chega à sala e vê alguns vizinhos abraçando sua mãe e falando que tudo isso vai passar.

Curiosa fica por perto para saber o que esta acontecendo. Então ouve alguém falar que seu pai sofreu um acidente no centro da cidade.

Sua mãe sai rápido para o hospital, levada pelos vizinhos e chegando lá já é tarde, seu esposo não aguentou a cirurgia e faleceu. Ela não sabia como fazer para contar aos filhos.

Em casa Cazu estava triste e não sabia que seu pai já tinha falecido, quando chega sua mãe chorando e a abraça falando:

- Filha seu pai não aguentou a cirurgia e faleceu.

- Como, mãe?

- Seu pai andava doente e a gente não queria preocupar vocês, mas hoje ele foi atropelado por um carro. Agora quero ver como vamos fazer para enterrá-lo. Não temos dinheiro em casa e nossos vizinhos também são pobres e não sei a quem pedir dinheiro emprestado. Cazu então se coloca a rezar e pede a Deus que as ajude naquele momento triste.

Sua mãe sai e vai à busca de ajuda para poderem fazer o enterro. Procuram a assistência social do Município para ajudá-las.

Assim conseguem fazer a cerimônia fúnebre e despedem-se do falecido.

Fica uma lacuna em seu mundo infantil: a falta de seu querido pai.

Os dias passam e sua mãe agora uma mulher triste mas batalhadora, tem que trabalhar dobrado para sustentar seus filhos Cazu e Paulo. Anda cansada de tanto trabalhar, vê seus filhos cada vez mais sozinhos dentro de casa. Sabe que são crianças e pede aos vizinhos para ajudarem a cuidar deles.

Sabe que são crianças e pede aos vizinhos para ajudarem a cuidar deles.

Numa das casas onde ela trabalha os patrões são pessoas boas, que perguntam sobre seus filhos.

- Eles estão bem. Preocupam-me porque eles ficam sozinhos e tenho medo que algo venha a acontecer com eles.

A dona da casa então responde:

- Rita porque você não os traz um dia desses?

- Posso?

- Claro, querida, nós não temos filhos e adorávamos conhecê-los.

Então certo dia dona Rita veste seus filhos com a melhor roupa e dirige-se para a mansão. Chegando lá, as crianças são bem recebidas e ficam à vontade. Os donos da casa apaixonam-se pelas crianças e conversam com eles animadamente. Ficam impressionados com a desenvoltura de Cazu, que fala a eles de seu sonho de estudar.

Os dois se entreolham e voltam a conversar com aquela doce menina.

A tarde passa rápido e eles vão embora.

O casal então volta a conversar sobre a menina e ficam falando do sonho de estudar que ela tem.

Resolvem perguntar no outro dia para Rita, se eles podem adotar a menina para pagarem os estudos dela e, ainda, irão passar uma mesada para ajudarem na criação de Paulo.

A noite chega depressa e Rita vai até à cozinha para fazer um lanche para eles. Percebe que ali não tem muita comida... Chora entristecida.

As crianças comem o que tem e adormecem cansadas daquele dia maravilhoso.

De manhã cedo Rita beija seus lindos filhos que ainda dormem, e vai para o trabalho.

Na condução para ir ao centro da cidade, seus pensamentos voam... Ela entende que precisa pegar mais uma residência para limpar, pois o dinheiro está pouco.

Quando chega à mansão vê seus patrões esperando por ela para conversarem.

- Rita! Estivemos conversando ontem à noite sobre você e seus filhos e gostaríamos de perguntar se daria sua filha para nós criá-la. Nós daríamos uma pensão para seu filho, afim de você não precisar sair de casa. Pensa com carinho, não queremos adotar com papel passado, apenas ajudar a Cazu em sua formação. Vai continuar a vê-la o quanto quiser. Acredite a gente quer apenas lhe ajudar. Quem sabe você

vem morar aqui conosco e as crianças?

Rita fica pensativa, e depois responde:

- Preciso pensar, a oferta é boa. Mas eu vou continuar cuidando da casa, porque ficar sem trabalhar não é comigo.

- Claro, se quiseres.

Rita volta ao trabalho pensando sobre as ofertas, imaginando o que seus filhos irão falar sobre o assunto.

À noite chega e Rita volta para casa. Chegando lá, diz aos filhos, que precisa conversar com eles.

- Crianças, preciso contar sobre um oferecimento que meus patrões fizeram para nós. Começou a contar e as crianças ficaram pensativas imaginando como seria a vida naquela mansão.

Cazu então percebeu que a oferta seria legal, pois assim ela poderia estudar naquela escola particular da cidade, visto que não havia escola pública naquele lugar. Seria maravilhoso! Cazu, agora com sete anos diz:

- Mãe, eu acho legal, pois só assim irei para a escola e o mano e vocês vão morar bem. Você não precisa trabalhar demais. Vamos tentar mãe!

Eles então começam a arrumar seus pertences pessoais para levarem à mansão.

Rita chama seus vizinhos e distribui a eles suas mobílias; vende sua casinha de madeira. Pegam um carro de corrida para chegarem àquela mansão dos jardins e os donos, agora amigos, os recebem de braços abertos.

Daquele dia em diante suas vidas mudaram para melhor.

Cazu agora frequenta a escola, tem novos amigos e está feliz.

Aquela mansão já não é mais a mesma, agora tem vida; as crianças trazem luz às vidas daquelas pessoas que moram lá.

Até que um dia Cazu ouve de uma colega que ela tem sangue azul. Ela pergunta:

- Por quê?

A menina responde:

- Porque você é filha daquela família rica e eles têm sangue azul.

Assim Cazu fica deveras orgulhosa, pois daquele dia em diante dirá a todos que tem sangue azul.

Os dias foram passando e a família, cada vez mais feliz, vivia radiante com aquelas crianças sorrindo e cantando entre as flores do jardim.

Cazu cresceu e formou-se em Arquitetura. Faz planos para projetar uma Escola Pública na vila onde ela morava realizando, assim, o sonho de levar muitos jovens a estudar e ser alguém no futuro.

Assim viveram felizes para sempre!



VALORIZE O QUE VOCÊ FAZ, VALORIZE SUAS OBRAS!

Hoje em dia milhares de livros são publicados por ano no Brasil e no mundo. A grande maioria financiada pelos próprios autores, que não tem o aval das grandes editoras e nem das grandes distribuidoras. O resultado disto é uma quantidade muito grande de livros sem grandes chances de entrar no mercado literário. O autor deve, além de escrever o livro, ser muitas vezes o seu próprio produtor, distribuidor e vendedor. Faz lançamentos, onde escoam-se alguns exemplares e depois fica à mercê de umas poucas livrarias que aceitam vender a obra. Muitas editoras se aproveitam da fragilidade do “auto” editor e propõem serviços básicos de edição sem sequer propor também revisão e uma boa diagramação. E é destas editoras que em geral nascem livros de baixíssima qualidade que prejudicam o autor que então têm ainda mais dificuldade de acessar o mercado. Outras editoras propõem mais serviços, mas, em contrapartida, reservam-se os direitos autorais e estes últimos são assim usurpados do autor que se vê na obrigação de comprar exemplares do próprio livro sem ter direito a ele. São tristes estas situações todas, pois enquanto uns poucos “escolhidos” conseguem derrubar a barreira editorial e comercial e têm seus livros editados e bem distribuídos, uma grande maioria de escritores não chega nem perto de tudo isto. Vive-se o sonho da edição. E o pesadelo da distribuição e da divulgação.

Aqui em Genebra fazemos um bom trabalho de divulgação. Durante o Salão do Livro e da Imprensa de Genebra, o autor conhece outros autores, troca experiências; conhece meios de edição, de propaganda, troca experiências literárias com outros autores. A network literária que o autor adquire durante o Salão do Livro e da Imprensa de Genebra não se iguala a nenhuma outra similar. Portas se abrem!

O escritor participa de sessões de autógrafos, tem seu nome difundido em blogs, sites e redes sociais. Seu nome é difundido através do site oficial do evento que divulga em sua programação todos os autores inscritos para autógrafa através do Varal do Brasil. E isto internacionalmente, pois a feira de Genebra além de ser a maior feira literária suíça é também uma das mais bem conceituadas da Europa.

Informações: varaldobrasil@gmail.com

NA ALEGRIA OU NA DOR

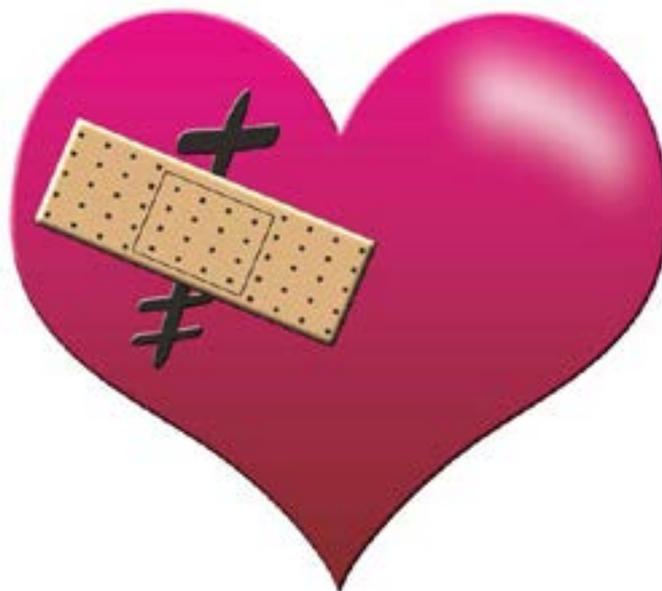
POR VIVALDO TERRES

Não quero mais teu amor,
Não aceito as tuas súplicas!
Ou lamento a tua dor.

O que fizestes comigo!
Não é de se perdoar,
Traístes-me com um amigo...
Não adianta chorar.

Vai embora com este homem,
Que deve ser teu amor!
Deve estar junto contigo...
Na alegria ou na dor.

Por isto só te agradeço.
Pelos anos já passados!
Em que fui teu bom amigo...
E depois teu namorado.



NAQUELA LIVRARIA, VERSO

POR WALNÉLIA CORRÊA PEDERNEIRAS

no intervalo das aulas, ali perto
irei naquele lugar que me acolhe
e aquece o coração em versos...
tenho uma mesinha naquele lugar
e duas amigas de longa data
que também não sentam à mesa.
naquela casa antiga adornada de letras
ali, sentirei saudades por uns dias
direi então em versos poucos
lembranças de amigos doces, queridos
mas não serão impressos nem lidos
assim, todas as manhãs de sábado
preencherão os finais de tarde
que agora fazem parte do Antigamente...
mais uma página virada do avesso
não impeço porque não é inverso
Recomeço.



SONHANDO COM LUZES DO ASTRAL

POR YARA DARIN

Enquanto Antonio montava a tenda onde dormiríamos apenas uma noite naquele imenso prado verde, eu me enxugava e ao mesmo tempo torcia minha roupa molhada. Havíamos enfrentado um tonel de chuva durante a viagem. Já era fim de tarde. Antonio dizia-se cansado e aquela parada seria estratégica para um bom relaxamento. Na manhã seguinte enfrentaríamos uma longa caminhada até o nosso destino. Escurecia quando avistei uma pálida luz ao longe. Estávamos próximo a um vilarejo. Que bom, pensei. Estaríamos mais seguros sabendo haver pessoas por aqui.

As nuvens se dissipavam e as estrelas começavam a aparecer. Olhei para o céu e agradei aquele momento precioso de estar alí junto ao meu amor. Viajávamos sem destino; queríamos encontrar um lugar agradável, porém sem hora e sem pressa de chegar.

-Quer um chá, perguntei-lhe na minha ansiedade, já abrindo a garrafa térmica.

-Sim, por favor, preciso tomar algo quente. Sinto frio, respondeu Antonio.

-Estranho, pensei. O calor dessa tarde estava insuportável, transpirávamos pelo caminho e felizmente aquela chuva caiu como uma bênção!

Percebi suas mãos trêmulas enquanto segurava a caneca quente. Não sei, mas algo em torno de nós não estava bem. Dei alguns passos lentos ao redor da tenda e tudo me parecia intacto. Somente o vento vez ou outra roçava meu rosto e balançava levemente os cabelos encaracolados de Antonio. Alguns vagalumes circulavam ao nosso redor exibindo suas lanternas traseiras.

Enquanto tomávamos o chá, apreciávamos encantados aqueles jogos de luzes e a dança

dos pirilampos parecia nos enfeitiçar. Lembrei das brincadeiras da minha infância com meus irmãos, quando apostávamos quem pegava mais vagalumes. Corríamos feito loucos pela rua para alcançá-los, para depois colocá-los dentro de um pote de vidro com tampa. Por alguns segundos a alegria tomava conta de mim ao vê-los piscando dentro do pote. Voltávamos para casa e cada um de nós exibia sua porção de pirilampos, que já cansados e sem ar, davam os últimos suspiros. Lembranças que agora desejaria apagar da minha memória.

Olhei para Antonio e seu olhar pairava ao longe, muito além dos vagalumes. Seu rosto estava um tanto pálido, mas não quis interrompê-lo em seus pensamentos. Talvez tivesse feito a mesma maldade que eu, na sua infância.

- Laura, gritou Antonio, olhe para aquela estrela, veja como é forte a sua luz, enquanto apontava em direção a ela. Um imenso clarão pulsava no infinito e percorria de um lado para outro com uma velocidade que nos impressionava.

No silêncio do vale, ficamos por minutos paralisados com tanta luz. Aquilo era real. Meu corpo deu o alerta, estávamos em perigo!

Uma névoa sutil envolveu Antonio que desesperado acenava-me com seus braços estendidos e suas mãos querendo as minhas encontrar. Cada segundo que passava, íamos ficando mais e mais distantes. Ainda fitando seus olhos vidrados vi seus lábios balbuciar palavras que eu já não conseguia mais decifrar.

Angustiada e mesmo entorpecida, quase sem forças, ainda implorei 'aquelas criaturas que eu não conseguia identificar como seres normais, que não o levassem! Esperei por ele todos esses anos, alucinadamente, apaixonadamente e agora que eu o encontrei não me conformaria com uma separação.

Eram dois seres estranhos que me olhavam com uma certa indiferença, entreolhavam-se, mas, imobilizados, não emitiam nenhum som.

-Por favor, ele é o meu... e apaguei.

Acordei com os primeiros raios de sol batendo em meu rosto. Um feixe de luz passava por uma fresta da tenda. Por alguns segundos, fiquei tentando imaginar onde eu estaria naquele momento. Havia perdido a consciência.

-Vejo que você dormiu muito bem, exclamou Antonio tomando seu chá.

-Já são 9 horas e devemos partir. Levanta-te, mulher, olha que bela manhã!

Assustada, subitamente levantei-me, não acreditando ser real o que eu via e ouvia. Olhei para Antonio- que estava em pé na porta da tenda, com barba feita, semblante tranquilo, dentro de sua calça jeans, camisa vermelha e a jaqueta que ele adorava. Estava lindo!

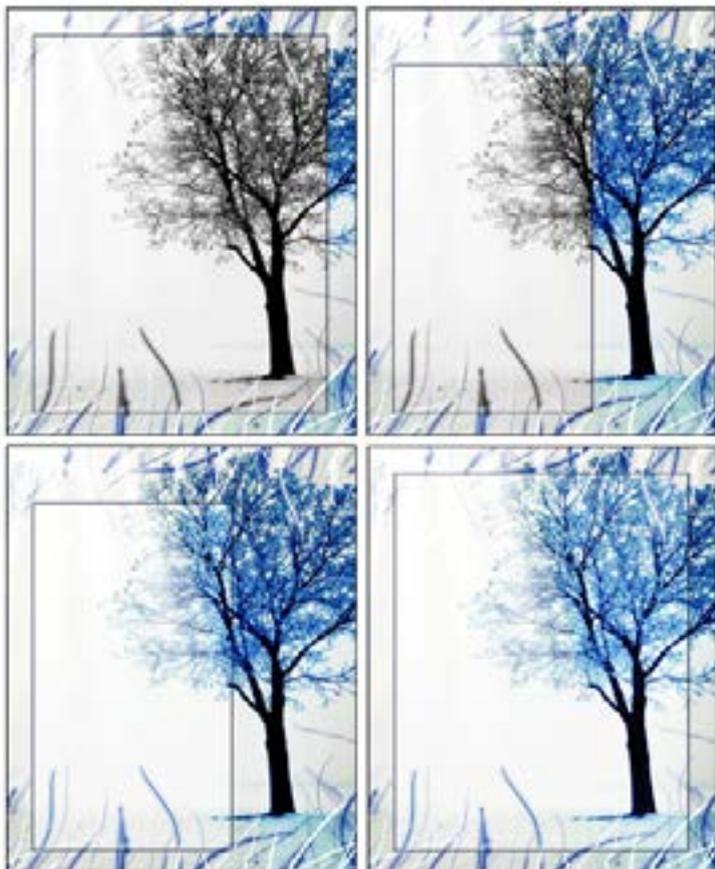
-Antonio, disse eu com a voz embargada, você está bem?

-Lembra-se do acontecido dessa noite, encarando em seus olhos. Não haveria de mentir para mim.

- Lembrar ..o quê? Do que você está falando? Eu, eu estou ótimo!

- Creio que nada Antonio, acho que foi um sonho...

Antonio nem me ouviu de tão baixinho que me expressei. Minha cabeça ainda rodava quando entramos no carro e partimos.



VENHA PARTICIPAR DAS PRÓXIMAS EDIÇÕES!

- Inscrições abertas para a edição de março até dia 5 de fevereiro com o tema MULHER

- Inscrições abertas até 25 de fevereiro para a edição especial PÁSCOA!

Toda participação é gratuita e você não precisa nem ter experiência, nem ser associado a nenhuma academia, organização ou associação.

Envie seus textos para:
varaldobrasil@gmail.com

EU E O PONTO FINAL

POR ZAURA LEYNE

Dentro de mim existe
Um mundo infinito de palavras
Todos a espera de uma conexão
A espera de um alicerce
De um porto seguro
Que seja ponto final.
Dentro de mim existe
Um mundo de histórias
Um mundo de grandes emoções
Todos a espera de uma chance
Para aportarem em uma folha de papel
Para terem vida e contarem sentimentos
Tendo em minhas mãos
O porto seguro que lhe induzam
A chegarem ao ponto final.
Dentro de mim existe
Sonhos hibernados,
Ilusões alegres e confidentes

Vogais desajustadas,
Parágrafos e vírgulas desajeitadas
Esperando pela destreza de meus dedos
Para saltitarem em folhas brancas
Colorindo de sorriso e vida
Um livro que agora está vazio.
Dentro de mim existe
Mundos a serem povoados
Mares a serem desbravados
E portos a serem ancorados.
E em minhas mãos o ponto final
Para tantas e tantas histórias
Sentimentos e caminhos
Que somente eu poderei dar
Um ancoradouro seguro
Para que obtenham vida
Depois do ponto final.

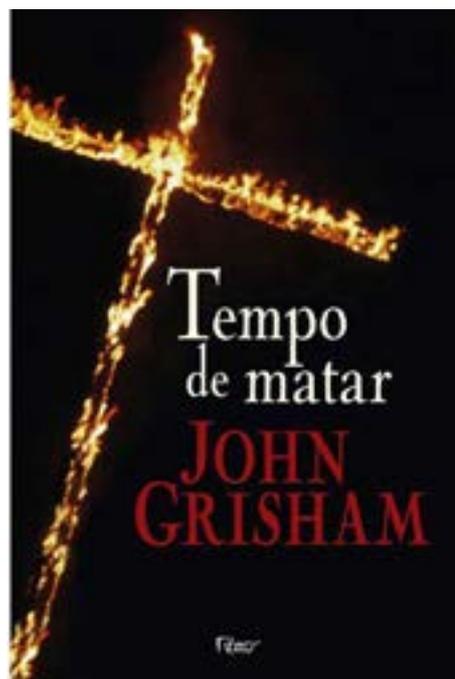


CULTÍSSIMO

Ana Rosenrot

Sabemos que há um tempo para plantar e para colher, para lembrar e esquecer, há um tempo para tudo no mundo e um dia numa cidade do Mississippi chegou o tempo que ninguém desejava, mas sabia que um dia chegaria: o tempo de matar..

Baseado no livro de John Grisham (que se inspirou em suas experiências reais no tribunal) “Tempo de Matar” (Time To Kill – 1996), dirigido por Joel Schumacher, é um filme polêmico que levanta os debates sobre direitos civis, racismo, crimes de ódio, trata de abusos e injustiças, questiona a forma como os mal-intencionados aproveitam qualquer possibilidade para criar a discórdia e disseminar o ódio e a violência e de como no momento certo os bons reagem e finalmente, direitos, deveres e valores são discutidos em pé de igualdade, o legal e o legítimo são postos à prova.



O ator Samuel L. Jackson (numa performance incrível), interpreta Carl Lee Hailey, um pai de família honesto, pacato, um homem que só queria trabalhar, viver em paz e cuidar de seus filhos, mas ao ver sua filha (Tonya) abusada, ferida e deixada para morrer, ele resolve fazer justiça com as próprias mãos, matando os agressores e ferindo um policial, sem saber que está dando início a uma guerra, com direito até mesmo a volta da temida Ku Klux Klan.

Jake Tyler Brigance (Matthew McConaughey em um de seus melhores papéis) é o advogado que tentará o impossível para defendê-lo, travando uma batalha sem precedentes num julgamento onde tudo pode acontecer, colocando em risco sua já frágil carreira, a própria vida e a de sua esposa e filha pequena.



Contando também com as brilhantes participações de Kevin Spacey (como um promotor implacável), Sandra Bullock (vivendo uma jovem estudante de direito) e Kiefer Sutherland (um jovem cheio de ódio), “Tempo de Matar” é um filme de tribunal que nos toca na alma, nos forçando a se perguntar o que faríamos no lugar de Carl Lee, se tudo é válido em nome da justiça e até onde pode ir a busca incessante pela verdade, uma história impactante, mas possível de acontecer com qualquer pessoa e em qualquer família.

Um filme que é uma verdadeira aula de direito, de vida, de humanidade, um filme que todo mundo precisa conhecer e se você ainda não viu, o tempo é agora.

Obrigada e até a próxima!



TEMPO DE MATAR (A TIME TO KILL, 1996 – E.U.A)

Em Canton, no Mississippi, dois brancos espancam e estupram uma menina negra de dez anos. Eles são presos, mas quando estão sendo levados ao tribunal para terem o valor da sua fiança decretada o pai da garota (Samuel L. Jackson) decide fazer justiça com as próprias mãos e mata os dois na frente de diversas testemunhas, além de acidentalmente ferir seriamente um policial. Ele é preso rapidamente, mas a cidade se torna um barril de pólvora e, além do mais, a defesa tem de se defrontar com um juiz que não permite que no julgamento se mencione a razão que fez o pai cometer o duplo homicídio, pois o julgamento é de assassinato e não de estupro.

Para contato e/ou sugestões:
anarosenrot@yahoo.com.br

<https://www.facebook.com/cultissimoanarosenrot>





HISTÓRIA DO BRASIL SOB A ÓTICA FEMININA

Hebe C. Boa-Viagem A. Costa

A MULHER BRASILEIRA NA ERA REPUBLICANA

“Honeste vivere, alterum non laedere, suum cuique tribuere”.(3)

Brocardo jurídico

Enquanto no período imperial as mulheres que se destacavam eram, quase sempre, escritoras, na era republicana suas atividades se diversificam. Embora o direito de frequentar cursos de nível superior tenha sido conseguido no final do Império, é na República que as mulheres se aventuram a disputar mais espaço não só na medicina, mas em inúmeras outras especialidades. Era, entretanto, uma minoria. Os velhos chavões - “rainha do lar”, “musa” – bem melhores do que o de “escrava” – serviam como um engodo que as seduzia e as mantinham presas aos antigos padrões, isto é, vivendo em função dos outros. E seus sonhos, seus desejos, onde é que ficavam?

Lúcia Miguel Pereira acusava a mulher de então, mesmo entre muitas das mais esclarecidas, de não lutarem por seus direitos. Daí a célebre frase de Sartre: “A mulher é, metade vítima, metade cúmplice”. Bertha Lutz*, não raras vezes, dizia: “às mulheres, mesmo quando bem preparadas, lhes falta entusiasmo para lutar”. Gradativamente, talvez por pressão das pioneiras do período anterior, elas começaram a se engajar no movimento de emancipação. Algumas que trabalharam para que a Academia Brasileira de Letras se tornasse uma realidade, aspiravam também a participar dela ocupando uma de suas cadeiras, mas foram barradas. Foi o que aconteceu com Amélia Bevilacqua e Julia Lopes de Almeida*.

O som do “Abre Alas” de Chiquinha Gonzaga*, a independente maestrina, marcou o início do século XX. A mulher que ousara quebrar os tabus nos tempos da Corte, enfrentando a ira dos familiares e o desprezo da



(3) - Viver honestamente, não lesar, dar a cada um o que é seu. Brocardo Jurídico sociedade para dedicar-se à música, tem o apoio de muita gente, inclusive o da Primeira Dama, Nair de Teffé*, outra brasileira corajosa capaz de expressar, sem rodeios, suas ideias, seu modo de pensar. Tanto é que ela própria tocou no violão o “Corta Jaca” de Chiquinha num sarau no Catete, fato muito censurado por Rui Barbosa. A cidadela dos homens especialistas em leis, acreditem, foi uma das mais resistentes à invasão das mulheres. De acordo com a lei, elas podiam frequentar o curso de Direito, mas uma vez formadas, os Tribunais e o Instituto dos Advogados as barravam! Myrthes de Campos*, primeira advogada fluminense, só conseguiu romper essas barreiras em 1906 depois de fazer muitas campanhas e também escrever em jornais delatando essa discriminação. O Código Civil (1916), feito

por homens, também continuou restringindo a atuação das mulheres. O fato de considerá-las “relativamente incapazes” já dizia tudo. Clovis Bevilacqua, no projeto primitivo, não aventou essa incapacidade, mas seu ponto de vista não vingou e com isso, todas as restrições feitas aos direitos da mulher ganharam força. Eis algumas das “preciosidades” do Código Civil: A chefia da sociedade conjugal cabe ao homem competindo-lhe o direito de fixar e mudar de domicílio; de conceder ou retirar a autorização para que a mulher exerça profissão; À mulher cabe apenas a função de auxiliar e só poderá exercer uma profissão se o marido autorizar.

Quando o polo industrial brasileiro se transferiu do Rio para São Paulo, nas fábricas têxteis, a metade do operariado era formada por mulheres. Não desfrutavam de nenhum benefício legal. Além do mais, eram espoliadas nos salários e, não raras vezes, assediadas e perseguidas pelos chefes diretos e patrões. A vida das mulheres de pouco poder aquisitivo não era nada fácil. Assim mesmo elas lutavam para alargar seu restrito campo de atuação.

As bem-nascidas, uma minoria, que tiveram acesso à educação se puseram a campo reivindicando seus direitos e dando mostras de que eram capazes de exercê-los plenamente.

Nos jornais, no entresséculos XIX e XX, apreciavam primorosas poesias parnasianas que, para surpresa dos homens, eram de autoria de mulheres. Auta de Sousa*, Zalina Rolim* e Francisca Julia* foram perfeitas na arte de versejar. Gilka Machado* atreveu-se a escrever poesias eróticas!



A surpresa maior deve ter ocorrido na Europa e/ou nos Estados Unidos quando lá chegaram talentosas brasileiras, tais como a caricaturista Nair de Teffé*, a soprano Bidu Sayão*, as pintoras Georgina*, Tarsila* e Anita*, as pianistas Madalena Tagliaferro, Antonieta Rudge e a incomparável Guiomar Novaes*...

Gradativamente elas foram penetrando em campos até então proibidos. Maria José de Castro Rebelo Mendes, em 1918, conseguiu ocupar um cargo no Itamaraty e Eugênia Álvaro Moreyra* tornou-se repórter, a primeira no Brasil! São tantas as pioneiras! Farmacêuticas, engenheiras, veterinárias, dentistas, todas elas eram únicas nas suas turmas e não esmoreceram. Não deve ter sido fácil.

Na década de vinte duas jovens arrojadas, Theresa de Marzo* e Anésia Pinheiro Machado*, tornaram-se pioneiras na aviação. Essa atividade era olhada com certa reserva, mesmo pelos homens. Mais tarde, uma outra aviadora, Ada Rogato* completaria esse trio ousado.

Na década de trinta a efervescência é ainda maior. Muitas escritoras se notabilizam, entre elas Rachel de Queiroz*. A psiquiatria toma novos rumos com Nise da Silveira*, a luta sufragista ganha força com Carlota Pereira de Queiroz* e Bertha Lutz*, as educadoras – Cecília Meirelles, Armanda Álvaro Alberto e Noemy da Silveira* - assinam o “Manifesto pela Educação Nova”, em 1932, a nadadora Maria Lenk é a primeira e única sul-americana a participar da Olimpíada de Los Angeles, a urbanista Carmem Portinho defende a tese

“Construção da Nova Capital do Brasil no Planalto Central” (vinte anos antes do plano piloto de Lucio Costa), a física Yolande Montoux é pioneira no estudo de raios cósmicos no Brasil...



Na Revolução de 32, as mulheres mostraram ter iniciativa, criatividade, coragem, capacidade de trabalho em equipe e solidariedade. A Cruz Vermelha contou com a experiência de Pérola Byington* em estimular o voluntariado para prestar o auxílio necessário aos combatentes e seus familiares. A ela, juntaram-se Carlota Pereira de Queiroz*, Olívia Guedes Penteado e tantas outras.

Uma grande conquista foi a adoção do novo Código Eleitoral que concedia o direito de voto à mulher. Essa conquista vinha, entretanto, com algumas restrições: as casadas, para poderem votar, precisavam do consentimento do marido! As solteiras e viúvas, só podiam ser eleitoras se comprovassem ter renda!

Para a Assembleia Constituinte de 34 foi eleita Carlota Pereira de Queiroz*, a primeira Deputada Federal de toda a América Latina. Outro fato notável foi a eleição de Antonieta de Barros para a Assembleia Estadual de Santa Catarina, uma vitória para as mulheres negras, antes tão discriminadas. A Constituição de 34 garantia o direito de voto feminino e proibia remuneração diferente entre os sexos para o mesmo trabalho.

Um novo meio de comunicação se impõe - o rádio. Enfrentando a resistência das famílias, as cantoras têm a oportunidade de serem

ouvidas e grandes talentos vão despontando, tal como Carmem Miranda, as irmãs Batista e tantas outras.. Radio-teatro, radionovelas deleitam os ouvintes de boa parte do Brasil.

O Estado Novo decretado por Vargas em 37 outorga outra Constituição que retira do texto sem distinção de sexo. Os malefícios de um governo ditatorial vão surgindo e muitas mulheres são por eles atingidas. Simpatias pelo Partido Comunista determinaram as prisões de Rachel de Queiroz,* Eugenia Álvaro Moreyra*, Nise da Silveira*, por exemplo. O caso mais chocante foi a entrega da judia Olga Benário, mulher de Luiz Carlos Prestes, ao governo nazista sabendo que iria para um campo de concentração e lá seria morta. Pesava ainda o fato de Olga estar grávida de sete meses. Os nazistas apenas esperaram a criança nascer para que Olga fosse sacrificada! Outra mulher destacou-se nesse acontecimento: D. Leocádia, mãe de Luiz Carlos Prestes, que muito lutou para conseguir trazer a neta, nascida no campo de concentração, para o Brasil!



Antes de Getúlio favorecer o operariado, uma freira baiana, a Irmã Dulce*, já criava o Círculo Operário em que dava apoio não só aos trabalhadores como também às suas famílias. A década de quarenta se inicia em pleno Estado Novo que ainda vai durar um lustro. O Brasil entra na II Guerra Mundial e precisando da força feminina a requisita. Setenta e três enfermeiras são habilitadas e partem para a Itália. Essa guerra em nome da liberdade parece que também despertou o desejo do Brasil de dar um basta à ditadura. Em 1945 Getúlio Vargas é deposto.



Em 1950 Romy Martins Medeiros apresentou um anteprojeto de Código Civil para alterar a situação da mulher casada perante a lei (que a considerava relativamente incapaz e dava ao marido o direito de decisão sobre questões relativas ao trabalho da mulher). Entretanto, por muito tempo ele foi engavetado!

Outros fatores, vindos de fora, favoreceram as aspirações femininas. A ONU, desde sua criação, se consagrou plenamente ao princípio de igualdade entre homens e mulheres, princípio estabelecido na Carta das Nações Unidas em 1945 e na Declaração dos Direitos Humanos de 1948.

O Novo Código Eleitoral devolveu à mulher o direito de voto sem as limitações anteriores. Com a queda da ditadura os meios de comunicação deixam de ser cerceados. As companhias teatrais se modernizam e Dulcina de Moraes*, Maria Dela Costa, Bibi Ferreira, Cacilda Becker e outras têm um papel significativo nesse acontecimento.



De atrizes, elas passam a dirigir peças teatrais e também a fazer filmes com sucesso como aconteceu com Gilda de Abreu. O Teatro Experimental do Negro revela talentos como o de Ruth de Souza.

Eros Volusia*, tal como as pintoras rebeldes, modernizou a sua arte. A dança ganhou com ela um novo estilo, assumiu ares brasileiros e recebeu aplausos não só aqui como também no exterior.

Mulher não se dá bem com ciências exatas. Essa crendice foi derrubada quando as mulheres começaram a se destacar no campo da matemática, da física e da química. Yolande Monteux, Sonja Ashauer, Johanna Dobereiner* e outras, mais recentemente, são exemplos indiscutíveis da falácia dessa crença.



Na década de cinquenta, Getúlio retorna ao poder, dessa vez, por eleição. Seu governo teve, entretanto, um final trágico que culminou com seu suicídio. Novo período de incertezas que só terminaria com a chegada de Juscelino Kubitschek à presidência imprimindo um novo rumo ao Brasil. Com ele a Capital Federal se transfere para o planalto goiano. Crescer cinquenta anos em cinco era a sua promessa. Brasília foi inaugurada em 1961 levando o progresso para o interior do Brasil que, finalmente, deixa de só “arranhar a costa brasileira”. Indústrias se interiorizam, estradas são abertas, a TV chega para ficar e, através dela, as diversas regiões desse vasto país se conhecem.

O número de artistas aumenta para atender esse novo mercado de trabalho. Autoras bem sucedidas nas rádios-novela passam a fazer as telenovelas, tais como Ivany Ribeiro e Janet Clair.

No esporte as mulheres aumentam seu espaço e Maria Esther Bueno, campeã de torneios de tênis em Wimbledon, é eleita a maior atleta do mundo em 1960.



Em 1962, depois de quase meio século de discriminação, as mulheres experimentaram mais um avanço na busca de sua emancipação plena. O “Estatuto da Mulher Casada”, Lei 4121/62, retirou do Código Civil a Incapacidade relativa da mulher; deu-lhe a função de colaboradora do marido na chefia da sociedade conjugal; de partilhar do direito de fixar o domicílio da família (ressalvando a possibilidade de recorrer ao juiz, no caso de deliberação que a prejudique) e, finalmente, garantiu-lhe o direito de exercer profissão, sem necessitar da autorização marital ou de ser surpreendida pela casação arbitrária desse direito. Finalmente, o anteprojeto de Romy Medeiros serviu de base para o Estatuto!

Depois de uma fase de esperanças vividas nos anos cinquenta e começos de sessenta, um novo clima de incerteza se estabelece com o governo relâmpago de Jânio Quadros e de sua renúncia. A posse do Vice, João Goulart, depois de muitas pendências, gera insatisfação nos meios políticos e militares. Em 1964 João Goulart é deposto e, novamente, o Brasil mergulha num regime ditatorial dando origem ao chamado “Anos de Chumbo”. Os militares se revezam no poder, novas constituições são outorgadas (1967 e 1969), os dissidentes são exilados, a censura retorna. Há progresso econômico durante certo período... Como todo regime de exceção, há descontentamentos e as mulheres participam dos movimentos de protesto à situação vigente.

Mudanças também ocorrem no âmbito internacional e influenciam o dia-a-dia brasileiro. Os movimentos em favor da mulher sempre contaram com o apoio da ONU que, em 1967, na Assembleia Geral adotou a Declaração sobre a Eliminação de Discriminação contra as Mulheres. Em 1974, a Conferência Mundial sobre a População fez a seguinte declaração:

Não devem ser poupados esforços para assegurar às mulheres o desempenho de um papel semelhante ao dos homens na formulação de programas e diretrizes de desenvolvimento nacional.



Em 1975, Kurt Waldeheim, Secretário Geral da ONU, dizia que o Ano Internacional da Mulher visava a fornecer à comunidade internacional a oportunidade única de promover uma autêntica igualdade entre homens e mulheres, não só no setor jurídico, mas também na vida cotidiana; de assegurar plena participação da mulher no esforço para o desenvolvimento e o desfrute de suas vantagens; de aumentar de maneira significativa a contribuição da mulher para que se alcancem as metas e os objetivos fundamentais das Nações Unidas, a saber, a manutenção da paz e a melhoria das condições de vida para todos.



Isto significava uma promessa de buscar incorporar este vasto setor da humanidade na corrente principal da vida cívica, social e econômica, onde seus talentos pudessem ser utilizados de forma plena, proveitosa e satisfatória. Como essas palavras teriam repercutido no Brasil? Sabemos que do reconhecimento formal do princípio de igualdade à sua aplicação prática há uma distância muito grande. Vimos, através de nossa história, que o avanço nesse campo foi muito lento e beneficiou apenas minorias seletas das classes altas e médias.

As mulheres brasileiras, em 1975, criaram o “Movimento Feminino pela Anistia” e participaram das campanhas que clamavam pelo retorno do país à democracia. Fundaram jornais combativos e participaram do movimento por “Diretas Já”. Algumas se envolveram até na luta armada, sofreram torturas, foram assassinadas ou impelidas ao exílio.



A Academia Brasileira de Letras, em 1977, admite a primeira “imortal”, Raquel de Queiroz*. A partir daí muitas mulheres passaram a vestir os sonhados “fardões” e, no ano em que a entidade comemorou seu centenário – 1996 – a escritora Nélida Piñon foi eleita sua presidente. Em 1980, em São Paulo, surge um movimento visando ao combate à violência contra a mulher que resultou no primeiro “SOS Mulher”. Foram criadas as primeiras Delegacias Especializadas no Atendimento às Mulheres Vítimas da Violência em vários estados brasileiros. Na década dos oitenta o Brasil retorna à demo-

cracia e as mulheres ampliam seu espaço. Candidatam-se a cargos eletivos e vão ocupando postos municipais, estaduais e federais. Prestam concursos e disputam vagas antes só destinadas aos homens. Conselhos Estaduais da Condição Feminina são criados em São Paulo, Minas Gerais e depois em outros estados. Em 1985, por pressão das feministas, o governo criou o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM). Essa entidade, em 1987, lança a campanha “Constituinte pra valer tem que ter palavra de mulher” que obteve bons resultados. Ainda nos anos oitenta aconteceu o 1º Encontro Nacional de Mulheres Negras reunindo em Valença (RJ) 440 representantes de dezenove estados.

Todos esses movimentos permitiram avanços que variavam muito de um setor para outro. Em alguns, são eles significativos enquanto em outros, nem tanto. Ainda estamos anunciando a primeira neste ou naquele posto: algumas ministras de Estado, do Supremo Tribunal Federal, umas poucas governadoras, a primeira artista, Fernanda Montenegro, a concorrer ao Oscar, uma senadora negra...



Nas Universidades, as mulheres estão gradativamente aumentando o percentual entre professores, mestres e doutores, mas ainda abaixo do atingido pelos homens. Depois de 107 anos de existência, na Escola Politécnica da USP, uma mulher, Maria Cândida Reginato Facciotti, tornou-se a primeira professora titular. E os cargos mais altos? Ao que parece, há uma espécie de “teto de vidro” que não as deixam passar além do cargo de diretoras. Chegar à reitoria é ainda uma raridade. Na USP e na UNICAMP

isso nunca aconteceu.

A PUC de São Paulo que se vangloria de ter muita participação feminina, ao longo de toda a sua existência só teve duas reitoras que por sinal tiveram atuações significativas. Nas Universidades Federais, das 53 reitorias, cinco são exercidas por mulheres. No campo da física as mulheres ainda enfrentam preconceitos. Em 2002, das trinta bolsas concedidas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) para atuação no exterior na área de física, apenas duas foram para mulheres.

Apesar disso tudo, as mulheres continuam batalhando e mostrando sua força. Não faz muito tempo a juíza Denise Frossard, no Rio de Janeiro, pôs na cadeia a intocável cúpula do jogo do bicho. O Instituto de Tecnologia da Aeronáutica abriu suas portas às mulheres no final do século XX. Assim, a formatura das primeiras engenheiras do ITA ocorreu no início do novo século. Thais Franchi Cruz, em 2002, tornou-se a primeira a se formar como militar, como engenheira eletrônica do ITA, como engenheira de vôo do Centro Técnico Aeroespacial (CTA) e engenheira de ensaio em vôo da FAB em asa fixa.



No esporte, as mulheres têm conseguido bons resultados. A trajetória perseguida desde o pioneirismo de Maria Lenk na Olimpíada de 1932 até a de 2004 foi de muito empenho por parte de nossas atletas. De apenas uma modalidade – a natação – elas gradativamente foram incorporando outras e conquistando medalhas. Em Atenas (2004), 122 brasileiras, cerca da metade dos nossos atletas participantes, estiveram lá disputando medalhas.

O novo Código Civil que entrou em vigência em janeiro de 2003 proclama a igualdade total

entre homem e mulher:

Art. 1511 – “O casamento estabelece comunhão plena de vida, com base na igualdade de direitos e deveres dos cônjuges.”

Art. 1565 – “Pelo casamento, homem e mulher assumem mutuamente a condição de consortes, companheiros e responsáveis pelos encargos da família.”

Art. 1567 – “A direção da sociedade conjugal será exercida, em colaboração, pelo marido e pela mulher, sempre no interesse do casal e dos filhos”.

Não resta dúvida de que a saga dessas incríveis mulheres buscando o “seu lugar ao sol” mostrou muita garra e notável esforço para atingir seus objetivos. Mas, será que, depois de todas essas conquistas, elas podem cantar vitória? Não! Ainda há muito que fazer. Abriram muitas portas, mas ainda não resgataram tudo que lhes é devido.

A luta deve continuar até que toda e qualquer discriminação deixe de existir.

Afinal, o preço da liberdade é a eterna vigilância.

Referências bibliográficas

- BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo. Fatos e mitos. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, V. I, 1970.
- BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo. A experiência vivida. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, V. II, 1975.
- BUENO, Ruth. Regime jurídico da mulher casada. Lei nº. 4121. Rio de Janeiro: Ed. Forense, 3ª ed., 1972.
- Código Civil dos Estados Unidos do Brasil. Lei nº.3071, de 1º de janeiro de 1916. São Paulo: Ed. Rideel, 4ª. Ed., 1998.
- Código Civil Brasileiro. Lei nº.10406, em vigor a partir de 11 de janeiro de 2003. São Paulo: Ed. Escala, 2002.
- Código Eleitoral de 1932 - Decreto 21.076/ 1932.
- Conselho Nacional dos Direitos da Mulher. Criado pela Lei nº. 7353/1985.
- Dicionário Enciclopédico Koogan Larousse. Rio de Janeiro: Ed. Larousse do Brasil Ltda.,V. II, 1982.
- MONTEIRO DE BARROS, Washington. Direito da Família. São Paulo: Ed. Saraiva, 1972.
- MOUNIER, Emmanuel. Manifesto a serviço do personalismo. Lisboa: Livraria Moraes Ed., p. 150/165/167, SAFFIOTI, H. I. A mulher sob o modo de produção capitalista. In Contexto, nº. 1, novembro de 1976.
- SEVERINO, A. Joaquim. A antropologia personalista de Emmanuel Mounier. São Paulo: Ed. Saraiva, 1974.
- SOHIET, Rachel. O sexo difamado. In Nossa História. São Paulo. p. 14, janeiro, 2004.



top
do
pop

raphael miguel

O REALISMO E AS FICÇÕES

Existe uma latente diferença entre o que é realidade e o que é ficção. Contudo, uma pode se espelhar na outra. Muitas invenções que existiam apenas na ficção se tornaram realidade e muitas obras de ficções bebem de fontes reais para darem o tom em eventos e personagens existentes apenas em um mundo abstrato.

Podemos dizer que a realidade e a ficção são como aquelas irmãs parecidas que vivem tentando copiar uma à outra. Embora tentem se parecer ao máximo, sempre serão diferentes. Não é prudente confundi-las.

Neste ponto surge uma questão: é justo cobrar-mos que a ficção seja sempre parecida com a realidade? Vou além: é justo que o tom realista esteja presente em todas obras de ficção?

Atualmente, mais do que nunca, existe muita cobrança aos meios de entretenimento para que apresentem conteúdos cada vez mais parecidos com a realidade, com a vida real. O consumidor de cultura pop quer se ver inserido naquele filme, naquela série, naquele livro. Se a cobrança por um mundo ficcional mais realista se tornar uma regra, deixará de existir a ficção. É uma conta simples.

Nós precisamos assistir a uma série, por exemplo, e sabermos que ali veremos coisas impossíveis de acontecer na vida real. Devemos ler uma HQ com a absoluta certeza de que seremos apresentados a seres com poderes extraordinários e irreais.

Mesmo produtos vendidos com o selo do realismo, por vezes, apresentam um ou outro

segmento inacreditável. É algo ruim? Não. Isso é exatamente o que chamamos de entretenimento.

Qual a graça de nos divertirmos apenas com obras realistas? Para isso existem os telejornais.

Queremos nos entreter com coisas impossíveis. Temos o direito de nos maravilharmos com seres fantásticos e situações improváveis. O realismo nas ficções não pode ser a regra.





“Comece um caso de amor consigo mesma e pare de se boicotar.”
Martha Medeiros.

O evento sempre “têm” muita gente!!!

... será????!!! Vamos verificar a Nova Grafia para confirmar!!!
O correto é : TEM (sem acento)

Regra fácil: a) Não existe a grafia têm!

b) a reforma ortográfica(Novo Acordo Ortográfico) não atingiu o acento que diferencia o singular do plural do verbo ter. Isto é, o acento diferencial continua para o plural.

Tem é o verbo ter conjugado na 3ª pessoa do singular (ele/ela) no presente do indicativo (tempo usado para retratar um fato ocorrido no momento da fala ou processos habituais):

Têm é o verbo ter conjugado na 3ª pessoa do plural (eles/elas) no presente do indicativo:

Os jovens têm celulares.

Elas têm elogiado o serviço do restaurante.

Pedro gostaria de jogar vôlei “MAS” está sem tempo para se dedicar ao esporte.

... e sem tempo para se dedicar ao estudo da gramática!!!

O correto é: ,mas (uso da vírgula antes do MAS)

Regra fácil: A conjunção “mas” é obrigatoriamente precedida de vírgula quando equivale a “porém”, “contudo”, “entretanto”, “todavia”.
Exemplos:

Gostaria de jogar basquete, mas sou baixinha.(mas= porém)

OBS.: A vírgula , no entanto, poderá ser dispensada quando “mas” fizer parte de uma locução que soma ideias:

Não só traiu mas também mentiu. (traiu + mentiu)

Maria foi uma das que ajuda nos preparativos da festa!!!

... será verdade ???!!!

O correto é: ajudam

Regra fácil: CONCORDÂNCIA VERBAL COM A EXPRESSÃO:

UM DOS QUE

Essa construção exige verbo no plural.

Exemplos corretos:

O professor de português foi um dos que incentivaram a aluna a estudar.

Ela foi uma das que quiseram ajudar nos preparativos.

Você é um dos que acreditam em mim ???

PARA VOCÊ PENSAR:

“Meu amor independe do que me fazes. Não cresce do que me dás. Se fosse assim ele flutuaria ao sabor dos teus gestos. Teria razões e explicações. Se um dia teus gestos de amante me faltassem, ele morreria como a flor arrancada da terra. “Amor é estado de graça e com amor não se paga.” Nada mais falso do que o ditado popular que afirma que “amor com amor se paga”. O amor não é regido pela lógica das trocas comerciais. Nada te devo. Nada me deves. Como a rosa que floresce porque floresce, eu te amo porque te amo.”

Rubem Alves

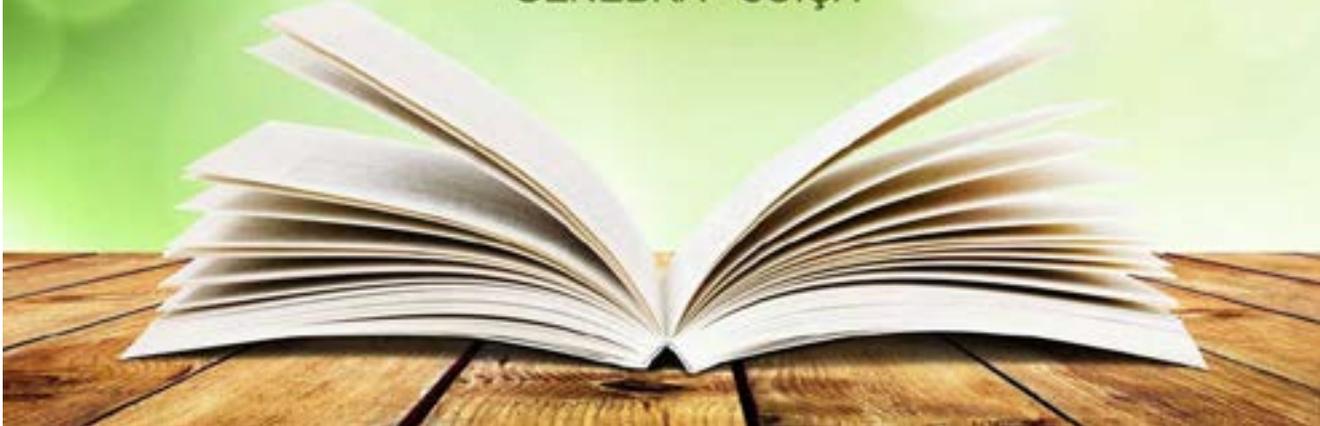
DE 27 DE ABRIL A 1 DE MAIO DE 2016
VOCÊ TEM UM ENCONTRO LITERÁRIO MARCADO!

Salon
international
du livre
et de la
presse Genève

INFORME-SE! PARTICIPE!

varaldobrasil@gmail.com
www.varaldobrasil.com

GENÈBRA - SUÍÇA

An open book with white pages is lying flat on a wooden surface. The background is a soft, out-of-focus green bokeh.



LUPA CULTURAL

COM

ROGÉRIO ARAÚJO (ROFA)

#TODOSCONECTADOS.COM

Hoje em dia o mundo anda cada vez mais conectado do que nunca. A maioria das pessoas não consegue ficar um minuto sequer off-line. Basta chegar num local público onde todos aguardam serem chamados para algo como um médico, dentista ou algo assim que podemos ver o quanto todos ficam “ligados” com seu smartphone na mão e conversando via chat com alguém, seja pelo WhastApp – a maior febre do momento ou mesmo o Facebook, a rede social de maior sucesso já um bom tempo.

Segundo uma recente pesquisa da Universidade La Salle, nos Estados Unidos, esse “vício de excesso de conexão” já afeta 50 milhões de pessoas em todo o mundo e, somente no Brasil, a 4,5 milhões.

Considerada por médicos e especialistas uma dependência tão crônica quanto à de substâncias como álcool e cocaína, esse “transtorno” já é reconhecido pela Associação Americana de Psicólogos como Internet Addiction Disorder (Transtorno do Vício de Internet).

Segundo um artigo sobre esse tema da jornalista Rosana Faria de Freitas, do site Uol, a cientista Kimberly Young, da Universidade São Boaventura, nos Estados Unidos, e diretora do Centro de Recuperação de Dependentes de Internet, confirmou que os sintomas são semelhantes aos de muitos outros vícios: o indivíduo muda sua rotina, negligencia as relações familiares e sociais e perde prazos no trabalho, porque sua vida passa a ser controla-

da pelo computador e afins. Quando o quadro se torna crítico e patológico, é preciso recorrer à ajuda psicoterapeuta.

E o curioso dessa história que é nem os próprios médicos escapam desse “vício”, pois eu mesmo pude comprovar isso numa consulta com meu médico e mais de uma vez. Além de ouvir falar de uma paciente que perguntava algo sobre sua saúde ao médico do setor público e ele não respondia porque enviava respostas no seu WhastApp...

De acordo com artigo publicado este ano na revista científica americana PLoS ONE, o hábito pode trazer riscos à saúde física e mental: avaliação feita com usuários assíduos mostrou que o vício está associado a alterações de humor, risco de depressão e sinais de abstinência, além de fazer com que o sujeito apresente traços de autismo. Entre os sintomas físicos, destacam-se taquicardia, sudorese, secura da boca e tremedeiras.

Além disso, ao longo prazo, há comprometimento da postura, lesões por esforço repetitivo (como tendinite), obesidade ou subnutrição (por causa da má alimentação) e deformidade da visão. Tudo pela “conexão impulsiva”. “A internet se tornou uma ferramenta poderosa para encurtar distâncias, agilizar procedimentos e facilitar a vida de maneira geral.

O problema é que foram surgindo outras dinâmicas, como sites de relacionamento, redes sociais e jogos, produzindo um fenômeno que tem alterado a rotina e a realidade das pessoas”, analisa a psicanalista e neurocientista

Nanci Azevedo Cavaco, sócia fundadora da Academia do Cérebro.

Na verdade, todo excesso tende a ser negativo e o maior perigo do “internauta obsessivo” é se desprender do mundo real para viver num universo paralelo, afastando-se das relações sociais de verdade, num processo de fuga psicológica. Ele perde a habilidade pessoal – percepção, tato, paciência e tolerância para lidar com o outro –, para de ler, tem seu raciocínio crítico minimizado e comumente adia tarefas e compromissos, gerando prejuízos em todas as esferas – familiar, social, acadêmica, profissional.

Tudo pode ser bom, mas ruim também. Basta que a pessoa saiba usar e dosar, para não abusar e depois sofrer.

Que ninguém vive sem a tecnologia isso é público e notório. Mas o exagero causa problemas sérios físicos, mentais e emocionais. E isso começa aos poucos e vai crescendo e cada vez piorando mais. É preciso muito cuidado para não deixar chegar ao ponto do pior.

Finalizando com as palavras da psicanalista e neurocientista Nanci Azevedo Cavaco faz um alerta: “Compreenda que a internet pode aproximar quem está longe, mas distancia quem está perto”.

E se tudo continuar assim será um tal de sem parar: #Todosconectados.com

Voltaremos a esse tema nas próximas colunas...

Um forte abraço do Rofa!

* Escritor, jornalista, autor do lançamento infantil “Rofinha e os amigos de oito patas” (Garcia, 2015), do livro-duplo infantil “O super-herói do Natal/Presentão do Natal” (Garcia Edizioni, 2014), de “Crônicas, poesias e contos que u te conto...” (Literarte, 2014), lançado na 23ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, em 2014 e de “Mídia, bênção ou maldição?” (Quártica Premium, 2011); colunista do “Jornal Sem Fronteiras”, da “Revista Varal do Brasil” e do site “Divulga Escritor”; participações em diversas antologias no Brasil e exterior; vencedor de prêmios literários e culturais; membro de várias academias literárias brasileiras e mundiais.

O que achou da coluna “Lupa Cultural” e deste texto? Contato por e-mail: rofa.escritor@gmail.com ou pela fanpage Escritor Rofa ou pelo site www.rofa.com.br



O VARAL DO BRASIL E A NOSSA LITERATURA

UM PROJETO PARA A LITERATURA, SEM FRESCURA! Desde 2009 com você!

Divulgar o idioma Português além de suas próprias fronteiras.

O Varal, é um projeto que já começa a se mostrar pelo título: Literário, sem frescuras. Nele escritores são escritores, sejam eles conhecidos ou anônimos.

Sejam eles os que o mundo já expôs ou aqueles que nem a família conhece.

Escritores publicados e bem divulgados podem nos levar em viagens através de seus escritos, sejam eles ainda desconhecidos ou consagrados. E aqueles tímidos, que se intitulam escritores “de gaveta” e que dentro delas guardam tantas maravilhas, podem finalmente se manifestar e compartilhar conosco a arte que lhes habita fazendo com que, junto com eles, sonhemos...

O espaço é de todos!

Os textos não precisam ser inéditos e o autor não precisa já ter publicado antes.

Uma revista literária sem frescuras. Um varal de textos estendido entre o Brasil e a Suíça e que hoje atravessa todas as fronteiras!

Um poema de amor à escrita. Uma ferramenta para divulgar nossos escritores.

Tudo isto acima e muito mais é o Projeto Varal do Brasil, iniciado no mês de novembro de 2009.

Você não pode ficar de fora. Qual a sua forma de expressão?

REVISTA VARAL DO BRASIL

CH - ISSN 1664-5243

A revista Varal do Brasil é uma revista independente e legitimamente suíça, realizada por Jacqueline Aisenman.

Todos os textos publicados no Varal do Brasil receberam a aprovação dos autores, aos quais agradecemos a participação.

Se você é o autor de uma das imagens que encontramos na internet sem créditos, façanos saber para que divulguemos o seu talento!

Licença Creative Commons.

Distribuição eletrônica e gratuita. Os textos aqui publicados podem ser reproduzidos em quaisquer mídias, desde que seja preservado o nome de seus respectivos autores e não seja para utilização com fins lucrativos.



A revista está disponível para download gratuito no site www.varaldobrasil.com

Contatos com o Varal?

varaldobrasil@gmail.com

A responsabilidade pelos textos e pelas colunas assinadas é exclusiva de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista Varal do Brasil.

Para participar da revista, envie um e-mail e enviaremos o formulário. Toda participação é gratuita assim como a distribuição da revista.



Participe da revista Varal do Brasil!

Você não precisa ser associado a nenhuma organização ou associação e toda participação é gratuita!

Também não é preciso se associar e nem pagar algum tipo de cotização.

Basta escrever e enviar seu texto para nosso e-mail!

VOLTAREMOS EM MARÇO COM O Nº 40!

www.varaldobrasil.com
www.varaldobrasil.blogspot.com
varaldobrasil@gmail.com

